



COLEÇÃO APLAUSO PERFIL

UMA ATRIZ BRASILEIRA

ELIANA PACE

imprensa oficial

GEÓRGIA GÓME

**Geórgia Gomide**

**Uma Atriz Brasileira**



**Geórgia Gomide**

**Uma Atriz Brasileira**

Eliana Pace

**| imprensaoficial**

São Paulo, 2008



Governador José Serra

**Imprensa Oficial** Imprensa Oficial do Estado de São Paulo  
Diretor-presidente Hubert Alquéres

**Coleção Aplauso**  
Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

## Apresentação

Segundo o catalão Gaudí, *não se deve erguer monumentos aos artistas porque eles já o fizeram com suas obras*. De fato, muitos artistas são imortalizados e reverenciados diariamente por meio de suas obras eternas.

Mas como reconhecer o trabalho de artistas geniais de outrora, que para exercer seu ofício muniram-se simplesmente de suas próprias emoções, de seu próprio corpo? Como manter vivo o nome daqueles que se dedicaram à mais volátil das artes, escrevendo, dirigindo e interpretando obras-primas, que têm a efêmera duração de um ato?

Mesmo artistas da TV pós-videoteipe seguem esquecidos, quando os registros de seu trabalho ou se perderam ou são muitas vezes inacessíveis ao grande público.

A *Coleção Aplauso*, de iniciativa da Imprensa Oficial, pretende resgatar um pouco da memória de figuras do Teatro, TV e Cinema que tiveram participação na história recente do País, tanto dentro quanto fora de cena.

Ao contar suas histórias pessoais, esses artistas dão-nos a conhecer o meio em que vivia toda

uma classe que representa a consciência crítica da sociedade. Suas histórias tratam do contexto social no qual estavam inseridos e seu inevitável reflexo na arte. Falam do seu engajamento político em épocas adversas à livre expressão e as conseqüências disso em suas próprias vidas e no destino da nação.

Paralelamente, as histórias de seus familiares se entrelaçam, quase que invariavelmente, à saga dos milhares de imigrantes do começo do século passado no Brasil, vindos das mais variadas origens. Enfim, o mosaico formado pelos depoimentos compõe um quadro que reflete a identidade e a imagem nacional, bem como o processo político e cultural pelo qual passou o país nas últimas décadas.

Ao perpetuar a voz daqueles que já foram a própria voz da sociedade, a *Coleção Aplauso* cumpre um dever de gratidão a esses grandes símbolos da cultura nacional. Publicar suas histórias e personagens, trazendo-os de volta à cena, também cumpre função social, pois garante a preservação de parte de uma memória artística genuinamente brasileira, e constitui mais que justa homenagem àqueles que merecem ser aplaudidos de pé.

**José Serra**

Governador do Estado de São Paulo

## Coleção Aplauso

*O que lembro, tenho.*  
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa a resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileira vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se reconstitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira, no tempo e espaço da narrativa de cada biografado.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos extrapolam os simples relatos biográficos, explorando – quando o artista permite – seu universo íntimo e psicológico, revelando sua autodeterminação e quase nunca a casualidade por ter se tornado artista – como se carregasse desde sempre, seus princípios, sua vocação, a complexidade dos personagens que abrigou ao longo de sua carreira.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente a nossos estudantes, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Desenvolveram-se temas como a construção dos personagens interpretados, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns dos personagens vividos pelos biografados. Foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Gostaria de ressaltar o projeto gráfico da *Coleção* e a opção por seu formato de bolso, a facilidade para ler esses livros em qualquer parte, a clareza de suas fontes, a iconografia farta e o registro cronológico de cada biografado.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –, é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que nesse universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

**Hubert Alquéres**

Diretor-presidente da  
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo



## **Dedicatória**

### **Aos meus admiradores**

*Ao ler estas páginas, meus leitores não vão perceber que estou um pouco aflita, nervosa. É que, neste livro, conto a quem não me conhece, ou àqueles que me conhecem e acompanham minha carreira há, pelo menos, 50 anos, coisas, experiências, momentos que fizeram e fazem a minha vida.*

*Quando deixo a cabeça fluir, algumas lembranças bonitas aparecem. Então, aproveito para colocar para fora, de coração aberto, coisas que me dão felicidade. Ou não. Agradecendo sempre a Deus por ter achado que eu as merecia.*

*Deixo este livro para familiares, amigos, gente que me ama e tem interesse por mim. Seria bom se mais gente fizesse o mesmo, legando suas memórias a filhos, netos e bisnetos.*

**Geórgia Gomide**



## Introdução

Geórgia Gomide é uma mulher surpreendente.

Nos nossos dois primeiros encontros, sentadas lado a lado no sofá de sua ampla casa de Perdizes, onde viveu até 2008, água e cafezinho servidos, fala timidamente de sua vida de esportista e de como começou sua carreira de atriz. Parece desconfiada, constrangida em expor sua vida e seus segredos para uma pessoa estranha. No terceiro contato, deixamos o sofá e ficamos cara a cara na mesa de jantar. Geórgia fica mais solta quando estamos frente a frente, olho no olho.

13

Na nossa quarta reunião, encontro a casa de Geórgia revirada. Um pintor trabalha na sala, os móveis estão deslocados e jornais e latas de tinta disputam espaço no chão com Lua, Lilica e Meg, as três *cockers-spaniel* da família Gomide (Lua morreu pouco depois): a atriz divide, temporariamente, a casa com o filho Daniel e a nora Flávia, enquanto o apartamento do casal está em construção. Geórgia, então, me pede opinião sobre a recolocação dos móveis no amplo espaço. Em cinco minutos, ela de um lado, eu de outro, trocamos sofá e mesa de jantar de lugar, testamos quadros nas paredes, checamos medidas de estantes. Já íntima da dona da casa, abro a porta

da cozinha e peço um café novo a uma das suas ajudantes. Então, nos sentamos e gargalhamos com as novas posições que acabávamos de assumir. A estrela que vira gata borralheira, a meter os pés nas latas de tinta espalhadas pelo chão, e a jornalista desligando o gravador para dar palpites de decoração. Quando chegamos, as duas é claro, porque me incluo no projeto, a um resultado bastante satisfatório na distribuição dos móveis, ligamos a televisão e vemos, juntas, o último episódio de *Malhação* em que Geórgia Gomide faz uma *mamma* italiana querendo casar o filho professor.

- 14 Quando a TV Globo a chamou para participar do episódio *O Castelinho da Rua Apa*, no programa *Linha Direta*, recebi de Geórgia um convite especial: acompanhá-la nas gravações, com a oportunidade ímpar de conhecer o Projac. Fui num misto de amiga, agente e empresária e, segundo Geórgia, fiquei tão deslumbrada com o mundo televisivo que saí de lá me achando assistente de direção. Ela conta a quem quiser ouvir, às gargalhadas, que eu quis interferir tanto em suas cenas e na sua interpretação que o diretor do programa não conseguia disfarçar seu espanto. Não é bem verdade. É que, como Geórgia tinha repassado o texto comigo, no hotel, fiquei a seu lado puxando por sua memória.

Além disso, reconheço que acabei sugerindo à equipe alterações na marcação de uma cena, uma única, verdade seja dita, para facilitar a interpretação de Geórgia. Como o diretor acatou o que falei, acho que minha amiga exagerou na preocupação para comigo.

Geórgia Gomide esteve em Santos comigo algumas vezes. Meu cachorro viaja o tempo todo no seu colo. Lá chegando, ela almoça com minha família, vem pegar praia no meu *point*, junto à Doceira Joinville, e à tarde, nos encontramos para uma rodada de chope no Píer, um bar badalado da Ponta da Praia. É ali, junto a outras amigas fiéis, categoria na qual acaba de me incluir, que fala da importância de Santos em seu passado. Foi junto ao mar que começou uma paixão, a maior de sua vida, e que lhe rendeu seu bem mais precioso, o filho Daniel.

Temos, Geórgia e eu, duas opções de como contar essa história de amor. A primeira, mais radical, é escancarar o romance que permaneceu discreto por toda uma vida e esmiuçar os bons e maus momentos, muitos e intensos todos eles. A segunda é continuar preservando a identidade do pai de Daniel em consideração à sua vida e à do filho querido. Se eu fosse uma jornalista sensacionalista, especializada em celebridades, forçaria a barra pela primeira opção. No entanto,

como profissional que faz do respeito uma norma de vida, fecho com Geórgia um tratamento reservado para os acontecimentos.

Geórgia Gomide é uma diva, efusiva e aberta, espontânea e divertida, ainda hoje um mulheirão, como a ela se referem seus admiradores homens. Viveu intensamente, participou com *glamour* de uma época especial da vida artística brasileira e fez do trabalho sua mola propulsora, representando, com talento indiscutível, personagens os mais diversos dentro da televisão, do teatro e do cinema.

16

Elfriede Helène Gomide Witecy é uma mulher discreta e reservada, insegura e, por vezes, tímida, em busca da realização de alguns sonhos. Uma cidadã politicamente correta, ética e de uma honestidade a toda prova, mais interessada em sua própria vida do que na dos outros. Que não esperem deste livro, portanto, os incontáveis admiradores de Geórgia Gomide, fofocas ou insinuações sobre colegas de trabalho, bem como revelações bombásticas sobre grandes ou pequenos envolvimento amorosos seus ou de outrem. Esta biografia representa, para a atriz, a oportunidade de um balanço, uma autocrítica de suas experiências e vivências.

Na qualidade de admiradora da artista e de

parceira desta empreitada, acredito ter sido fiel às suas expectativas. A prova maior do nosso entrosamento é que, ao final desta obra, não só ganhei de Elfy, como é chamada pelos parentes e amigos mais chegados, sua confiança, como um presente eterno: sua leal amizade.

***Eliana Pace***



*Daniel, filho querido e companheiro*

## Desafiando Limites para ser Feliz de Verdade

Eu adoro ler! Leio coisas boas, ruins, *best-sellers* e até livros de auto-ajuda. Essa minha vivência qualifica-me para explicar a vocês que, antes deste trabalho iniciar, eu imaginava, por conhecer algumas biografias, que este livro tinha tudo para ser mais uma daquelas histórias vazias, sem conteúdos bombásticos e com grandes bobagens ou futilidades. Para mim, esse tipo de trabalho normalmente serve apenas como literatura de passatempo em livrinhos de palavras cruzadas. Estava equivocado!

19

Durante o processo de produção, acompanhei o trabalho a distância, porém atentamente afinal, qual o filho que não quer se intrometer na vida dos pais e dizer o que está certo e o que está errado. Foram inúmeras entrevistas e muitas experiências especiais vividas pela autora e Geórgia. Percebi então que este livro, fruto dessa feliz simbiose, culminaria em um dossiê desenvolvido com uma importante dose de autocrítica e repleto, em muitos momentos, de dissertações responsáveis sobre alguns aprendizados e peças que a vida havia ensinado a essa grande estrela – a atriz Geórgia Gomide.

Na minha opinião, este livro, contrariando a minha expectativa, estimulará você, leitor(a), a refletir sobre alguns temas importantes de nossas vidas e, especialmente, as decisões que somos obrigados a tomar para acertar o castelo de cartas que construímos ao longo de nossas histórias. Além disso, você vai conhecer e se divertir com as inúmeras e inéditas histórias de uma atriz de grande sucesso nacional e internacional.

20

Elfy, ou Geórgia, como todos a conhecem, requer atenção a ser comentada. Afinal, trata-se de uma pessoa com uma personalidade de importante complexidade mas, ao mesmo tempo, determinada em ser útil para o mundo e para as pessoas que aprendeu a amar. Fez de sua vida uma enorme experiência evolutiva, enfrentando grandes desafios de aprendizado e crescimento. Sempre fiel à ética, à sua família e a seu único grande amor, experimentou quase de tudo. Acertou muito e errou demais, porém, evoluiu com maturidade e sempre muito consciente do papel que exerce nesta vida.

Todos nós nascemos predeterminados a acertar a sermos felizes. Para qualquer um, esse complicado caminho passa por incontáveis e inesperadas opções e difíceis decisões, quando não os dois casos juntos. A meu ver, Geórgia tomou decisões e agiu, ao longo de sua vida, especialmente na

sua carreira, de forma muito questionável. Ela não pensava nela, mas sim em ajudar, em ser amiga e em fortalecer a televisão e a cultura de seu país. Posso exemplificar a minha opinião, citando alguns fatos.

No segundo auge de sua carreira, nos anos 80, optou por mudar de *emissora*, trocando a Globo pelo SBT, para colaborar com outros projetos culturais, abdicando assim de papéis que depois consagrariam outras grandes atrizes. Exigia de alguns diretores, novatos na ocasião, coisas que os mesmos não estavam prontos a oferecer.

Foi mãe solteira, o que dificultaria a logística de sua carreira para a época. Nunca usou drogas, reduzindo significativamente seu grupo de relacionamento profissional. Afinal, foi e sempre será caretésima! Bom um filho poder falar isso, não?

21

Por outro lado, viajou como poucos e aproveitou muito. Amou sempre o mesmo homem. Ganhou muito dinheiro que soube gastar integralmente e de forma sadia, sem se preocupar com nada. Construiu um patrimônio moral inquestionável.

Os caminhos obrigaram-na a transpor obstáculos inefáveis, romper paradigmas (eu odeio essa palavra), desafiar seus limites físicos e até intelectuais tudo em nome da verdadeira fe-

licidade. Venceu o preconceito na família por ser *miss* e modelo. Por ter-se tornado atriz, foi excluída da partilha das heranças deixadas pelos antepassados, além de ter sido passada para trás pelas “titias”. Enfrentou uma gravidez como projeto independente em uma fase especialmente complexa de nossa sociedade (anos 70) e, com aproximadamente 10% de visão desde os 18 anos de idade, consolidou uma marca, uma história profissional que hoje, mais do que nunca, trabalha para preservar, pelo puro amor e dedicação à arte e cultura brasileira. Sabe de uma verdade – ninguém no meio achava possível que ela não exergasse e de tempos para cá, quando não podiam mais duvidar, determinaram que ela não pode mais trabalhar! O que não é verdade.

Mais recentemente, e já tendo atravessado a barreira dos 60 e muitos carnavais, Geórgia adapta-se a uma vida especial, menos glamourosa, sem mais o avião particular, a casa na ilha, as contínuas viagens à Europa, Estados Unidos e Caribe para assumir um novo posto na estrutura familiar: o de sogra e, muito em breve, o de avó. Implacável, é do tipo que cobra netos e atenção todos os 365 dias do ano.

Claro que minha mãe namorou muito e vocês conhecerão suas histórias neste livro. Geórgia

amou inteiramente ao meu pai e soube, na medida do compreensível, respeitar as decisões e dificuldades enfrentadas pelo então companheiro. Mas o que ela fez e até hoje faz por esse amor é uma aula de dedicação, amizade, lealdade e respeito a todos os envolvidos. E isso para mim representa um importante legado.

Portanto, divirtam-se, leiam de trás para a frente este livro se assim preferirem. Qualquer semelhança com sua vida, leitor, não é mera coincidência. Afinal, todos somos peças de um tabuleiro divino e maravilhoso e é com pessoas como você e esta nossa querida Geórgia que temos a obrigação, no mínimo, de transformar o nosso mundo em um dia mais feliz não amanhã, mas agora.

***Daniel Witocy Goldfinger***



## Capítulo I

### Vida em Família

*Minha história começa pela minha família. Papai, mamãe, Dieter e eu somos um quarteto, somos ou fomos. Como nossa ligação é tão forte, acredito que somos para sempre.*

Meu nome é Elfriede Helène Gomide Witecy. No meu nome artístico adotei Geórgia, da música *Georgia On My Mind*, porque na época não gostava do Elfriede. Foi quando estreei na TV Tupi e a Wanda Kosmos perguntou qual era o meu nome e achou ridículo o Elfriede - hoje todo mundo acha lindo, sensacional, diferente, até eu gosto. Eu fazia questão do Gomide e como gostava de música, como gosto até hoje, ficou ótimo Geórgia Gomide, Geórgia, do Ray Charles, e Gomide da minha mãe de família tradicional. Como em casa sempre fui chamada carinhosamente de Elfy, uso até mesmo na minha assinatura bancária o nome Elfy Witecy.

25

Mamãe, Beatriz Gomide Witecy, era bem-nascida, de família brasileira tradicional, Prado Gomide. Tocava violino, freqüentava o pessoal das Artes Plásticas, conviveu com nomes como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, junto com um dos irmãos dela, o Antonio Gomide, artista plástico.



*A mãe, Beatriz Gomide*

Meu pai, Max Witecy, era alemão, não sei por que veio parar no Brasil, até gostaria de saber porque tenho mania de querer saber dos antepassados. Veio sozinho da Alemanha, com 18 anos, e foi trabalhar no Banco Holandês. Uma coisa que eu gostaria de entender, tenho uma curiosidade infernal, é como um rapaz com essa idade, naquela época, resolve vir para o Brasil.

Em São Paulo, tinha o Clube Germânia, que hoje é o Esporte Clube Pinheiros; naquela época o Rio Pinheiros passava dentro. Foi onde meu pai e minha mãe se conheceram, remavam juntos, tinham uma turma grande, eles iam do Rio Pinheiros até o Tietê remando, freqüentavam muitas festas.

27

Minha mãe tinha tido um noivo antes, que faleceu de tuberculose, e casou com meu pai na Igreja de Santa Cecília num dia de chuva. Ela estava muito bonita com chapéu, os dois tinham mais de 30 anos – ele era de 1901 e ela de 1902, ela tinha uns 35 anos, mais ou menos, quando casou. Minha mãe estava com 37, 38 anos quando eu nasci – eu também tive o Daniel com essa idade - antes de mim perdeu um filho e depois de mim morreu outro. E tenho um irmão, o Carlos Dieter, sou mais velha que ele cinco anos.

Meu pai era uma pessoa culta, ele e minha mãe liam muito, mamãe falava alemão e francês,

dava até aulas de francês. Meu pai nunca foi metido com política, nem nada, tanto é que, durante a guerra, foi um dos únicos da turma dele que não foram presos porque não participava de reuniões políticas. Os alemães eram presos só pelo fato de serem alemães...

A primeira língua que aprendi na minha vida foi a alemã, eu não falava nem mamãe em português, meus pais só falavam alemão comigo. Depois, fiz muitos cursos de alemão e escrevia até em gótico. Infelizmente, perdi essa capacidade, mas, afinal, o que é que eu ia fazer nos dias de hoje, nos tempos da informática, com a escrita gótica?

28

Uma história boba envolvendo o idioma alemão, mas que faz parte da minha vida, aconteceu na época da 2ª Guerra. Eu estava com mamãe no Viaduto do Chá, devia ter no máximo uns cinco anos, andava na frente dela falando português e ela, só para me encher o saco, falava em alemão comigo, na rua e em plena guerra. Eu ia correndo dela, dizia que não conhecia aquela senhora, minha mãe se matava de rir.

Por causa da guerra, em 1944, chegamos a morar na casa da irmã da minha mãe, tia Regina Graz, mas não fiquei traumatizada não, minha mãe não me deixava ter medo. Daquela época, lembro também do *black-out*, não sei se alguém



*Foto de família: a mãe, o pai e o irmão.*

avisava: *Apaguem as luzes, ponham cortinas nas janelas para que nenhuma réstia de luz apareça, para que os aviões não ataquem.* Eu achava lindo cobrir tudo com aqueles panos, ajudava a empregada; quando eu queria olhar para fora, ela dizia: *Não faz isso que o avião vai te ver...*

Nasci no Jardim Europa, na Alameda Gabriel Monteiro da Silva, no dia 17 de agosto de 1937 – sou do signo de Leão. Essa rua antigamente tinha um outro nome, Dona Hyppolita. Na minha infância, morei também na Rua Iguatemi, que hoje é a Avenida Faria Lima, lembro bem da nossa casa onde está hoje o Shopping Iguatemi, eram três casinhas geminadas e uma era a nossa. Era uma rua de terra, mamãe criava pato e galinha ali, todo fim de tarde uma vaca passava com o dono, imagina, uma vaca passando pela Avenida Faria Lima, ela encostava-se no nosso muro para coçar as costas. Eu ficava no portão falando alemão com a minha mãe – o Dieter nasceu quando já tínhamos saído daquela casa. Eram coisas pitorescas, bucólicas, que marcaram a minha infância. Cresci naquela casa, passamos a guerra morando lá, era uma vida muito saudável. E atrás tínhamos um portãozinho que dava para um jardim maravilhoso que era o Clube Germânia, hoje Clube Pinheiros – naquela época, não tinha essas coisas de catracas e cartões para entrar: *pagou? não pagou?* Não precisava

nem dar a volta, era só abrir a portinha que a gente estava no clube, eu vivia lá.

Fui para o Jardim de Infância com uns quatro anos, todos os meus amigos eram alemães e fui falando alemão feito uma louca. Tive uma educação refinada porque, naquela época, as



*Geórgia menina em teste fotográfico*

peessoas eram refinadas mesmo não tendo muita grana, digamos assim, que era o nosso caso.

Meu pai e minha mãe eram muito felizes, ele mais doce, ela mais brava, saíam sempre juntos. Estou falando isso porque não acredito no casamento como instituição, mas isso não tem nada a ver com meus pais, quer dizer, não é trauma de infância. Nunca tive vontade de me casar, só ficava na festa de noivado. Quando você ama, as coisas acontecem na sua vida. Eu acredito até que as pessoas são colocadas na nossa frente por uma força maior, que é Deus. Hoje em dia, na idade em que estou, às vezes me passa pela cabeça: *Será que fiz bem em não querer casar? Será que fiz mal?* Porque às vezes eu me sinto muito só, mas e se tivesse casado com homem chato? Um marido com manias?

32

Papai e mamãe, quando casaram, abriram uma firma de decoração, tapeçaria, ganharam dinheiro com isso. Faziam um trabalho muito bom de cortinas, colchas, toda essa gente rica que tem por aí, na época encomendava os trabalhos deles, hoje é que você compra uma cortina pronta na medida tal e tal. Ali não, era uma obra de alta-costura, cortinas de alto padrão. Era um serviço perfeito, não se admitia um trabalho malfeito. Quando os negócios foram crescendo, meus pais aumentaram a empresa e montaram

uma fábrica na Freguesia do Ó com um sócio que era a cara do Tio Patinhas... Estava com eles também Joãozinho, foi o braço direito dos dois. Numa época, quem trabalhou com eles quando ficou viúva e sem dinheiro foi Lilly Richter, tinha sido campeã sul-americana de natação, participava de competições. Ela foi muito importante na nossa família, quando meu pai morreu, continuou trabalhando com mamãe.

Quando eu era criança, moramos também na Rua Bela Cintra, entre Oscar Freire e Estados Unidos, numa casa que eu adorava, pequena mas aconchegante, gostosa. Meus pais tinham um quarto grande, na frente ficava uma jabuticabeira, eu vivia plantada na árvore comendo jabuticaba. Como na época não havia geladeira elétrica, chegavam aquelas barras enormes de gelo que quando eram empurradas para dentro da casa, praticamente voavam...

Lembro principalmente dos Natais da Rua Bela Cintra naquela época de pós-guerra, quando chegavam da Europa muitos húngaros e alemães. Os empregados da gente nessa época eram húngaros, poloneses, alemães. Tínhamos em casa uma empregada europeia - chiquérrimo, né? – que um mês antes do Natal só cuidava dos preparativos da festa, fazia biscoitos amanteigados, aves, carnes, bolos alemães, deixava tudo preparado.

Sempre tivemos cachorro, foi uma dor quando perdi a Lua... Contam que quando nasci e a mamãe veio da maternidade, o cachorro da casa, um *salsicha*, subiu até o quarto, cheirou o bebê, que era eu, desceu e morreu. Eu diria que foi ciúme, naturalmente esse cachorrinho devia ser tratado com muito mimo, a pão-de-ló, né? E pensar que, naqueles tempos, cachorro não comia ração, comia bofe com fubá, hoje parece que vai morrer se comer bofe, não é incrível? Na época da guerra, até a gente comia bofe.

34

Meus pais faziam os maiores sacrifícios, sem ninguém perceber, para que eu estudasse em bons colégios. Freqüentei o Externato Meira e depois fui para o Colégio Assunção, um colégio de freiras, só de meninas, fiquei semi-interna porque era um pouquinho terrível e como meus pais trabalhavam muito, não tinha ninguém para ficar comigo. Ainda bem que não me puseram no internato, porque eu ia colocar fogo naquilo tudo. Tínhamos aulas normais e horas para estudo, quando fazíamos lição de casa. Era um colégio de gente rica e fui muito discriminada, não pelos colegas, mas pelo fato de não ter dinheiro. As meninas se vestiam muito bem, não é como hoje em que há mais despojamento. Na época era realmente um colégio muito bom, mas metido a besta.

Olha que coisa mais estúpida, passavam uma cestinha às dez horas da manhã, com banana e bis-

coito de maisena – até hoje eu como banana que é rica em potássio – então, a gente podia pegar uns dois biscoitos e uma banana. Aí, começaram a encontrar bananas e biscoitos jogados na classe, tinham escrito besteiras no banheiro e achavam que tudo era a Elfriede Helène Witecy, como se eu fizesse malandragens desse tipo. Não era eu quem tinha feito aquilo, coisa nenhuma, isso juro por Deus, a gente tem, desde criança, os inimigos ocultos... As freiras, então, faziam todas as meninas ficarem de joelhos, rezando e olhando para mim para que eu contasse que tinha roubado as bananas e as bolachas, nunca teve uma colega que tivesse coragem de se acusar, dizer que não tinha sido eu, isso não existia lá. Aquilo me deixava tão furiosa que conto sempre que posso, porque sinto como se fosse uma mancha que queriam colocar na minha vida. A pressão era tanta, que eu acabava dizendo que tinha sido eu. Teve vezes em que tive que escrever quinhentas vezes a frase: *Não mentir*. Mas foi ótimo porque ficou um aprendizado, não foi fácil mas me ajudou muito como mulher, eu odeio mentiras, odeio até aquelas benditas mentiras sociais, a mentira me irrita profundamente, ainda mais quando a pessoa te força, te empurra contra a parede. Fui suspensa três dias na época das provas, é proibido fazer isso até por lei, podiam, no máximo, me colocar numa classe, de costas... Perdi três provas. Meu



*Carnaval no Clube Pinheiros*

pai, que nunca tinha se metido em nada, me tirou da escola e me colocou no Porto Seguro, um colégio alemão que funcionava na Praça Roosevelt, depois é que mudou para o Morumbi.

Era minha colega no Porto Seguro a Karin Rodrigues, ela tinha um sobrenome alemão, Fehrmann, estudávamos juntas, na mesma carteira, a loira e a morena, quanto charme a gente fazia para aqueles professores. Uma outra amiga dos tempos de escola era a Yara Von Lindenau que fazia parte do corpo de baile do 4º Centenário. Nós três éramos monitoras de ginástica rítmica nas apresentações que as escolas faziam no Pacaembu.

Nessa época, eu já estava na fase dos namoricos e tinha dois namorados ao mesmo tempo – marcava encontro com os dois no mesmo lugar. Aí, um dia, durante o recreio, nem sei em que série eu estava, os dois chegaram para mim, um primeiro: *Você quer namorar comigo ou quer ficar com outra pessoa?* E o outro a mesma coisa: *Você quer ficar comigo ou com o fulano de tal?* Ai, escolhi um deles, não me lembro qual dos dois – um deles sei que era o famoso arquiteto Roberto Bratke – e o que eu tinha rejeitado chegou para mim e falou: *Você vai me fazer um favor, nadar, nadar, nadar até chegar na merda.*

Eu era boa aluna em matérias que tinha que decorar, Geografia, História. Nunca fui a primeira

da turma, mas também só repeti uma vez, na 4ª série, que hoje seria a 8ª, por causa dos namorados, do Clube Pinheiros. Do Porto Seguro fui convidada a sair uma vez, convidada mesmo, não fui expulsa não e não foi por causa de namorado, acho que foi porque comecei a faltar muito. Fiz três vezes a tal da 4ª série.

38

Uma coisa da época do Porto Seguro que lembro perfeitamente bem e que até certo ponto me deixou um trauma, foi o último dia da guerra. Eu estava no colégio quando começou um berreiro, era imagem de foice e martelo para tudo quanto era canto, bandeira não sei do que, eu devia ter uns nove anos, aí chegaram meu pai e minha mãe, me pegaram pela mão, saímos correndo e fomos parar na casa do meu tio John e da minha tia Regina Graz, na Rua Avandava. Meus pais estavam apavorados, ainda mais porque eu estudava em um colégio alemão, podiam fazer sei lá o quê... Eu adorava estudar no Porto Seguro, tanto que coloquei meu filho lá.

Estudei também no Mackenzie por um ano. Encontrei outro dia na porta do teatro a Regina Autran, que é meia-irmã do Paulo Autran, estudávamos juntas. Tinha também a Dayse Schaeffer na nossa turma. Mas o Mackenzie passou, assim, meio em branco, porque eu faltava muito às aulas, naquela época eu já era *miss*, namoradeira,

tinha outras coisas para fazer. Meu pai queria porque queria que eu estudasse na Suíça, mas me recusei, estava namorando firme. É uma coisa de que me arrependi. Depois tive uma segunda chance de ir para a Alemanha quando trabalhava numa empresa de turismo, mas não deu...

Logo que entrei na Tupi, os colegas moravam perto do Sumaré para ficar próximo da emissora e eu em Moema, um bairro distante, longe pra caramba, era quase que uma vila do interior com a Igreja de Nossa Senhora Aparecida, o cinema, o banco, o Bar do John Sehn, o Alemão, onde todo mundo ia tomar chope. Quando mudamos para lá, as ruas não eram nem asfaltadas. Assim que comecei a fazer carreira na televisão, mudei para o Sumaré também para ficar mais perto dos estúdios.



*Turma do Colégio Porto Seguro: sou a de saia de bolas*



*Formatura de Ginásio*

## Capítulo II

### A Energia da Mãe

*Herdei a alma de artista dos Gomide, uma família, de gente inteligente. Talvez eu tenha herdado a força das mulheres Gomide, começando pela minha mãe, que era a mais forte...*

Minha avó, mãe da minha mãe Beatriz, era Querubina Prado Gomide. Meu avô, Gabriel Gonçalves Gomide, desembargador, foi Ministro de Estado, era primo-irmão do Peixoto Gomide daquela rua. Não conheci nenhum dos dois, aliás, minha avó me viu quando eu era bem pequenina. Teve uma época em que a família toda da minha mãe mudou para Genebra, meu avô foi trabalhar lá por causa de uma briga de família, os filhos estudaram na Suíça. Meu avô morreu em Genebra. Quando estive na Suíça, fui visitá-lo no cemitério. Há pouco tempo descobri, em Santos, que um dos meus antepassados foi prefeito da cidade, o Antonio Gomide Ribeiro dos Santos, o projeto do Aquário Municipal foi dele. Eu tinha um tio, irmão da mamãe, Sérgio Gomide, que conhecia tudo da origem dos Gomide, gostava de ir atrás dos antepassados, estudava; ele estava fazendo a árvore genealógica dos Gomide, eu falo gine-

cológica, não deixa de ser, mas morreu antes de completar esse trabalho.

Minha mãe teve sete irmãos. Todos os meus tios me encantavam muito, com alguns tive mais contato, com outros menos, quando cresci; mas nos encontrávamos em casamentos, aniversários, funerais.

Quando menina, queria ser bailarina, só que meus pais não aprovavam minha escolha, não queriam que eu fosse artista. De tanto encher, em vez de me colocarem no Teatro Municipal, eles me colocaram numa escolinha daquelas bem simplesinhas, a professora dava aula em um quartinho, aí me deram uma sapatilha de ponta que eu não tirava dos pés. Sempre tive mania de ficar dançando; quando ia gente lá em casa, eu ficava dançando na sala, as pessoas gostavam. Depois, dançava muito com um namorado, parecíamos dois bailarinos.

Meu tio Tônico, Antonio Gomide, irmão da mamãe, era muito conhecido, o grande artista da família. Morou em Paris, ficou conhecido no mundo inteiro, com quadros muito bem cotados. Fomos muito unidos porque ele a quem eu amava de paixão, foi o primeiro que me aceitou como atriz quando fui para a televisão. Fiz muitas festas no *atelier* dele na Rua

Costa, depois que entrei na TV Tupi. Quantos namoros começaram naquele espaço – o Régis Cardoso e a Suzana Vieira começaram o namoro ali.

Quando entrei para a televisão, papai já havia falecido e a princípio mamãe não queria – depois passou a me apoiar muito. A família não gostava nada, desse negócio de ser atriz, tanto é que fiz tudo sozinha e escondida no começo, mas quando apareci na televisão, não tinha mais condições de esconder... Mamãe, que era enérgica pra burro, quando viu meu primeiro trabalho, que era nada, uma coisinha pequena, falou: *Eu sei que você dá para a coisa, pode continuar.*

43

Meu tio Roberto morreu ao nascer; tio Sérgio Gomide foi diretor do Banco do Estado de São Paulo; tio Candinho, Cândido Gomide, uma delícia de tio, era um grande matemático, aquele intelectual que só pensava em números, 24 horas por dia – a filha dele, Elza Gomide, completou 80 anos na minha casa. Outra prima-irmã era a Clotilde, que já faleceu, outra mulher inteligente.

Tio Candinho foi viver lá em casa depois que ficou viúvo – ele foi casado com Sofia Furtado, prima-irmã dele, uma grande pianista, concer-

tista. Morávamos na Rua Augusta, quase no centro, em uma casa de esquina grandinha, tinha um bom jardim. Tio Candinho era corintiano e fumava uns quatro, cinco maços de cigarro por dia – quando o time dele perdia, fumava mais ainda. Passava noites na janela e de manhã, no jardim, tinha um montinho de cinzas de cigarro, aquilo me impressionava, mas comecei a fumar também. Na época, todo mundo fumava porque era chique, agora tratam a gente feito leprosos.

44

Minha mãe trabalhava com a irmã, Regina Gomi-de Graz, que tinha uma fábrica de tapetes feitos à mão, Tapetes Regina. Era uma empresa muito forte, rival dos tapetes Santa Helena. Mamãe fazia a contabilidade. Tia Regina morava na Rua Avanhandava, numa casa linda, grande, de três andares, perto do atual restaurante Gigetto, e atrás tinha os teares. Eu ia lá ajudar, puxar os nós e tal; para mim, aquilo era uma diversão do tamanho de um bonde.

Meu tio John Graz era suíço, ele e tia Regina se conheceram na Suíça. Começaram a namorar lá, depois o John veio. Ele era decorador, pintor, *designer* de móveis, amigo do Warchavski, do Brecheret, do Di Cavalcanti. Eu gostava muito dele, era meu amigo, de vez em quando eu pedia um dinheirinho a ele, veja que sem-vergonha que eu



*Os pais Beatriz e Max*

era. Era dinheiro pequeno mesmo, para comprar bala, chocolate, essas coisas, eu ficava feliz.

E eu tinha duas tias solteiras, aliás, solteironas, irmãs da minha mãe, minhas duas madrinhas – falo solteirona com a maior tranquilidade, porque também sou solteirona, nunca casei, naquela época isso era um palavrão. Eram Margarida, a Guida, e a Maria Amélia, muito engraçada, espirituosa à beça, faleceu há muito tempo, que ficaram muito chateadas quando entrei para a televisão. As duas trabalhavam, eram, como é que se fala? aquelas pessoas que *caíam na letra óóóóó*, funcionárias públicas – a memória, vou te falar, depois dos 60 anos fica uma desgraça.

46

Minha tia Maria Amélia, quando adolescente, gostava de um primo chamado Rafael e eles ficaram noivos. Só me contaram isso quando eu já tinha bastante idade, naqueles tempos ninguém contava as coisas da família para a gente. E aí, já de casamento marcado, um dia sai no jornal a notícia de que o Rafael, casado com fulana de tal, estava batizando um filho. Ele já era casado quando ficou noivo da prima, e a família ficou sabendo pelo jornal. Minha tia ficou pra morrer, sofreu porque gostava muito dele, nunca mais teve ninguém. Uma vez, vi os dois perto um do outro, já bem adultos, num hospital, e aquilo me tocou profundamente porque eu também

já tinha passado por problemas amorosos, sei o que é sofrer por amor e esconder isso.

Quando comecei a ganhar os primeiros prêmios na televisão, a fazer sucesso, passei a fazer meus vestidos com uma costureira de Moema. Minhas tias Guida e Maria Amélia, que resolveram fazer roupas lá também, começaram a criticar o fato de eu usar o Gomide como meu nome artístico, achavam que eu devia ter posto um Silva qualquer de sobrenome, fiquei louca. Quando comecei a fazer sucesso, começaram a se identificar como tias da Geórgia Gomide, vê se pode... Não é bonito contar, mas são coisas culturais, digamos assim, era uma atitude totalmente preconceituosa. E se alguma coisa eu não cultivo é o preconceito, nunca tive. A pior parte dessa história é que essas minhas tias, que eram solteiras e moravam juntas, sempre falavam para minha mãe que eu herdaria delas a casa em que moravam. Quando morreram, não me deixaram nada...

Na família Gomide, a mais rica era tia Regina, muito sociável, também por causa do tio John, a sociedade toda o conhecia. Existe até uma praçinha com o nome e o busto dele junto à Igreja do Calvário, em Pinheiros. Minha mãe não tinha uma vida social como a da tia Regina, mas era um pé-de-boi, trabalhava muito.

Tenho muito orgulho da minha mãe, que ficou só, viúva, aos 57 anos, com os dois filhos que davam muito trabalho, embora nada perto dos tempos atuais, em que a juventude anda muito estranha. Essas meninas se entregam com muita facilidade, há muita droga circulando por aí, a gente tem que rezar pedindo a Deus que tire os seus filhos desse caminho. Porque a educação é a coisa mais importante dentro de uma disciplina, não dá para largar filho. Minha mãe sempre estava ali e tanto ela quanto meu pai queriam para nós as melhores escolas, as melhores companhias.

Todo mundo acha que eu sou uma mulher forte porque passo essa imagem, vibro muito com tudo, com todas as coisas, mas mulher forte era minha mãe. Sei encarar coisas bravas, mesmo que de repente, em alguns momentos, eu tenha uma insegurança e fique chorando no quarto ou andando pela rua. Quando resolvi que ia chorar quando tivesse que chorar, perdi a vergonha de chorar na rua, melhorei muito.

Minha mãe morreu em 4 de maio de 1982 – no dia 3 de julho, ia completar 80 anos. Vinte dias antes de falecer, ainda dirigia o Fusca amarelo que dei de presente para ela. Aliás, quando comprei o carro, chapa 4012, pedi ao Lazineiro, meu grande amigo, maquiador da TV Tupi, um

enfeite para colocar no carro. Ele fez uma boca vermelha enorme, de cartolina, que nós pusemos na frente do Fusca, uns cílios maiores ainda e um laço de fita, claro. Mamãe, quando viu aquele carro na garagem de casa, gostou tanto que durante uns dez dias andava com o carro pela rua com a boca e os cílios...

Uma ocasião, eu tinha combinado com o grande amor da minha vida, o pai do meu filho, passear de barco em Santos. Como não estava pronta, ele simplesmente foi embora. Sabe o que minha mãe fez? Pegou o carro, me levou até Santos, eu chorando como uma louca, e voltou. Minha mãe era assim, esteve do meu lado a vida toda, me acompanhava em tudo, não como mãe de *miss* não, gostava que ela fosse junto. Tudo minha mãe achava ótimo, ela era meu esteio e minha armadura; ninguém chegava perto de mim que ela virava uma fera, me defendia mesmo, inclusive das duas irmãs dela, minhas tias, que eram contra a minha profissão. Ela não admitia que elas se intrometessem na minha vida. Mas também fui uma boa filha, tenho a consciência tranqüila...



*Primeira Comunhão*



*O tio Cândido Gomide*



## Capítulo III

### A Doçura do Pai

*É estranho, tão longínquo, mas até hoje me marca essa coisa de ter dois tios que morreram na guerra, mesmo não os tendo conhecido...*

Meu pai nasceu em Gleiwitz, que desde a última guerra pertence à Polônia – tenho até uma peça de mármore com uma flor escrito Gleiwitz que a minha *tante* Grete mandou. A mãe dele era russa, Maria Gavlik Witecy, e o pai chamava-se Franz Witecy. Ele já estava casado com mamãe quando trouxe da Alemanha a mãe e a irmã, Grete. As duas foram morar lá em casa, faleceram aqui.

53

Minha avó eu não cheguei a conhecer, morreu antes de eu nascer. Minha tia era complicada, coitada, tinha um gênio danado, passou pela guerra. Era muita brigalhada lá em casa por causa dela, mas minha mãe cuidou da cunhada quando ela adoeceu. Meu pai tinha mais três irmãos homens. Dois deles nós perdemos na guerra, na Rússia, e o outro foi dono de uma salsicharia em Berlim.

Meu pai era mais *light* do que minha mãe, se tinha que ir me buscar numa festa, de madrugada,



*A avó russa, Maria Witocy*

ia tranqüilo. Mas calmo ele não era não, estava tudo lá dentro, tanto que morreu cedo, aquele alemão forte. Não era político, não se metia de jeito nenhum em política, não era nazista, que fique claro. A única coisa que ele fazia era ouvir as notícias da guerra, no período de 1939 a 1945, em um rádio Telefunken, televisão não existia naquela época.

Papai morreu muito moço, em 22 de janeiro de 1960, com 59 anos. Nunca tinha tido um resfriado, nada no coração, morreu em três dias. Nós já morávamos na Rua Jauaperi, em Moema, e ele tinha ido ao Clube Transatlântico, que é um clube alemão. Passou mal lá, chegou pedindo para ligar para um médico, estávamos já deitadas, eu e mamãe. O médico me mandou dar uma injeção no meu pai, eu que nunca tinha dado injeção, ainda mais no meu pai... Ele foi carregado de ambulância para o Hospital Alemão Oswaldo Cruz e lá ficou. Então, fui andar um pouco, tinha um jardim grande; eu chorava que nem doida, meu Deus, aquilo foi um terror. De repente, vejo um corpo em cima de um mármore, sabe aquela coisa gelada, com um pano branco. Era meu pai, aquilo não sai da minha cabeça nunca. Foi por causa disso que minha mãe, quando morreu, foi velada em casa, num lugar quente.

Quando meu pai morreu, minha mãe ficou uma semana muda. Aí, no sétimo dia falou: *Agora vou trabalhar e cuidar dos meus filhos*. Parece cena de filme, nunca esqueci.

Meu pai era uma pessoa boa, manso no sentido de levar a vida mais leve; minha mãe é que era mais guerreira, eu tinha uma birra com ela por ela ser muito forte. A morte dele, prematura e repentina, me deu um amadurecimento que eu não tinha. Quando eu entrei na Tupi, passei a assumir o aluguel de casa, sempre uma casa



*Papai Max, mamãe Bea, tia Grete, Dieter e Elfy (Geórgia)*

grande e boa no Sumaré. Minha mãe junto, nunca me passou pela cabeça morar sozinha. Lembro até hoje da nossa mudança para o Sumaré, eu em cima de um caminhão passando em frente à TV Tupi, parecia cena de filme de Mazaropi, os cachorros junto... Minha nova casa era um entra-e-sai louco, de gente da televisão e de fora dela...



## Capítulo IV

### Um Irmão de Verdade

*É meu irmão, o sangue corre nas veias, mas eu sempre falo que é filho. Cheguei à conclusão de que não fiquei do lado dele quando ele precisou, o deixei muito tempo abandonado...*

Dez de maio é um dia muito importante na minha vida porque é a data de nascimento do Dieter, meu irmão, e do meu pai que faleceu em 22 de janeiro de 1960. O Dieter completou em 10 de maio de 2008, 65 anos. No aniversário, eu o cumprimentei de maneira especial, em alemão: *Dieter, ich bin dein Geburtstag Engel*, ou seja, *eu sou teu anjo do aniversário*. Não sou bem um anjo, mas gostaria que ele recebesse todas as energias bonitas e todo o amor de uma irmã que descobriu que sempre é tempo de se dar, perdoar, se abrir, procurar.

Dieter é uma pessoa maravilhosa, boa, de coração, mas demorou a gente se entender, briguei com ele a vida inteira. Hoje em dia, nos damos muito bem. Ele sempre foi muito aventureiro, conhece o mundo inteiro, viajou muito com dinheiro e sem. A família vivia amolando mamãe por causa dele. Só sei que, quando o Dieter estava com 18 anos, mamãe,

que fazia todos os sacrifícios por aquele filho, pegou todo o dinheiro que tinha, e que não era muito, comprou uma passagem de avião e mandou o Dieter para a casa de um primo-irmão nosso, o Günter, filho de um dos irmãos do meu pai, que morava nos Estados Unidos, em Connecticut. O Dieter ficou morando por lá, tinha visto de permanência, entrou na Marinha americana, com ginástica 24 horas por dia, se virava. Ficou muito tempo afastado da família e quando voltou, ele, que já era alto, tinha 1m96, parecia até mais alto, era um homem lindo. Hoje, está no 4º ou 5º casamento, teve mais sorte em uns, menos em outros.

60

Brigávamos muito quando crianças porque ele era realmente terrível, aprontava muito, mas nada ligado a drogas, por exemplo. Imagina que aos quatro anos, quando morávamos na Rua Bela Cintra, ele entrou em um carro Citroën do nosso vizinho da frente, ligou o motor e saiu dirigindo, feliz da vida, em direção à Rua Estados Unidos. Ainda bem que havia ali no cruzamento – a Máríka Gidali tinha uma escola de dança ali – a mercearia do seu Augusto e do seu Eduardo, que viram o Dieter dirigindo aquele carro e começaram a correr atrás. Ele bateu em uma árvore e só não matou quatro crianças que estavam ao lado

porque Deus não deixou... Em contrapartida, ele já salvou muita gente na rua. Uma vez, estávamos eu, ele e mamãe no carro, na Lapa, quando, de repente, o Dieter saiu do carro aos pulos. Quando voltou é que contou que tinha visto o motorista de um ônibus sentir-se mal. Então, pulou do carro, entrou no ônibus e foi salvá-lo... Cada vez que via uma pessoa com um problema na rua, pegava e levava para o hospital, o que é um perigo...

Quando fui para a TV Globo, ele me ofereceu o apartamento que tinha no Rio, morei lá por algum tempo. Quando fiz 47 anos, no Rio, dei uma festa baiana no apartamento, foram todos até gente de São Paulo. Foi uma festa linda. E há alguns anos, fui passar o Natal com o Dieter nos Estados Unidos. Agradecida, pedi perdão, disse que nunca mais vou brigar com ele.

Durante umas férias de verão, fui passar uns dias no Guarujá com meu irmão e foi no apartamento dele que acabei dando um fora, já que sou muito atrapalhada. Senti muita sede à noite, levantei, abri a geladeira e tomei uns goles de uma coca-cola que estava aberta. Só no dia seguinte é que minha cunhada Solange me disse que eu tinha bebido *shoyu*, porque não tinha nenhum refrigerante em casa... Nessa mesma temporada, acabei me perdendo



*Festa de 15 anos*

na praia uma manhã, veja a loucura. Entrava e saía do mar e numa dessas vezes, quando quis voltar para a nossa barraca, não encontrei mais. Discuti com o homem que vendia coco, achei que ele tinha saído do lugar, procurei um serviço de microfones para me anunciarem, que ridículo! Tive que ligar para meu filho em São Paulo para perguntar o número do celular do Dieter e ele foi me resgatar... Deu-me tanta bronca...



## Capítulo V

### Miss Elfriede

*Se eu tivesse sido miss, minha vida teria sido diferente, talvez eu estivesse casada com um milionário. Mas o meu Pai lá em cima deve ter me indicado um outro caminho e eu agradeço.*

O Clube Pinheiros era o meu jardim, um parque imenso em que passei a minha infância e adolescência, onde cresci forte e saudável. Eu fazia de tudo no Pinheiros, ia aos mingaus dançantes, namorava. Desde menina, eu fazia muito esporte no clube. Nadava muito, parecia um golfinho, era a primeira a entrar na piscina, atravessava aquela piscina do Pinheiros, que não é pequena, várias vezes, quer ginástica melhor do que essa? Mas o esporte em que me dei melhor foi no esqui aquático, mais tarde. Eu fazia esqui aquático com meu namorado Paulo Moreira Lima no mar, a gente ia para Caraguatatuba ou São Sebastião. Aprendi a esquiar na marra porque não dava para entrar na água no meio de um cardume, fui a primeira mulher a esquiar...

Sempre tive uma boa relação com a água, todos os meus amigos mergulhavam, faziam pesca submarina, mas eu mergulhava só para ficar

olhando os peixes. Em 54, nos festejos do 4º Centenário de São Paulo, teve uma festa no lago do Ibirapuera e fui a única mulher que esquiou lá. O Paulo, meu namorado, capotou no lago naquele dia. Infelizmente, fiquei sem nadar muito tempo, mas de algum tempo para cá comecei a freqüentar uma academia maravilhosa que fica aqui atrás de casa, a GAP, para nadar e fazer hidroginástica.

66

Nossa turma do Clube Pinheiros era muito unida, havia muitos alemães por lá, até porque antes era o Clube Germânia. O carnaval era uma farra, eu gostava muito, agora não mais. Na época era uma turma grande e a gente ia aos quatro bailes, à tarde e à noite, depois íamos tomar café com leite e comer pão com manteiga numa padaria qualquer. Também fazíamos corso, o Paulo tinha um Citroën e a gente desfilava sentada no capô.

Fui *Miss Pinheiros* e ganhei pelo clube, em 1954, o concurso *A Mais Bela Esportista de São Paulo*, patrocinado pelos Diários Associados – o Edmundo Monteiro, o meu futuro patrão, era um dos jurados. Eu estava tão nervosa com o desfile – todos os clubes de São Paulo tinham as suas candidatas – que belisquei minha mãe o tempo inteiro, ela agüentava firme, mas saiu roxa do Pacaembu. Eu automaticamente esta-

ria inscrita para o concurso de *miss São Paulo*, mas o Paulo não deixou, não queria nem que eu fosse para o *Mais Bela Esportista* nem com meu pai e minha mãe junto. Fiquei muito brava, porque tinha todas as chances de ser *Miss São Paulo*, ganhei o *Mais Bela Esportista* com uma vantagem muito grande sobre a 2ª e a 3ª colocadas, tenho orgulho disso. Foi no mesmo ano que a Martha Rocha ganhou o *Miss Brasil* – eu ia concorrer com ela, que é um amor de pessoa, já pensou? – e a garota que perdeu de mim na



*Representando o Clube Pinheiros no Concurso A Mais Bela Esportista*



*A Mais Bela Esportista*



*Sucesso no Clube Pinheiros*

*Mais Bela Esportista* virou *Miss São Paulo* e foi 2ª colocada no *Miss Brasil*.

Fiquei muito triste com essa história, não porque eu desse tanta importância assim ao título, mas porque tudo que é proibido você quer fazer. Ganhei no *Mais Bela Esportista* só experiência, porque o apartamento, que seria o prêmio, nunca recebi. O Fernando Chateaubriand, que eu namorei uma época, quis fazer tudo direitinho, mas sei lá, devia ter um *imbróglio* qualquer. O troféu recebi, ganhei muitos presentes. Mas foi compensador porque foi nos Diários Associados que comecei a minha carreira como atriz.

Naquela época de *Miss Pinheiros*, a gente não fazia maquiagem, usava um batom, um rímel, era supernatural – hoje em dia, com mais maquiagem, as pessoas ficam mais bonitas, não sou contra. Mas o corpo das mulheres era mais bonito do que hoje, aquele *corpo violão*, agora são palitos. É lógico que eu era muito vaidosa, os outros me deixavam vaidosa. Eu ouvia muitos elogios mais por causa do corpo, não era nem o rosto, tinha belas pernas, as minhas são torneadas até hoje, só apareciam elas. A bunda estava em segundo plano, porque todo mundo tinha uma bundinha bonitinha e depois eram todas jovens, 18 anos e tal... Mas, modéstia à parte, eu não me preocupava com isso, comecei a ficar

vaidosa muito depois, quando passei a ser uma figura pública, a ter fama, na época não existia a palavra celebridade.

Sempre tive um corpo muito bonito, minhas medidas eram 90 de busto, 60 de cintura, 90 de quadris, que era o corpo bonito de antigamente. Agora já não está mais tudo isso, mas dá para o gasto. Ainda sou vaidosa, mas ando meio relaxada. Adoro cabeleireiro, adoro massagem, mas não ando me cuidando muito não, às vezes faço



*Geórgia à frente das mais belas*



*A bela nadadora mostra a forma*

ginástica, às vezes ando. Cuido da minha pele, gosto de comprar um monte de cremes, mas, de repente, durmo de maquiagem... Meu filho se mata de rir porque todo mundo me acha alta e ele diz que sou baixinha, porque desde criança ele me ouvia dizer que eu tinha 1m70, só que eu tenho é 1m64. Invento que tenho 1m70. Só agora neste livro é que vão ver que sou mais baixa.



*O incentivo do pai*

No Pinheiros, tive meu primeiro namoro sério, aos 14 anos. Paulo Moreira Lima era um pernambucano arretado, ficamos amigos até a morte dele em 2006, sou amiga da mulher dele, Norma, eles estiveram no casamento do meu filho. Era namoro mesmo de adolescente, não tinha outras coisas não. Fiquei até meus 16, 17 anos com ele... Eu não me dava bem era com a sogra que me beliscava.

74 É que eu era meio malcriada mesmo, tinha ciúmes, sempre fui muito impetuosa em qualquer época da vida, devia ter me controlado. Sempre fui explosiva, impulsiva e agitada. Antes não pensava muito, era um pouco inseqüente, agia e falava o que bem quisesse. Hoje, levo muito em conta a relação causa e efeito e procuro analisar as coisas a longo prazo. Tento controlar a minha mente e peço ajuda a Deus, acho fundamental sua presença em tudo.

Meu noivado com o Paulo teve festa e tudo, lembro que meus pais compraram um serviço de jantar novo, toalha nova, saiu até no jornal. Foi muito bonito, estavam o pai e a mãe dele, os três irmãos, o Vaduca e o Moacir, que já morreram, e o Roberto, que é a cara do Silvio Santos, só que não tem o dinheiro do Homem do Baú ....

No Clube Pinheiros aconteceu muita coisa. Queriam que eu fosse *miss*, queriam que fosse traba-

Ihar no teatro amador e o Paulo dizia não para tudo, aquilo ia me deixando meio irritada. Aí, um dia, terminei – aliás, a única vez que terminei alguma coisa foi com ele, que os outros deixei que acabassem comigo, acabassem literalmente, e não estou falando dos namoradinhos, estou falando dos grandes amores.

Depois, apareceu um oftalmologista na minha vida, o Libânio de Pádua Salles, de família supertradicional também. Quando começamos a namorar, o Paulo nos encontrou em um restaurante do centro da cidade, ali na Rua Dom José de Barros, os dois conversaram, o Paulo querendo saber do outro quais as intenções que tinha para comigo, foi emocionante... Tornei a ficar noiva de aliança, achei bonito ficar noiva, umas coisas assim que a gente não sabe nem por que faz... Eu era muito cabeça fresca, mas foi ele quem terminou comigo porque viu que não dava certo, foi até falar com meu pai.

Nessa época, como meu namorado era oftalmologista, fiz um curso de sorologista, a gente mexia com hemograma. Meu filho morre de rir quando digo que fiz Faculdade de Higiene. É lógico que não, o curso é que era lá, mas era tão bonito ir para a Faculdade de Medicina. Eu e uma amiga, que fazia o curso comigo, aproveitávamos que estávamos de branco e

íamos passear na faculdade. Até o dia em que fui parar na sala onde ficavam os defuntos, que coisa terrível! Mas eu me sentia dentro de um personagem, que sempre trabalhei um pouco com personagem sem saber, não é? Então, não podia ser médica, não queria entrar na faculdade que ia dar muito trabalho, mas estava vivendo a vida deles. Como não estava estudando, eu fazia um monte de coisinhas assim. Não sabia o que queria, estava vivendo a vida, um curso aqui, outro ali, passeando, viajando, andando de barco, esquiando...



*Com Stenio Garcia em O Tempo e o Vento*

## Capítulo VI

### De Telefonista a Atriz

*Trabalhei em muitas coisas antes de me tornar atriz. Não parava muito em emprego nenhum, se aparecesse alguma coisa boa para fazer, lá ia eu...*

Quando meu pai morreu, como vivíamos de aluguel, tivemos que mudar da casa de Moema, grande, bonita, para uma outra menor. Sempre morei com minha mãe, ela me sustentava, me sustentou até eu entrar para a televisão, depois a gente passou a dividir as despesas – ela tinha uma pensão do pai dela e também trabalhava feito uma louca e eu gastava.

Trabalhei na Cibramar, na Joaquim Floriano, além de recepcionista eu vendia peças, e também na Velas Champion como recepcionista, porque eu era bonita. Eu não gostava disso, me perguntava por que razão não tinha estudado, mas também não fazia nada para mudar. Também trabalhei em vários bancos, no Meridional, que já fechou, no Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais, foi quando achei meu grande emprego. Eu era relações públicas dos bancos, recepcionista, recebia as pessoas, não precisava ter muito curso de qualquer coisa. Do Banco Meridional tenho amigos até hoje, eu conhecia a

maioria dos clientes que iam todo dia, toda hora. Trabalhei também com Turismo, foi uma coisa gostosa, eles iam arrumar para eu trabalhar na Alemanha... E também fui manequim de fábrica, desfilava para os compradores...

No escritório imobiliário do Clineu Rocha, eu era um terror, uma escriturária que não entendia absolutamente nada, ficava dando telefonemas. Fui também recepcionista e telefonista na Anderson Clayton, morria de vergonha. Nesse tempo, eu tinha um namoro com o Zuza Homem de Mello, então, quando ele ligava para lá me procurando, eu atendia como telefonista e fingia que não era eu: *Anderson Clayton, boa-tarde, um momentinho que vou ligar para a Elfriede...* Tá certo que minha voz não era tão impostada como é hoje, mas era inconfundível, e ele, muito elegante, fazia que não percebia. Eu não estava criando um personagem, era um personagem, digo para todo mundo que vivo em função dos personagens... Só contei que fui telefonista quando fiquei famosa na televisão. Eu achava chique contar que tinha vindo do nada, sabe aquelas coisas?

Teve uma época em que fui também voluntária da Cruz Vermelha durante alguns meses. Eu era jovem e quando fui fazer uma visita, me perguntaram se eu queria ficar lá para ajudar.



*Pronta para desfilas*

Eu quis e atendia só bebês de colo, todos fraquinhos, pele e osso, parecia que tinham saído de uma guerra porque vinham de mães que tinham problemas com bebida, davam bebida até para as crianças. Eu preparava os bebês para a visita médica, dava banho, passava aquele remédio roxo, violeta genciana, deixava os bebês limpinhos e arrumadinhos. Para colocar soro neles, eu tinha que procurar a veia do pé, da mão, até que um dia o médico me mandou pegar uma veia da cabeça de uma daquelas crianças. Eu peguei a veia, só que desmaiei junto e não voltei mais para aquele lugar. Mas eu ia com um amor para aquele trabalho que só vendo, estava me sentido útil. Às vezes fico refletindo: *Meu Deus, fiz tudo isso lá na Cruz Vermelha e hoje tenho medo de certas coisas, será que o mundo mudou? As responsabilidades aumentaram?* Porque, tantos anos depois, cometo erros, mostro uma insegurança, como é que a gente muda tanto assim... Nunca pensei em ser enfermeira nem médica, mas gosto de conhecer as pessoas, se precisar fazer um papel de mãe de alguém que está doente, já tenho essa experiência densa.

Foi no Pinheiros que comecei minha vida de atriz porque fui trabalhar no teatro amador, junto com um monte de gente, o Armando Bógus e o

Tarcísio Meira saíram do clube. Estreei na peça *A Hora Marcada*, sob direção de Evaristo Ribeiro, que já morreu, foi um grande diretor. Paulo tentou cortar essa também, mas teve que voltar atrás, todo mundo pediu.

Com o Tarcísio Meira fiz *O Caso dos Dez Negri-nhos*, da Agatha Christie, e ganhamos prêmio de revelação de melhor ator e atriz – Décio de Almeida Prado escreveu numa crítica que Elfriede Helène e Tarcísio Meira poderiam, se quisessem, estar fazendo teatro profissional. Sábato Magaldi também nos elogiou. Na época, eu não tinha nenhuma pretensão de ser artista de verdade e o Tarcísio Meira queria ser diplomata, cursar o Instituto Rio Branco. Eu era exibida, é lógico, mas muito disciplinada, já era disciplinada fazendo teatro amador.

81

A outra peça que o Tarcísio e eu fizemos juntos – então, eu já era a atriz Geórgia Gomide - foi *Uma Mulher do Outro Mundo*, do Noel Coward. Minha amiga Vivian Blanche e os irmãos João Eduardo e Celso Lagos estavam no elenco, o Celso fazia meu marido. Eu tinha um cabelo enorme verde, um vestido verde, a personagem vinha do outro mundo para atrapalhar o marido.

Nessa época do Pinheiros, eu e uma amiga, a Wilma Abraão, fazíamos figuração em uma

peça da Tereza Raquel no TBC – Teatro Brasileiro de Comédia, do Franco Zampari. Ganhávamos naquela época dez cruzeiros e eu ia ao teatro escondida da minha mãe. Como saíamos muito, ela achava que eu ia ao cinema. Era importantíssimo para nós, que nos achávamos grandes atrizes, e para mais ninguém, a Tereza Raquel nem olhava para a nossa cara... A gente aparecia dançando em uma boate. Depois dessa peça, me convidaram para fazer o *Circo Bim Bam Bum*, teatro infantil no TBC. Eu fazia a mulher barbada justamente para ninguém me reconhecer... Até então, minha família não



*Nos tempos da TV Tupi*

sabia de nada, ficou sabendo porque o Franco Zampari, que era casado com a Débora, prima-irmã da minha mãe, contou... Aí, meus pais foram me assistir e acabou ficando tudo bem porque era com o Zampari.



*Beleza na passarela*

## Capítulo VII

### Tempos de Glória na TV Tupi

*Comecei minha carreira profissional como atriz, contratada mesmo, nos Diários Associados. E fiz meu nome na Tupi, não na Excelsior ou na Globo, elas só somaram.*

Fui parar na TV Tupi por causa do meu título de *A Mais Bela Esportista*. Como eu era *miss*, me chamavam para dar alguma entrevista, fazer um comercial, participar de desfiles de moda e de jóias – eu tinha feito curso de modelo com a Christina Yufon, uma chinesa elegantíssima que me ajudou muito. Naquela época também namorei o Fernando Chateaubriand, então, freqüentava a emissora. Foi aí que acabei chamando a atenção do Fernando Severino, diretor comercial da Tupi, aliás, um homem maravilhoso, que sempre foi muito bom na área dele e que queria que eu fosse garota-propaganda. Foi ele quem me levou pela mão até o Cassiano Gabus Mendes, diretor artístico da TV Tupi, quando recusei o convite para ser garota-propaganda e disse a ele que queria ser atriz. Quando minha boca abriu e falei: *Não, eu quero ser atriz* – até tomei um susto, eles podiam pensar que eu era maluca, mas foi Deus quem mandou, era o meu

destino. Então, troquei a posição de espectadora pela de artista porque, antes de entrar para a Tupi, eu assistia a tudo que era programa que a emissora apresentava...

Considero o Cassiano Gabus Mendes o maior homem da televisão. Quando entrei na sala dele e fui apresentada, quase morri do coração, para mim ele era um gênio. Em dez minutos resolveu-se o meu destino. Na hora, ele me olhou de baixo para cima, chamou a Wanda Kosmos, perguntou a ela qual a peça que estavam ensaiando e em uma semana eu estava trabalhando, já são mais de 40 anos de carreira. Foi compensador, valeu a pena, não me arrependo. A Tupi foi uma grande escola porque a televisão influencia muito os hábitos de um povo. É importante que os artistas e aqueles que manipulam esse veículo sejam responsáveis naquilo que pretendem transmitir.

Entre nos ensaios no dia 23 de janeiro de 1962 na peça que a Wanda Kosmos estava dirigindo, *Os Filhos de Eduardo*, que foi ao ar no dia 29 de janeiro, data de aniversário de casamento dos meus pais. Naquele tempo não havia novela, só teleteatro, a gente fazia duas peças por semana no *Grande Teatro Tupi*, no *TV de Vanguarda* e no *TV Comédia*, a emissora conseguia audiências incríveis naqueles tempos.

*Os Filhos de Eduardo* era uma peça italiana muito boa. Ganhei um papel minúsculo e um salário bom demais para o que eu fazia. Era uma turma da pesada, praticamente todo o elenco da Tupi – Márcia Real, Amilton Fernandes, Percy Ayres, José Parisi, Maria Vidal, quanta bronca ela dava nos atores... Uma vez, o Parisi acabou brigando com não sei quem, saiu palavrão, aí voou uma moringa de água na sala de ensaio e a Maria Vidal ficou uma fúria: *Comportem-se, que tem moça nova aí...* Eu não sabia nem o que fazer, estava tão nervosa que tinha medo de emitir um som sequer, achava que eles iam me mandar embora rapidinho. Eu gostava demais do José Parisi, era um amigão, trabalhamos muito juntos, atuei com ele no famoso seriado *O Falcão Negro*. Antes de morrer – ele estava doente mas não demonstrava – o Parisi veio aqui em casa, senti que era uma despedida.

87

Em *Os Filhos de Eduardo*, eu fazia a filha de um industrial que tinha uma fábrica de sardinhas em lata e que estava oferecendo uma festa para a sociedade. O pai queria mostrar as gracinhas da filha, então, eu falava uns *muito prazer, boa-noite!* Minha cena maior era quando eu dizia: *As sardinhas Duchememe / para todo o paladar / as sardinhas Duchememe / prove que vai gostar.* Passei uma semana ou duas na frente do espelho

treinando essa fala até decorar, mas acho que estreei com o pé direito porque, a partir daí, ganharia ótimos personagens. Há uns dois anos, a Ariclê Peres, mais uma que já se foi, que pena, pretendia montar essa peça, me convidou, mas acabou não fazendo.

Continuei fazendo um papel atrás do outro em vários teleteatros, drama ou comédia, a cada peça eu representava um personagem diferente, tudo ao vivo. Eu me sentia totalmente realizada, eram textos maravilhosos na maioria das vezes.



*Bons tempos na TV Tupi*



*Brincando de índio, na Tupi*

Na TV Tupi, tinha uma parede com a escalação, ficava todo mundo louco da vida quando não estava convocado, era engraçado. Embora tenha trabalhado em praticamente todas as *emissoras* de televisão, na maioria das vezes em papéis que exigiam beleza física, comecei como atriz na TV Tupi, foi lá que meu nome transformou-se em sinônimo de talento e que fiz trabalhos do mais alto nível. Aliás, o teleteatro é a base de meus trabalhos nas novelas, fiz meu nome nesses teleteatros, foi onde aprendi a trabalhar artesanalmente com atores que tinham uma energia, uma força. Comecei dizendo meia dúzia de falas e seis meses depois enfrentava um papel principal...

Uma das minhas boas experiências na *emissora* foi, sem dúvida, *Thérèse Raquin*, de Émile Zola, em que eu fazia a protagonista, foi meu primeiro papel importante. Era no *TV de Vanguarda*, tudo ao vivo, e naquele dia foi decidido o meu destino. Eu fazia a amante do Amilton Fernandes, o Benjamin Cattan era meu marido e também dirigia. Os papéis eram fantásticos. A Laura Cardoso era a mãe entrevada do Cattan, que não falava nada, mas observava e entendia tudo, eu e o Amilton discutíamos a morte do Cattan na frente dela e ela ouvia tudo. Só que quando a peça começou e ouvi a música do *TV*

de *Vanguarda* anunciando que estávamos no ar – fiquei apavorada, tremia tanto que meu coração veio parar na boca. No ensaio da tarde eu já estava nervosa, os atores ficaram preocupados, eu percebi, era muita responsabilidade eu estar estrelando, Geórgia Gomide em *Thérèze Raquin*. Aí, na hora, eu estava atrás do cenário esperando a minha entrada, junto com a Laura, e disse a ela: *Esqueci tudo, meu Deus! Vou embora, vou embora, não vou mais fazer televisão*. Comecei a procurar a porta de saída, eu ia embora mesmo, mas a Laura Cardoso me segurou com toda a força e na hora da minha deixa, eu com uma bandeja na mão para servir um café ao Cattan, abriu a porta com o pé e me deu um empurrão pelas costas, entrei assim, dura, queria morrer. Eu olhava apavorada para o Cattan, ele ficou branco também porque viu que estava acontecendo uma coisa muito séria, eu tinha esquecido o texto totalmente. Mas minha boca abriu, o texto saiu certinho e entrei no personagem, incorporei e foi muito bom, todo mundo falou que foi muito bom. Eu me via concretizando um sonho ao contracenar com artistas já consagrados. Jamais esquecerei uma cena da Laura, ela sabendo que iam matar o filho, uma lágrima foi descendo pelo rosto dela, parecia um brilhante descendo gordo, nunca vi uma lágrima tão linda na minha vida, ela olhando para

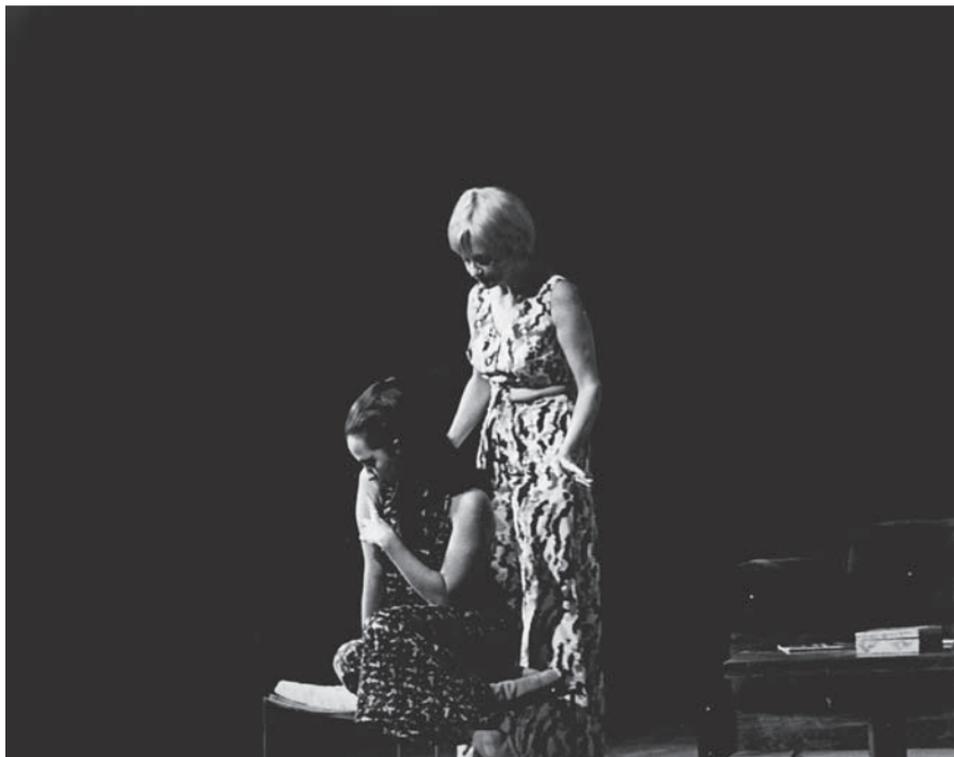
mim e me chamando mentalmente de assassina. Tentei várias vezes chorar uma lágrima gorda como aquela da Laura, até que um dia consegui não sei em que papel, mas não chegou aos pés daquele momento.

92 Fiquei muito amiga da Laura Cardoso desde que entrei na Tupi mas hoje nos vemos menos, cada uma com sua *missão*. Ela é um dos meus ídolos, foi muito generosa comigo, me ajudou muito. Quando ela ia ensaiar, mesmo nas peças ou cenas em que eu não estava, eu ia ver, Laura foi minha grande mestra. Enquanto ela fazia os teatros eu ficava grudada e quando queria passar texto, eu estava sempre ali para ajudá-la e aprender. É a nossa Bette Davis. Gosto muito do trabalho dela também agora que envelheceu; ela não tem medo de mostrar a cara e até de se mostrar mais velha do que é. Admiro nela esse despojamento.

Outro bom amigo dos tempos da Tupi era o Dionísio Azevedo, trabalhamos muito juntos, ele e a Flora Geny eram meus vizinhos, a gente se freqüentava muito. O Dionísio Azevedo era da minha turma de jogar cartas e uma noite, quando precisávamos de um parceiro, a Maria José, uma outra vizinha, entrou no jogo. Veio dizendo que não jogava nada e ganhou todas, nos deu uma *lavada*. O Dionísio, que não sabia perder, ficou

uma fúria e com voz empostada disse a ela uma única frase: *A senhora que me desculpe, mas vá pra puta que te pariu...*

Outra bela lembrança é o Airton Rodrigues, eu ia muito ao *Almoço com as Estrelas*, era uma delícia aquele programa. Ele era uma pessoa maravilhosa, tanto que, quando nasceu meu filho, ele disse para a Lolita Rodrigues que, se eu quisesse, ele registrava o Daniel. Essas coisas são de arrepiar, porque foram duas as pessoas



*No teatro, em Mefi, o Seu Criado, com Laura Cardoso*

que me ofereceram isso, o Airton Rodrigues e o Benjamin Cattan. Isso é para as pessoas saberem que os artistas de televisão não são malucos, são é muito sensíveis.

No começo de carreira, trabalhei em *Klaus, o Loiro* e em *Moulin Rouge, A Vida de Toulouse Lautrec*, novelas que não eram diárias. Quem interpretava o Toulouse Lautrec era o Percy Ayres, fizeram todos os móveis de cena bem grandes para que ele ficasse como um anão. Fiz ainda na *TV de Vanguarda* os teleteatros *Gimba*, do Gianfrancesco Guarnieri; *Senhorita Júlia*, eu e o Rolando Boldrin; *Moral e Concordata*, do Abílio



Com Rolando Boldrin e Eduardo Abas em *A Luva*, na TV Tupi 1962



*Com Percy Aires e Elísio Albuquerque , TV de Vanguarda da TV Tupi, em Ratos e Homens*

Pereira de Almeida; *Bodas de Sangue*, do Garcia Lorca, eu fazia a noiva.

Em *Gimba*, eu era uma mulata de morro, Guio-mar, que se apaixonava pelo Gimba, quem fazia era o Lima Duarte. Na cena em que ele morre, dei um berro, até hoje ouço esse berro, porque eu também tinha perdido um grande amor da minha vida. Sou bem assim em matéria de amor. Quando amo de paixão, aquele sentimento vem da alma, das vísceras. Foi uma loucura esse trabalho, cheguei a passar 24 horas dentro da televisão, mamãe até foi assistir, ela que não ia nunca.

96

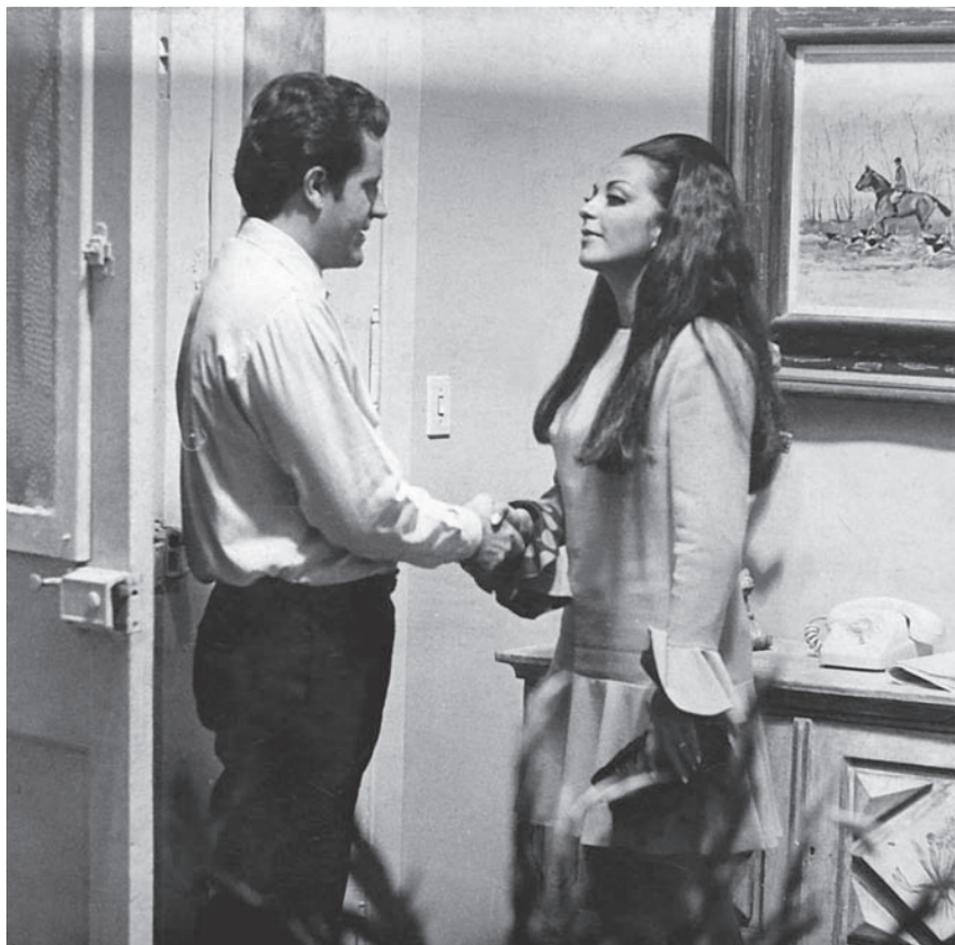
*Senhorita Júlia* era uma peça difícilíssima que não era ao vivo, foi quando começou o videotape para alguns trabalhos, todo mundo tinha que decorar e não podia parar. Fizemos em dois dias. A idéia original era levar outro texto, mas alguém ficou doente e o Benjamin Cattán teve que mudar a peça dois dias antes. Trabalhei bastante com o Rolando Boldrin, outro dia nos encontramos e ele lembrou de *Senhorita Julia: Pois é, eu esqueci o texto e o Cassiano falou que não podia parar o vídeo para fazer economia...*

Um papel difícil naquela época eu fiz em *Calúnia*, uma professora homossexual que gostava de outra colega, a Vida Alves, ficamos muito constrangidas ao nos beijarmos, senti vergo-



*Em Gimba*

nha... Ela, que foi a primeira atriz a beijar na boca um homem na televisão, o Walter Forster, deve ter sido a primeira que beijou também uma mulher, ou foi beijada por uma mulher que era eu. Vida Alves gosta muito de mim, falamos muito por telefone mas também fica-



*Com Rolando Boldrin, parceiro constante*

mos tempos sem nos ver. A Vida Alves tem uma *missão*, a Pró TV, a Associação dos Pioneiros da Televisão, e como promove muitas festas, muitos eventos para angariar fundos, procuro aceitar os convites todos...

Minha primeira novela na televisão foi *A Gata*, de 1964, tivemos problemas com a censura, era época da Ditadura. Eu fazia um segundo papel, uma escrava, o Lima Duarte também atuava, o Geraldo Vietri dirigia. É uma novela que as pessoas lembram até hoje. O papel principal, o da *Gata*, ficou com a Marisa Woodward, que era modelo, mas quem acabou roubando a cena fui



*Com o filho Daniel e a amiga Vida Alves*

eu. É a tal história, beleza ajuda muito mas não significa talento, acho importante contar isto. O Cassiano quis colocar como protagonista uma moça bonita que não era atriz e acabou não dando certo, porque ela não sabia nem falar. Eu também era muito bonita na época, jovem, chamava a atenção, era um tipo forte, mas tinha talento, acho que isso faz a diferença. Meu corpo estava impecável, apesar da roupa de saco que eu usava na novela, e meus cabelos eram puxados em uma enorme trança. Aliás, eu sempre fui melhor nesses tipos mais fortes, nunca soube fazer aquelas heroínas sofredoras, apaixonadas, *submissas*, nunca tive tipo para isso.

100

*Gutierritos, o Drama dos Humildes* foi a primeira novela da Tupi a ocupar o horário das 19 horas. Enquanto eu estava na novela, me chamaram para fazer *Teresa* porque a Rita Cleós, que seria a protagonista, sofreu um acidente de automóvel e não podia assumir o papel. Durante umas duas semanas trabalhei nas duas novelas, até deixar *Gutierritos*. Aliás, quero fazer uma homenagem para a Rita Cleós, que foi importante na minha carreira porque *Teresa* acabou sendo meu primeiro sucesso, foi a novela com que eu explodi no Brasil inteiro.

Nesse mesmo ano, 1964, trabalhei em *O Sorriso de Helena*, com a Patrícia Mayo e a Maria Célia



*Em Portugal, curtindo o sucesso de Teresa -1965, TV Tupi*

Camargo, e em *Quem Casa com Maria?*, a primeira novela que o Henrique Martins dirigiu, até então ele trabalhava apenas como ator. É uma pessoa linda por dentro e por fora, mas quando dava para ser estúpido, sai de baixo. Trabalhamos muito juntos nos grandes teleteatros.

O sucesso mesmo chegou com *Teresa*, uma novela maravilhosa, mexicana, quem adaptou foi o Walter George Durst, eu fazia a protagonista. Representou a primeira novela do Walmor Chagas. Quando fui para a TV Globo fazer *Vereda Tropical*, 20 anos depois, o Walmor, um ator tão famoso, tão correto e tão maravilhoso, me fez uma homenagem citando a Teresa na primeira cena que nós gravamos juntos. Ele falou: *Eu te conheço de algum lugar*. Eu respondi: *Eu também te conheço de algum lugar*. Luís Gustavo, Rildo Gonçalves e Lisa Negri também estavam no elenco, era um monte de gente. Eu fazia tantas maldades como Teresa que cheguei a ser agredida na rua por uma telespectadora, ela me deu uma bolsada. A Teresa era realmente uma peste, queria ser rica e passava por cima de qualquer um, renegava os pais – meu pai na novela era o Percy Aires, trabalhei muito com ele.

Walter George Durst me contou uma vez, quando eu estava fazendo *Tocaia Grande*, que viu um operário cair de um andaime de um prédio que

estava sendo construído no bairro dele. O cara se machucou feio, mas perguntou para o Durst: *O que vai acontecer no capítulo da Teresa hoje, que eu estou indo para o hospital?* Durante as gravações, eu praticamente vivia na televisão, só faltava dormir lá. Aliás, todo mundo quase que morava dentro da Tupi, ninguém tinha vontade de voltar para casa.

Quando estavam passando *Teresa* na televisão – até hoje as pessoas lembram desse meu trabalho - viajei com minha mãe para Ouro Preto, fomos descansar numa Semana Santa. A TV Tupi pagou tudo, mandou um pessoal de Belo Horizonte me esperar. Uma tarde, não tinha uma alma viva na rua, nós estávamos num daqueles hotéis com sacadinhas, em frente a uma praça, minha mãe e eu conversando quando ouvimos um barulho. Fui ver e, naquela praça vazia ali na minha frente, de repente chegam duas, três, 50, 200 pessoas, lotou aquela praça, eu olhando tudo aquilo para saber o que estava acontecendo, chamei minha mãe para ver e, quando percebi, era por minha causa, eu não acreditava. Um começou a avisar o outro, foram chegando, me viram ali e ficaram parados olhando, foi lindo. Aí, abri a porta do quarto e tinha uma fila de gente pedindo autógrafa dentro do hotel, fiquei horas ali. Nos quatro ou cinco dias que ficamos em Ouro

Preto, em todo lugar eu ganhava presentes. Quando chegou a noite de Sexta-Feira Santa, inventei de sair na procissão do Jesus Morto, não sabia que era humanamente impossível. Foi só eu entrar atrás do Cristo morto e começou o berreiro: *Teresa... Teresa...*

Saindo de Ouro Preto, fomos para Araxá e quem estava por lá era o Horácio Lafer, Ministro da Fazenda, com a esposa, saíamos todos juntos para passear, só reconheciam a mim e não a ele, que loucura. Logo depois ele morreu.

104

Na Tupi, na hora do recreio, digamos assim, a gente entrava na Padaria Real – todo dia acontecia alguma coisa ali, nem que fosse uma cantada. A gente namorava muito naquela época, havia muito namoro, muita fofoca e muita briga também, era muito engraçado. O Amilton Fernandes era um que namorava três mulheres ao mesmo tempo. Já namorei muitos atores, mas nunca foi uma coisa séria. Até me assusto quando vejo um par dar certo nesse meio, porque existe muita vaidade. O ator tem que ser vaidoso porque usa o seu corpo, a sua vida, as suas lágrimas, os seus risos, as suas bobagens para compor um personagem.

Atuei na TV Tupi, em *O Preço de uma Vida*, com o Sérgio Cardoso no papel do Dr. Valcourt, eu



*Com Marcelino de Carvalho*



106

*Brindando com Hugo Santana, Inezita Barroso, Peri Ribeiro e Marcelino de Carvalho*

fazia a Luciana, prima invejosa da Tula que era a Nívea Maria bem novinha, ela fazia par com ele. Essa novela foi um presente, porque entrei para ficar uma semana e não saí mais. O Sérgio Cardoso era um ator maravilhoso, uma vez esteve aqui em casa e acabou interpretando o texto de *A Ceia dos Cardeais*, eu e mamãe embasbacadas, foi uma loucura. Quem repetiu esse mesmo texto aqui em casa foi o Procópio Ferreira.

Fiz muitas novelas na Tupi – *A Outra*, em que eu era uma paralítica, *Signo da Esperança*, *A Fábrica*, que era do Geraldo Vietri, com Aracy Balabanian, Juca de Oliveira, Hélio Souto, eu fazia a secretária Ângela e Lima Duarte fazia o operário, mais Nathália Timberg e Yolanda Cardoso. Quando rodamos *A Fábrica*, eu tinha muitas brigas com o Geraldo Vietri, eram brigas engraçadas, uma vez até um holofote caiu na minha cabeça, mas não foi ele que jogou não... Sou uma atriz obediente ao diretor. Presto atenção, escuto, faço e aconteço, mas sempre rola uma briga. Eu era temperamental até pouco tempo atrás, não nego...

Gostava demais da Tupi, era uma das mais ativas atrizes da emissora, devo ter feito lá mais de 200 trabalhos entre novelas, teledramas e telecomedias, isso numa época em que tudo era feito ao vivo, depois é que veio o videoteipe. Em 1962,



*Geórgia e seu ídolo Procópio Ferreira*

ganhei meu primeiro Troféu Imprensa como revelação feminina – depois desse viriam mais quatro. O melhor ator daquele ano foi o Percy Aires, aprendi muito com ele, e a melhor atriz, Laura Cardoso. Já perdi a conta das novelas que fiz na Tupi, trabalhei lá em várias fases. Lembro ainda de *A Revolta dos Anjos*, que era para ser a primeira novela totalmente em cores do País mas que começou e acabou em preto e branco; *Estrelas no Chão*, com Juca de Oliveira; *Ovelha Negra*, uma novela bem louca; *Por Amor e Ódio*.



*Em A Fábrica, de 1971, na TV Tupi*



*Em A Fábrica, brigas com Geraldo Vietri*



*Novela Signo da Esperança, TV Tupi*

Um dos meus amigos mais queridos dessa época era o Jorge Alfredo Camasmie, que conheci no Guarujá, numa fase em que eu não estava namorando ninguém. Saíamos à noite com outros amigos, íamos dançar, era uma pessoa que eu podia ligar a qualquer hora, ele largava qualquer compromisso para ir me buscar, me dava dedicação total, gostava muito de mim. Quando ele adoeceu, fui visitá-lo no hospital, eu não queria ver aquele homem tão jovem, tão lindo, morrendo aos 33 anos. Conversamos um pouco e acabou-se, acabou-se, adeus, adeus. Ficou a saudade que tenho há muitos anos dele – eu me pergunto por que não me casei com ele, se estivéssemos juntos, estaríamos andando de mãos dadas até hoje – e um quase poema que acabei fazendo quando estava produzindo este livro: *Sentada na areia eu e ele. É madrugada. Lá longe o horizonte como um fio, a vontade de pular ou voar para lá, saber o que lá existe. O sol começa a aparecer em vermelho, vai subindo, paixão de luz vermelha forte, vibrante, que me deixa mais bonita. Aquele meu vestido correndo na areia, em direção a uma coisa muito forte. O mar e o azul do céu, sem nuvens. O sol se abrindo. É como se eu estivesse me abrindo para a vida. Ele queria se olhar no espelho do mar, viaja bonito. Ele também quer sentir aquela umidade subindo em direção ao sol. E eu ali, os pés dentro d'água, numa sensação*

*enlouquecedora, maravilhosa, quis gozar com a vida. Eu sabia que tudo isso estava acontecendo através daquele olhar, daqueles olhos tão lindos que eu revejo agora. Desencontro, desencontro. Obrigada, Jorge Alfredo...*

Na época da Tupi, eu era muito festeira, vivia dando festas na minha casa, vinham todos, dançávamos - eu gostava muito de dançar, hoje é que não danço mais, contávamos piadas. Quando estávamos gravando *As Divinas e Maravilhosas* – Nathália Timberg, Bete Mendes, Nicette Bruno e eu formávamos o primeiro time da novela – dei uma festa e aconteceu uma coisa muito engraçada porque convidei umas dez pessoas e vieram umas 80 ou 100, tinha gente em tudo quanto era lugar, até pendurado no lustre: Paulo Goulart, Nicette Bruno, Nathália Timberg, John Herbert, Bete Mendes que era um doce, só que depois que entrou para a política, eu já não entendi nada. O José Lewgoy – eu fazia a mulher dele na novela – queria fazer um macarrão, não cabia na panela, e aí alguém foi buscar mais um escorredor não sei aonde. A novela era do Vicente Sesso, ele é maravilhoso, gosto muito do Sesso, que é um barato, temperamental. Fiz tanta coisa com ele, inclusive um dos meus primeiros trabalhos na Tupi, *Jardim Encantado*, eu era uma sereia. Esse programa ia ao ar aos domingos à tarde, ao vivo, era destinado a adolescentes.

O elenco de *As Divinas e Maravilhosas* era fantástico, tinha Pepita Rodrigues, Marcelo Picchi, uma doçura de pessoa, gosto muito do Marcelo, já trabalhei muitas vezes com ele, Elaine Cristina, parece que o Flávio Galvão não deixou mais ela trabalhar, Benedito Corsi que ia assistir a todos os meus ensaios da peça *Adiós Geralda*, e depois a gente jantava. Nathália Timberg é uma dama, uma diva. Encontrei com ela uma vez numa joalheria no Rio de Janeiro, ela impecável, estava procurando um brinco para um personagem... A Célia Coutinho, nós viajavamos juntas, passeávamos muito. Elizabeth Gasper é outra que não consegue mais trabalhar, mora no Rio. Saíamos muito juntas para beber, a gente se encontrava em festas, às vezes ela dormia aqui em casa, mas há anos que não a vejo. Yolanda Cardoso era uma pessoa muito espirituosa, muito simpática e ótima atriz, claro. Fiquei triste ao saber que ela tinha um problema nos olhos, grave, ela falou isso em uma entrevista para a televisão, estava revoltada, e senti muito a morte dela. A Yolanda tinha uns namorados maravilhosos, as histórias dela não posso contar até porque não me lembro direito, mas eram muito divertidas. Geny Prado era uma pessoa muito doce, mas uma palhaça. Arlete Montenegro e os anjos dela, ela me lembra anjos. Muitas dessas pessoas não foram mais aproveitadas pela televisão, é uma

pena, porque a televisão suga e depois joga fora, tem uma hora que não serve mais. Mas já aconteceu muitas vezes de eu estar ao lado de pessoas que receberam notícias boas e compartilharam comigo. Foi o caso da Beth Goulart quando foi chamada para fazer *O Direito de Nascer*, e do Osmar Prado, viajamos no mesmo avião, ele chorava porque era a primeira vez que estava indo para a Europa, e isso aos 40 anos...

Na Tupi trabalhei muito sob a direção do Benjamin Cattan, foi ele quem me deu as primeiras grandes oportunidades. Sempre tive a maior admiração pelo Cattan, meu amigão, e pelo Geraldo Vietri, dois deuses. Só que o Vietri trabalhava na base da porrada, da briga, não que fosse exigente; ele tinha esse hábito, era louco também, porque escrevia, dirigia, editava, fazia tudo, não deixava ninguém fazer... Ele me enchia o saco: *Faz de conta que está fingindo uma dor enorme e tal...* E eu respondia: *Mas estou fazendo isso, não estou entendendo o que você está querendo...* Ai, que ódio que me deu dele por várias situações, ele vivia brigando comigo, querendo me socar, mas me fez esquecer tudo antes de morrer, vinha muito aqui em casa, me levava ao teatro, foi um amor. Já o Cattan era uma pessoa doce, tanto é que morou na minha casa, no Rio, quando fui para

a TV Globo, graças a ele eu não fiquei sozinha lá. Ele me ajudou muito, foi quem me deu as grandes oportunidades na Tupi.

Na época em que Henrique Martins era diretor artístico da Tupi e mandava em tudo, um dia me chamou na sala dele, pegou o roteiro de *Éramos Seis* e jogou para mim: *Olha, teu papel é o da Clotilde. Trata de fazer direito isso aí.* Fiquei agradecida, mas puta da vida, saí da sala dele chateada. Eu tinha lido o livro da Sra. Leandro Dupré e amava aquele papel, foi uma época gostosa. Um mês depois que a novela estava no ar, o Henrique Martins me mandou um bilhete me cumprimentando pela Clotilde. Anos depois, mostrei a ele esse bilhete que eu guardava dentro de uma bíblia.

116

*Éramos Seis* era uma grande novela, maravilhosa, escrita pela Sra. Maria José Dupré com adaptação do Rubens Ewald Filho e do Silvio de Abreu, direção do Attílio Riccó. Durante muitos anos eu tinha interpretado mulheres más, vingativas e perversas, e nessa novela fazia a Clotilde, aquela solteirona que tinha um grande amor, um homem desquitado. Ela não podia assumir o romance, não tinha coragem, naqueles anos, realmente, era uma coisa muito difícil. Foi um dos personagens que mais amei fazer, a Clotilde, irmã da dona Lola, que era a Nicette Bruno. Na última fase da história, eu

homenageava minha mãe, me fazia de surda. Minha mãe tinha uma raiva, ela dizia: *Eu não sou surda*. Fiz um sucesso monstruoso, tem coisas que não dá nem para contar...

Na segunda vez que a novela foi ao ar, a Irene Ravache estava no papel da dona Lola e a Jussara Freire, que fazia minha irmã Olga na primeira versão, fez a Clotilde. Se tivessem me chamado eu faria a Clotilde de novo. Não me chamaram e fiquei muito triste. Não consigo ter raiva da Jussara, mas ela podia, sei lá, pelo menos ter falado comigo, a gente sempre se deu muito bem, tanto é que ela sempre fala que ficou grávida depois que o Daniel fez xixi na cama dela, em um *réveillon*. Eu era meio confidente dela...

117

Num dos meus retornos à Tupi, fui especialmente convidada pelo Benjamin Cattan para fazer a protagonista do teleteatro *Manequim*, com Elias Gleiser, Sebastião Campos e Dênis Carvalho e montes de manequins. O Benjamin Cattan foi desafiado a reviver os teleteatros da TV Tupi nos sábados à noite, que alcançavam altos índices de audiência, depois de quatro anos fora do ar – o teleteatro tinha um público certo e fiel – e escolheu essa peça do Henrique Pongetti que a Maria Della Costa tinha feito no teatro com sucesso – muitos trabalhos que a Maria Della Costa fez no teatro, eu fiz na televisão. Nesse teleteatro gostei de

interpretar uma peça de duas horas, em que as gravações eram feitas rapidamente, porque eu podia, num só fôlego, desenvolver e interpretar minha personagem, a Glorinha, uma moça bonita e inteligente, sempre fugindo das paqueras. Era um papel que dava margem para uma excelente criação, além, é claro, de me obrigar a usar belas roupas. A maioria das cenas foi gravada em locais turísticos de São Paulo e os ambientes eram muito requintados. Na Hípica foi montado o *atelier* em que a manequim trabalhava, usamos o Museu de Arte de São Paulo, da Avenida Paulista, e o casamento no final do espetáculo foi gravado em uma igreja de Santana de Parnaíba. Em uma cena em Interlagos, cheguei a andar de Maseratti, imagina. Tudo que fiz e faço na televisão são coisas importantes na minha carreira e essa volta aos teatros me deixou muito alegre.

Um mau momento na Tupi foi quando me convidaram para entrar na peça *A Infidelidade ao Alcance de Todos*, do Lauro César Muniz, que ia ser levada no TBC – Teatro Brasileiro de Comédia, e o Cassiano Gabus Mendes e a Tupi não me deixaram fazer. Eu estava há muitos anos na emissora, trabalhava muito, ganhava pouco nessa época, embora já tivesse um nome. Aí, comecei os ensaios, ia trabalhar com Altair Lima, Maria Célia Camargo, Procópio Ferreira, Rodolfo Mayer

e Francisco Cuoco. Estávamos ensaiando há meses, Walter Avancini dirigindo, e a Tupi entrou com mandado de segurança me impedindo de fazer esse trabalho. Os cartazes já estavam nas ruas, a peça ia estreiar em quinze dias. Acabei até ficando doente, o Avancini ficou uma fúria. Todos ganharam um dinheirão com o espetáculo, choro até hoje esse dinheiro que não ganhei. Fiquei magoada porque não era só o trabalho, eu ia fazer um papel maravilhoso. O Cassiano foi muito grosseiro comigo, na mesma época eu estava pedindo um aumento e ele negou isso também. Quando eu disse que então tinha que sair da Tupi, aí é que ele ficou com raiva mesmo. Fiquei tão arrasada em não fazer a peça que o Procópio me levou para a casa de uns amigos dele para relaxar, ele era uma pessoa maravilhosa. Eu não estava me agüentando em pé, continuava fazendo desfiles de moda, uma loucura, e acabei indo fazer sonoterapia no hospital.

119

Eu nunca quis deixar a Tupi, mas por causa desse impasse, quando a Excelsior me convidou para mudar de canal me oferecendo o dobro do que eu ganhava na Tupi, aceitei.

Meu último trabalho na Tupi foi a novela *As Gai-votas*, de Jorge de Andrade. Eu já tinha feito *Éramos Seis* e *Aritana* – essas foram as três últimas novelas da emissora. *Aritana* quem escreveu foi

a Ivani Ribeiro, a novela foi considerada uma das melhores produções da Tupi em todos os tempos. Minha mãe era a Cleyde Yaconis, meu marido, o Francisco Milani e o Vereza fazia o meu amante. Estavam no elenco ainda Jaime Barcellos e Maria Estela. E tinha a Bruna e o Riccelli, claro, que fazia o índio Aritana. Nós estávamos gravando fora de São Paulo, quando recebi um recado de que meu filho, que estava no Jardim da Infância, tinha caído de um escorregador. Fiquei histérica, fiz um escândalo e desabafei no casal, queria vir embora. Quando o Riccelli me disse: *calma Geórgia, bate em mim* – eu bati. E sacudi a Bruna.

120

Nos tempos de Tupi, cheguei a ir a Porto Alegre pelos Conhaques Dreher para trabalhar como apresentadora do programa *Festa Brasileira Dreher*, era o Cattan quem dirigia, ele sempre estava na minha vida. Iam o Marcelino de Carvalho, a Inezita Barroso, todo mundo ia cantar no meu programa. Durou bastante tempo, dava uma bela grana.

Estava de volta à TV Tupi quando a emissora fechou, em 1980. Graças a Deus, eu não estava lá no último dia que a Tupi foi para o ar. Senti-me desorientada, totalmente perdida e sem saber que rumo tomar depois de uma carreira de 22 anos. Foi uma barra, pois a TV Tupi tinha sido a minha casa durante tanto tempo e, de repente,

vi essa casa desmoronar, não dá para contar o que senti, não tinha condições de fazer mais nada. Foi um sofrimento, chorei muito.

O fechamento da TV Tupi me deixou muito triste, marginalizada mesmo, comecei a achar que não tinha talento, me sentia abandonada pela televisão. Tudo estava dando errado, eu chorava muito, tinha perdido minha mãe. As responsabilidades com a casa e meu filho Daniel tinham aumentado. Então, pensei em dar uma parada na carreira, refletir, eu tinha um patrimônio que me permitia isso. Foi quando me dei ao luxo de ficar em casa durante quase quatro anos, cuidando do meu filho. Só voltei em 1982.

121

Esse período foi uma provação porque acabei me cansando de não ter o que fazer, sofria por estar distante do meu meio e daquilo que fiz durante tantos anos. Mas, ao mesmo tempo, esse afastamento me fez perceber que eu tinha outras opções de trabalho – cheguei a abrir uma *boutique* com a Marlene Mariano, que já morreu, gostei da experiência de ver grandes manequins brasileiras desfilando na minha casa, vendíamos muito bem – e outras *emissoras* à disposição.



**REDE TUPI**  
PROGRAMAÇÃO  
DE 19/3 A 25/3/79

# A DIFÍCIL ESCOLHA



*TV Tupi: com Carlos Vereza e Francisco Milani em Aritana*

## Capítulo VIII

### Novas Experiências

*Tenho orgulho de ter colaborado com a teledramaturgia da Excelsior, SBT, Bandeirantes e Manchete. Mas a TV Manchete não gostava de mim não.*

Deixei a Tupi em 1966 quando fui chamada pelo Edson Leite e pelo Walter Avancini para trabalhar na Excelsior ganhando muito mais do que eu ganhava. Fizemos um contrato de gaveta e em princípio eu não ia entrar em *Redenção*, que estava no ar, foi a novela mais longa da televisão, não sei se alguma outra bateu esse recorde, tinha me parece 590 capítulos, ficou no ar até 1968. Mas era uma novela que fazia tanto sucesso que entrei para o elenco interpretando uma peste na segunda parte da história – por causa talvez do meu porte e da força no falar, me davam muitos papéis desse tipo desde a Tupi e acabei sendo rotulada de *vamp*, a mulher má e bonita que passava por cima de todo mundo. Eu trabalhava com o Francisco Cuoco e a Márcia Real – hoje somos amigas, adoro a Márcia, mas na época eu queria comer a orelha dela de tanta raiva que eu tinha, ela vivia implicando comigo porque eu tinha um namorico com o Cuoco, morria de ciúmes, dizia que era mais bonita do que eu, essas coisas... É que como a televisão toma

um tempo louco dos atores e ficávamos quase 24 horas juntas, tivemos muitos problemas. Fizemos as pazes anos e anos depois, quando estávamos trabalhando em Valinhos com os padres na misséria *Irmã Catarina*. Já estávamos mais velhas e durante uma *missa* dos carismáticos, olhamos uma para a outra e nos abraçamos forte.

124

Depois de um ano, quando soube que a Excelsior estava preparando a montagem de *O Tempo e o Vento*, enlouqueci. Eu adorava o Érico Veríssimo, minha mãe também, ela lia exageradamente, até, duas ou três vezes o mesmo livro: nas duas primeiras vezes, para saber a história, depois, para se aprofundar na literatura. Então, fui correndo até o Edson Leite, com quem eu não tinha nem um pouco de intimidade, para falar a verdade, e pedi para sair da novela e fazer a Ana Terra, parece que quem ia fazer esse papel era a Leila Diniz. Naquela época, eu não tinha medo de nada, hoje não sei se faria isso de novo, mas menti para o Edson Leite que meu personagem ia morrer e pedi para entrar em *O Tempo e o Vento*. Eu era super-respeitada naquela época, podia fazer aquele pedido, mas nem vi que o diretor de *Redenção*, o Waldemar de Moraes, que brigava muito comigo na novela, estava ali na sala e ouviu tudo. Naquela hora, ou era demitida ou dava certo, e como meu sonho era

fazer a Ana Terra, insisti e deu certo. Muitos anos depois, quase 20, fiz as pazes com o Waldemar de Moraes, quando nos encontramos em uma festa. Nos abraçamos e toquei no assunto porque eu carrego as coisas comigo, não que carregue a maldade ou a alegria, mas ficava aquela coisa incômoda na cabeça, não quero brigar com as pessoas...

Ana Terra foi o papel que mais marcou minha carreira na Excelsior. Considero o melhor trabalho que fiz na minha vida, o melhor mesmo, porque eu já não agüentava mais fazer papel de mulher bonita, se bem que ser bonita não é ruim... A direção era do grande Dionísio Azevedo, um dos meus mestres, muito sensível. Tudo era feito em estúdio. Na verdade, três árvores viravam uma floresta imensa, as árvores iam mudando de lugar, os *cameramen* eram fantásticos. A Ana Terra tinha um papagaio que me chamava: *Ana Terra*. Era uma maravilha aquilo, nunca vou esquecer aquele papagaio.

Eu fazia uma bugra de pé no chão, que morava com os pais e nunca tinha visto um homem na vida, andava armada e se tivesse que matar para se defender, matava. Usava uma roupa suja, toda de farrapos, até cinco anos atrás eu ainda tinha essa roupa guardada, e todo o elenco foi visitar os jornais com esses figurinos para anunciar a novela.



*Sensibilidade e elegância*



*Com Maria Isabel de Lizandra, em O Tempo e o Vento*

A gente saía em tudo que é jornal, eles nos recebiam muito bem. A mãe era a Carminha Brandão e o pai, o Jofre Soares, Stênio Garcia fazia um papel pequeno. Depois de cada cena, nós nos abraçávamos e chorávamos, era uma comunhão dos atores. A Ana Terra se apaixonou por um índio, quem fazia era David José, então, no final fiz uma cena muito forte de parto. Guardo até hoje uma carta que o Érico Veríssimo me mandou, cumprimentando pelo trabalho. Ele me chamava de filha na carta, fiquei muito emocionada e orgulhosa com isso. Quem fez Ana Terra na TV Globo depois foi Glória Pires, que eu amo de paixão, fiz a mãe dela em uma novela na Globo. E Aníbal Massaini fez o filme, eu bem que gostaria de ter feito Ana Terra no cinema.

128

Trabalhei na TV Bandeirantes, numa época em que a emissora pretendia assumir a posição da TV Tupi na teledramaturgia mas não conseguiu. *Renúncia* era uma história linda, uma novela espírita de época que saiu do ar, não entendi até hoje o que aconteceu, nunca vi tanto desrespeito com a classe artística – Fúlvio Stefanini estava no elenco. Rodamos uma externa em uma casinha no meio do mato e eu e Elias Gleiser sofremos um bocado por causa de uma carruagem que andava sozinha, despencava para um lado, para outro, um terror. A direção era do Geraldo Vietri que era adoravelmente louco e de vez em quando tomava atitudes

drásticas. Meu filho, ainda criança, foi acompanhar a gravação e no primeiro grito que o Vietri deu, foi se enfiar debaixo da mesa de gravação, morrendo de medo dele.

Eu tinha uma cena dramática, estava dando meu sangue ali, era uma cena densa, desesperadora, e o Vietri nada de aprovar a bendita da cena, não sei por que ele não gostava. Eu não sabia se chorava mais, se gritava mais, ele parava e mandava refazer, acabei tendo um piti, um ataque de raiva. Ele então me mandou sair do set, ficar em um quarto, trançou a porta, me colocou de castigo. Só que como o quarto em que eu estava tinha uma janela, eu pulei e voltei para o set novamente. Ele era terrível, era mais ator do que nós todos juntos, ficou me olhando com cara de nada e não me encheu mais.

Fiz também um trabalho no SBT, *Uma Esperança no Ar*, numa época em que Silvio Santos queria implantar um núcleo de teledramaturgia. Mas aquilo foi um horror, era brutal, eu já estava começando a ficar mal, mudou de autor, de diretor, foi uma experiência muito ruim, a novela era bem fraca. Edney Giovenazzi fazia o meu marido na novela, Edson Celulari também estava no elenco, ele era muito bonito, mas ainda não era conhecido. Lembro bem que disse a ele, naquela ocasião, que logo ele estaria na Globo fazendo muito sucesso, não falei isso para agradar não, senti isso, e em seguida ele

foi para a Globo e estourou. A única coisa gostosa da novela é que tinha a filha da Bibi, Tina, que fazia a minha filha com o Edney e era e sempre foi muito minha amiga, apesar da diferença de idade que temos. Somos duas leoninas, o sonho dela era que a filha casasse com o Daniel, mas os dois já estão casados com outros parceiros e felizes.

130

Aliás, sempre me dei muito bem com a família Ferreira, inclusive com o Procópio Ferreira que frequentava minha casa e treinava meus cachorros para comer na mesa. Ele sentava um dos cachorros em uma das cadeiras – tive tantos cachorros na vida que nem lembro qual era – e dava de comer com o garfo. Um pouco antes de morrer, ele me ligou, queria falar comigo, isso depois de anos, e anos e anos. Infelizmente, não nos encontramos. Aliás, para mim, a Bibi Ferreira é uma das maiores atrizes do Brasil, é completa. Fui ver o espetáculo *Bibi In Concert* e saí maravilhada, ela tem uma voz, um *mis-en-scène* que só vendo, canta tanto lírico como popular, nunca vi uma coisa tão bonita, você não perde uma palavra. Não tenho com a Bibi a mesma intimidade que tenho com a Tina, fico arrepiada quando chego perto dela, não sei o que falar. E isso não só porque sou fã, nem por causa da nossa diferença de idade, é mais por respeito, tenho um respeito louco por ela. Quanto mais conheço o trabalho da Bibi, quanto mais ela

envelhece e eu envelheço também, minha admiração por ela é maior. Falo baixo com ela, quase que sussurrando, tanto que uma vez, estávamos no teatro, cheguei perto da poltrona dela e me identifiquei: *Bibi, sou a Geórgia Gomide*. Ela me olhou assustada e disse: *Geórgia, é lógico que eu sei que é você, por que está sussurrando?*

No SBT entrei também no *remake* de *O Direito de Nascer*, com direção do Roberto Talma, eu só entrava no começo, o meu marido quem fazia era Renato Borghi.

Na TV Manchete, tive uma boa e uma má experiências. A boa foi a novela *Olho por Olho*, que marcou o aniversário de cinco anos da emissora, a direção era do Ary Coslov e o roteiro de José Louzeiro e Geraldinho Carneiro. Foi uma experiência muito boa trabalhar com o Marcos Schechtmann, que agora é da Globo, um homem muito inteligente. Gostei muito de *Olho por Olho*. Eu fazia Ana Falcão, mais uma Ana na minha carreira, uma mulher lutadora, forte e determinada que enfrenta a vida, ela vem para o Rio com os filhos depois que assassinam o dela, que era feito pelo Henrique Martins. Os meus filhos – um deles era Mário Gomes, que tinha sido meu filho em *Vereda Tropical*, e o outro, Alexandre Frota – prometiam vingança e iam atrás dos assassinos. Uma das cenas mais fortes da novela foi a que gravamos no morro do Salgueiro com o

peçoal do morro mesmo, Mário Gomes descendo de maca, ferido, foi muito emocionante.

Na Manchete, tive problemas quando trabalhei em *Tocaia Grande* por causa do Avancini que era o diretor. Ele entrou no lugar do Régis Cardoso, que foi estupidamente demitido na frente de todo mundo. A direção da casa mandou-o embora, aquele homem humilhado saiu chorando, foi durante uma cena em que eu estava ensaiando. Chegou uma pessoa e em vez de dizer: *Olha, o fulano quer falar com você lá na sala dele* – mandou embora direto, uma falta de classe tremenda. O Régis é quem tinha me levado para a Manchete e, quando saiu, quem veio no lugar dele? Avancini, quase morri do coração, ainda falei: *Não vai prestar!* A gente já tinha trabalhado juntos na Record e naquele tempo ele me adorava, eu estrelava tudo que era dele lá, teleteatro, nos dávamos bem.

A gente gravava *Tocaia Grande* em uma cidade cenográfica em Maricá, eu ganhava bem, eles pagavam na hora, mas Avancini, que entrou para aumentar o ibope da novela, reestruturou tudo. Walter George Durst veio com ele para cuidar do texto, tinha outros diretores e uma gente nova atuando: Taís Araújo, Giovanna Antonelli.

Já tinham me sondado muito antes para fazer *Kananga do Japão* e Tizuka Yamasaki não me quis

de jeito nenhum, eu já tinha até assinado contrato com Jayme Monjardim para trabalhar por um ano e pouco. Quando já estavam tratando da produção do elenco, eu com tudo assinado, ela me disse: *Vamos para o Jurídico, você não vai fazer a novela.* Levei um susto danado e em vez de ir para o Departamento Jurídico, fugi dela e fui direto para a sala do Osmar Gonçalves, que era Diretor Comercial e que tinha me levado para a Manchete, ia ser meu primeiro trabalho lá. Além disso, eu era muito amiga da Sonia Clara, casada com Zevi Ghivelder, uma pessoa maravilhosa, uma mulher muito bonita, foi ela quem me salvou quando quase tive um enfarte. Ela ficou do meu lado durante toda essa crise e depois ficou tomando conta de mim, chorei tudo que tinha para chorar, fiquei muito mal. Tanto ela como Zevi Ghivelder foram maravilhosos comigo. Enfim, meu contrato não foi cancelado, não fiz *Kananga do Japão*, mas continuei na Manchete.

133

Quando entrei em *Tocaia Grande*, fui conversar com Walter Avancini dizendo que precisava trabalhar e queria trabalhar em paz. Eu achava ele ótimo mas, de vez em quando, dava umas loucuras nele que só vendo, eu tinha um medo danado. Ele era sarcástico, e sabe o que fez comigo? Despediu-me enquanto falava ao telefone com Walter George Durst. Disse: *Não quero mais Geórgia Gomide. Não quero mais, pode tirar.* Foi terrível. Alguém pode me

perguntar: *Você tinha feito o quê?* E eu respondo: *Nada*. Comecei a chorar, não era nem de tristeza, mas eu chorava de ódio, as veias pulavam e ele ficou apavorado porque podia ter me matado ali. Foi trágico. Nem sei quem estava do lado, só sei que eram pessoas amigas dele que não falavam comigo na frente dele, ele queria que todo mundo ficasse contra mim. Só sei que eu ali, aos prantos, até que o Avancini se assustou, pegou o telefone de novo e disse para o Durst: *Ela vai continuar*. Olha que maldade. Naquela hora, eu só queria, juro por Deus, sair dali do jeito que estava e ir embora para minha casa a pé. Só que era humanamente impossível sair daqueles estúdios andando pela Dutra, eu ia morrer pelo caminho, alguém ia me matar, eu não ia chegar... Aí, um carro veio me buscar e me levou para o aeroporto, eu chorando, acho que chorei umas quatro horas seguidas. Ainda bem que o avião estava vazio. Só sei que, mesmo assim, sentei lá no fundo, na última fileira, no canto, e para me acalmar tomei nem sei quantas xícaras de café com leite com açúcar, que era a única coisa que entrava. E, no entanto, o Avancini deixou um filho maravilhoso, o Alexandre, que sempre me tratou feito uma dama, tenho um enorme carinho por ele. Como é que pode ser filho desse homem?

Na verdade, Avancini não me tirou da novela, mas esvaziou meu personagem. Eu antes fazia a dona

do bordel, com todas as meninas em volta, e ele deu todas as minhas cenas e meu figurino para outra atriz, fiquei fazendo uma prostituta velha. Além de me substituir e me colocar na novela mais velha e mais cansada, deu o meu lugar para outra atriz que nunca fez mais nada na vida... Ele tinha uma maldade, não precisava abrir a boca para mostrar maldade. Então, eu fazendo aquela prostituta velha, já decaída e tal, ele fez questão de fazer um *close* da minha cara. Se for para aparecer feia, eu apareço mesmo, não tenho problema, se é para ficar bem, fico bem. Então, ele fez dois *closes*, depois fez questão de me mostrar: em um *close* eu bonita e em outro, horrível.

Depois da TV Manchete, fiz um trabalho de fundo religioso, *Irmã Catarina*, minissérie da CNT Gazeta, com a Miriam Rios de protagonista, direção do Atílio Riccó. Era produzida pela Associação do Senhor Jesus e foi o último trabalho do Geraldo Vietri – depois que ele deixou a televisão, passou a fazer trabalhos para essa entidade. Gravamos em Valinhos e Jundiaí. Na Rede TV, fiz um especial de Natal chamado *O Golpe da Madame*, eu era a madame falida que contrata um falso papa para abrilhantar uma festa beneficente que no fim a gente vê que é em benefício dela mesma. O texto e a direção eram do João Kleber, foi engraçado.



*Olhar enigmático*

## Capítulo IX

### As Mancadas Profissionais

*A vida da gente é feita de acertos e mancadas. Na TV Record, tive um ataque de estrelismo inconseqüente, eu mesma me prejudiquei...*

Fui convidada para ir para a Record em 1968, era uma empresa familiar, um lugar muito bom de trabalhar. A primeira novela que fiz lá foi *A Última Testemunha*, do Benedito Ruy Barbosa. No ano seguinte trabalhei em *Algemas de Ouro*, com Altair Lima (a primeira peça de teatro que fiz na vida foi com ele e fiquei muito puta quando ele não me chamou pra fazer *Hair*), Elísio Albuquerque, Maria Célia Camargo e Marcos Plonka. Altair Lima era uma figura polêmica, ou gostavam muito dele ou odiavam, com culpa ou sem culpa, se fez por merecer ou não, é outra conversa. Uma vez, fui a uma festa com ele, havia muita gente da classe e ele estava com medo de ser rejeitado. Ficou na maior felicidade quando foram cumprimentá-lo... Tinha muito talento, Avancini gostava muito dele, Altair rendia muito sob as ordens do Walter Avancini, fez grandes papéis. Ele freqüentava muito a minha casa e, no fim da vida, eu pude dar a ele um pouco de alento, estivemos bastante juntos nessa fase.

Fui ver o último trabalho que ele produziu, uma montagem muito boa e diferente de *Hamlet*. O Altair acabou morrendo na chácara dele, cercado de pessoas que amava, Maria Célia e os filhos.

Fiz alguns teleteatros também em seguida - *Viva Zapata* e *Pimpinela Escarlata* – a Record começou com os grandes teatros, depois foi parar nas novelas. No *Zapata* eu me achei ótima, porque sempre quis ser bailarina e, nesse trabalho, tive a oportunidade de dançar, quase morri do coração de tanto que era exigente no dançar. A direção era do Avancini, fantástico, a gente se dava bem naquela época, tivemos épocas ótimas. Morávamos em três casas iguais no Sumaré, eu em uma; Carlos Zara com Meire Nogueira, que era mulher dele na época, em outra; e Avancini na terceira, a gente chegava a conversar de uma casa para a outra, eu na janela do meu quarto fumando um cigarro, ele no quintal dele.

Dei alguns foras na minha vida artística, reconheço, apesar de que já pedi perdão a todos os envolvidos e acho que estou perdoada. Minha maior mancada profissional foi em *As Pupilas do Senhor Reitor*, na TV Record. Essa história eu preciso contar, inclusive, já gravei em um depoimento para Vida Alves um pedido de perdão ao Lauro César Muniz, acho que nem ele sabe o

que aconteceu direito naquela ocasião e, se não sabia, vai saber por este livro. Enlouqueci, mas não podia ter tomado essa atitude que não se justifica nem um pouco; portanto, peço perdão também aos telespectadores e aos meus colegas que desrespeitei naquela ocasião.

Paulinho Machado de Carvalho estava montando um esquema de novelas. Aí houve a escalação de *As Pupilas do Senhor Reitor* – o SBT fez um *remake*, não gosto muito de *remakes* não - um elenco esplêndido, com nomes de primeiríssima linha. Eu era uma das pupilas, Clara, a mais forte, mais decidida, a que resolvia tudo, uma mulher fogosa, que sabia bem o que queria. Adorei o personagem, tinha cenas maravilhosas. Márcia Maria fazia a outra pupila, Guida, a mais meiga, Agnaldo Rayol e Fúlvio Stefanini eram os nossos pares. Dionísio Azevedo, que era meu amigo desde os tempos da Excelsior, fazia o reitor e dirigia a novela – fui uma das pessoas que deram uma força para ele ir para a Record, tanto falei para o Paulinho Machado de Carvalho que ele acabou chamando e contratando Dionísio. Ele era muito habilidoso e logo começou a trabalhar com Lauro César Muniz procurando um texto, Dionísio tinha muito bom gosto para textos.

Aí, Paulinho Machado de Carvalho fez uma reunião enorme com a gente dizendo que tinha

investido muito dinheiro numa coisa que não estava habituado a fazer: *Olha, contratamos vocês e não vamos poder dar aumento tão cedo*. Coisa normal, e ali foi uma coisa aberta, transparente. Todo mundo aceitou e então nós nos comprometemos a ganhar menos. Só que, no meio da novela, aumentaram o salário da Márcia Maria, não sei se de outros também, Rolando Boldrin foi um que veio me contar, eu fiquei uma fera e fiz um escândalo sem nem pensar nas conseqüências. Para mim, se havia um pacto com o dono da empresa, e tenho mania de honestidade de dinheiro, esse pacto não podia ser quebrado. A novela já estava bem avançada, eu estava no auge da minha carreira, mas o sangue me subiu à cabeça e eu surtei, a palavra é essa mesma, nem parei para pensar e acabei pegando minha bolsa e largando tudo, fui embora. Quem assumiu meu papel foi a Maria Estela, a quem amo de paixão, somos muito parecidas, ela foi chamada por causa da nossa semelhança, temos o mesmo tipo, mesmo *timing*. Ela foi de uma lealdade comigo... Enquanto não teve certeza de que eu não ia voltar mesmo, não sossegou, não queria me trair. Paulinho Machado de Carvalho, quando fui pedir desculpas pelo acontecido, ainda me ofereceu o lugar de volta, mas eu gostava muito da Maria Estela.

Deixei um trabalho no meio, foi uma mancha negra na minha vida porque o pessoal era muito bom, os Machado de Carvalho eram pessoas ótimas. Eles não me mandaram embora, mas perdi meu emprego e me estrepei profissionalmente, não tinha como voltar atrás da decisão. Estava no auge da carreira e é preciso tomar muito cuidado com esse negócio de sucesso; no meu caso, subiu na cabeça.

Quem veio aqui em casa depois foi o Fúlvio Stefanini, que é uma pessoa maravilhosa, Dionísio Azevedo sempre perguntava a razão de eu ter largado a novela, afinal, eu estava estrelando uma novela dirigida pelo Dionísio Azevedo, com atores maravilhosos, como é que eu fui fazer uma coisa dessas? Como é que eu não me segurei?

141

Lauro César não tomou nenhuma atitude na ocasião mas também nunca mais me chamou para outros trabalhos. Mas outro dia, quando nos encontramos no teatro, numa estréia, me deu um abraço.

Uma vez, Clodovil me chamou para dar uma entrevista – e Clodovil a gente sabe como é, apesar de que não tenho medo de conversar com ele – e falei que estava sem trabalhar, queria voltar à ativa. Aí, ele me disse que tinha chegado um *e-mail* com a seguinte pergunta: *Não sei por que você está chorando se você já largou As Pupilas*

do Senhor Reitor... Percebi que era coisa mandada, dei risada e continuei conversando com ele como se não tivesse ouvido a provocação.

Lembro que antes de acontecer a mancada das *Pupilas*, fui com Rolando Boldrin e mais duas outras pessoas a uma vidente e ela nos disse: *Tem uma pessoa que vai sair da novela*. Nem me passou pela cabeça que era eu, estava feliz da vida.

No dia em que surtei, fui até a loja Los Angeles, da Wilma Abrão, e disse a essa minha amiga, sem qualquer arrependimento, o que tinha feito. Foi quando ela me disse que eu ia aumentar a fila do desemprego porque não dava para voltar atrás, que comecei a pensar na burrada que tinha feito. Fui para casa e mamãe falou que eu tinha que fazer alguma coisa, porque não ia agüentar ficar assistindo à novela: *Tem que fazer uma viagem, vai para a Europa*. Até levei um susto com a sugestão mas estava ganhando bem, minha mãe tinha dinheiro também, então, liguei para Vivian Blanche, minha amiga até hoje, que estava indo para os Estados Unidos em férias e Vivian, que é como eu, em dez segundos topou trocar a viagem. Em dez dias embarcamos, eu tinha até o roteiro pronto – Londres, Paris, Suíça, Portugal, Itália, Espanha. Foi uma das melhores coisas que me aconteceram, um deslumbramento. Fiquei lá dois meses,

fiz compras feito uma louca, trouxe coisas para vender e me desliguei completamente.

Outra situação chata aconteceu quando voltei à TV Globo para trabalhar em *Mico Preto*. Foi ótimo, só que pisei na jaca terrivelmente, sumi por três dias porque nessa época eu já sofria de pânico. Cheguei ao aeroporto na 2ª feira, para embarcar para o Rio. Me deu um medo desgraçado, um pânico danado, não sei se foi o meu primeiro ataque, acho que tinha começado bem antes, numa época em que nem os médicos sabiam o que era. Só depois de três dias é que fui para a Globo, deprimida, morta de medo de que me mandassem embora. Me perdoaram quando viram que o negócio era feio. Só que, quando voltei para gravar, o Dênis não me cumprimentava, ficou bravo comigo e ele é muito brincalhão, dá risada, é uma pessoa educada, era um moleque quando entrou na Tupi. Isso durou até que um dia pedi a ele que fizesse as pazes comigo. Só que como o castigo na Globo vem a cavalo, Dênis nunca mais me chamou para trabalhar com ele. Vou falar de mim porque não posso falar dos outros, mas conheço casos iguais ao meu, de insegurança, medo como esse que senti nessa época. Então, se você está sentindo uma dor no calo, você esconde, não deixa que vejam, anda torta mas anda, entendeu?



## Capítulo X

### Ascensão na TV Globo

*A gente sabe que o artista está sujeito ao deslumbramento e na TV Globo não é diferente, não há como fugir do sucesso e do perigo de se deslumbrar...*

Enquanto eu esperava uma boa chance de retornar à televisão, fazendo um papel de que realmente eu gostasse, Silvio de Abreu, velho companheiro e amigo, me chamou para fazer a Bina em *Vereda Tropical* na TV Globo. Achei que era o momento certo para mudar e não me arrependi nem um pouco, apesar de que essa fase não foi só de mudança de vida, mas de perspectiva. A ida para a TV Globo coincidiu com a separação do meu grande amor...

Considero a televisão um dos veículos de comunicação mais importantes do mundo e tinha muita vontade de ir para a Globo. Demorou que isso acontecesse. Me pintavam a emissora como um monstro com várias cabeças, braços e pernas, até que vi que a Globo é, na realidade, uma empresa que tem os pés firmes no chão e que dá muito valor ao trabalho do artista. A dramaturgia bem-feita está na Globo, eles têm anos e anos de experiência, é tudo muito



*A Bina de Vereda Tropical, TV Globo*

bem-feito, o trabalho que você faz lá, por menor que seja, o Brasil todo fica sabendo. Até torço para que outras *emissoras* sigam esse caminho; elas estão querendo fazer coisas melhores para competir umas com as outras e isso é bom para todos.

Mesmo trabalhando em outras *emissoras*, eu chegava em casa e perguntava: *A Globo telefonou?* Sabe aquela coisa de chamar por alguma coisa que a gente quer? Até que um dia eu cheguei em casa e a Globo tinha ligado mesmo: o Silvio de Abreu me queria para *Vereda Tropical*, dele e do Carlos Lombardi. Aí, tremi feito vara verde... Silvio de Abreu era meu amigão, eu o conhecia bem da TV Tupi, ele primeiro trabalhou como figurante, depois ganhou papéis como ator. Escreveu *Éramos Seis*, onde interpretei um dos grandes papéis da minha vida.

147

Quando liguei de volta para Silvio de Abreu, a primeira pergunta que ele me fez foi: *Como é que você está de pernas? Elas continuam lindas?* Eu tinha 46 anos nessa época, mas estava bem magra, tinha feito um regime, as pernas não estavam ruins não. Nessa noite, nem dormi de tanta excitação. No dia seguinte, vesti uma roupa bem paulistana, um terninho, calça comprida, vai entender essa escolha, fiz o cabelo, maquiagem e fomos jantar em uma cantina da Rua Bela



*Convite para Vereda Tropical, partiu de Silvio de Abreu*

Cintra, ele e Paulo Ubiratan, que eu conhecia de moleque da Tupi, ele fazia edição de programas, era o melhor.

Começamos a conversar e eu não estava entendendo absolutamente nada, não sabia se aquilo significava uma proposta, não queria nem beber para não falar besteira. Foi quando eles me disseram que eu estava sendo sondada para o papel de uma dona de cantina, estavam conversando com Marília Pêra, Tereza Raquel e Tônia Carrero. Me chamaram para um novo encontro na TV Globo aqui em São Paulo, disseram que eu daria uma entrevista no dia seguinte, a tal hora, e lá fui eu enlouquecida. Um maquiador me deixou maravilhosa, entrei no estúdio e qual não foi minha surpresa quando vi que não havia programa nenhum e que quem ia me entrevistar era mesmo o Silvio de Abreu. Ele acabou fazendo comigo, com todo respeito e sem que eu percebesse, um teste de televisão e de imagem. Eu estava tranqüila e falei mais de uma hora, as câmeras rodopiavam ao meu redor, eu fazia caras e bocas, já estava feliz...

149

Aí, no dia seguinte, que era o Dia dos Namorados, fui jantar com meu grande amor e como eu tinha deixado o número do telefone do restaurante em casa, o garçom veio me chamar. Era o Silvio de Abreu me dizendo que eu estava



*Bina: melhor personagem da carreira*

na novela e que me esperava no Rio em dois ou três dias para assinar contrato. Quase morri, foi um presente maravilhoso... O jantar virou uma festa, comemoramos com *champanhe*.

Confesso que estava deslumbrada quando cheguei à TV Globo no Rio para falar com Paulo Ubiratan. Primeiro fiquei aflita porque as recepcionistas nem sabiam quem eu era: *Como é seu nome? Sabe aquelas coisas, aquela história de que quem não trabalha na Globo não é ninguém? Aí, subi, me botaram numa sala e de repente entra Walter Avancini, ele também ia esperar alguém. Eu me sentindo péssima com ele ali sentado, pensando: *Primeiro dia que eu venho na Globo e dou de cara com esse diabo?**

151

Teve um tempo que Avancini era meu amigo, desses que vinha na minha casa, abria a geladeira. Fiz muitos trabalhos com ele. Ele me tratava como estrela e tal, só que já tinha brigado com meio mundo, com meia televisão, e foi terrível comigo também. Então, nessa época, ele já tinha me enchido o saco e a gente não se falava mais. Só que, nessa sala, ele me falou uma coisa tão bonita: *Você vai brilhar, mas tome muito cuidado, seja firme.* Foi tão calmo, simpático e gentil que o meu mal-estar passou.

Paulinho Ubiratan então me pegou pelo braço e me levou pela televisão inteira me apresentando como a nova contratada. Foi lindo, eu já nem sabia mais com quem estava falando, tanto que quando um cara parou para me cumprimentar e me deu um beijo no rosto, muito íntimo, falei para o Paulinho: *Quem é esse aí?* E o Paulinho, morrendo de rir, me respondeu: *Geórgia, não é possível, é o Boni...*

152

O contrato que assinei com a TV Globo era apenas para *Vereda Tropical* e a grana era muito boa. Fiquei feliz com o que me deram, depois me aumentaram no meio do caminho porque dei um show, modéstia à parte, todo mundo comentava, diziam que era o melhor personagem da minha carreira, Daniel Filho ia me beijar, me cumprimentar no estúdio. A direção era do Jorge Fernando, aquela doçura, ele e Guel Arraes foram maravilhosos, apesar de que um é completamente diferente do outro. O Guel eu acho fantástico, é um intelectual, e Jorge Fernando é de um talento, um louco varrido, mas muito engraçado, grita, berra, dá um esporro.

Muita gente da TV Globo tinha começado na Tupi, então, era uma grande casa com uma grande família que também tinha suas brigas. Graças a Deus, todo mundo gostava de mim, era um ambiente bom, não me lembro de estrelismo

nenhum. Pelo contrário, era um trabalho insano e um calor em São Cristóvão, onde a gente gravava, na minha vila fazia 48°C.

*Vereda Tropical* era uma novela engraçadíssima, com um elenco sensacional, e conquistou o público de imediato. Apaixonei-me pela Dona Bina, foi um presentão, porque era autêntica em todas as suas atitudes, uma mulher que não levava desaforo para casa e que, apesar da sensualidade, conseguiu conquistar até mesmo crianças e velinhos. A novela representou para mim uma volta triunfal à televisão, não só por causa do elenco mas porque perdi o medo de trabalhar na TV Globo, me sentia como se estivesse começando a carreira ali.

153

A Sabina Tarallo, Dona Bina, foi um verdadeiro exercício de interpretação, eu imitava propositalmente a exuberância das grandes atrizes italianas: Ana Magnani, Silvana Pampanini, Sophia Loren. Aliás, estava com a Vivian no aeroporto de Genebra quando ela deu um grito: *Olha na sua frente...* Fiquei muda quando vi que era a Sophia Loren, quase morri do coração de tanta emoção. Ela me viu e me deu um sorriso tão lindo que paralisei, fiquei embasbacada mesmo, não consegui falar nem um alô.

Fui, sem modéstia, uma das grandes responsáveis pelo sucesso da novela e isso resultou em

uma grande surpresa para a crítica. O Arthur da Távola dizia que eu dava um show de interpretação e sensualidade, que eu sabia passar toda a energia da Bina sem uma gota de exagero, que transmitia tudo no corpo. Divido minha carreira entre antes e depois da Bina. O período que passei no Rio marcou a minha separação do pai do meu filho. Daniel acha que a minha ida para a TV Globo interferiu na minha vida particular, que a minha macro-exposição acelerou nosso processo de separação, entretanto, só nos afastamos mesmo dois anos depois.

154

Foi uma mudança repentina porque eu tinha construído minha carreira em São Paulo, minha vida estava totalmente estruturada aqui, na época da novela, Daniel estava com nove anos, tanto que no começo fiquei na ponte aérea, mas valeu a pena. Como a novela começou a ser gravada durante as férias escolares, meu filho foi para o Rio comigo, Daniel era um menino forte, com uma cabecinha boa. Quando ele voltou para São Paulo, passamos a trocar telefonemas diários, ele ficou protegido pela Adelaide, que acompanhava a família há mais de 50 anos. Adelaide e Lílian ajudaram muito, principalmente a Adelaide, uma senhora que foi secretária do meu tio John. Aliás, a Lílian, que é filha dela, não tem nada a ver com novela nem

com artista nem nada, é que me deu o tom da Bina porque ela é italianada sabe? Eu até hoje falo que ela me deu o tom e ela fica feliz. E foi mesmo, porque a gente passava o texto e ela brincava em cima, ficou muito tempo no Rio me fazendo companhia. No começo, a Globo me dava hotel, um carro ia me buscar; depois, aluguei um apartamento, que era da Íris Bruzzi. Quando meu irmão resolveu ir morar no Rio, num apartamento muito bonito na Lagoa, fui morar com ele e a Lílian voltou para São Paulo. Eu trabalhava feito uma louca, gravava todos os dias, chegava à noite em casa, tomava banho, jantava e dá-lhe texto...

155

Nem quando fiz papéis de mulheres mais *vamps* e sedutoras consegui chamar tanta atenção do público como com aquela mulher passional e ciumenta, que ama os filhos e a família, mas adora viver e está pronta para amar. Aquela viúva sensual, brava e batalhadora, que usava e abusava dos decotes, foi um sucesso espontâneo, imediato. *Vereda Tropical* me transformou na musa dos jovens, imagina que a rapaziada me elegeu o novo símbolo sexual da TV, eu que estava com 47 anos na época. Paulinho Guarnieri e Paulo Betti diziam que os jovens sonhavam comigo. E na verdade eu tinha muito pouco a ver com ela porque sou descendente de alemão

e a Bina era italiana, nossa educação era completamente diferente, mas ela era tão alegre que eu sentia vontade de me expandir com ela. Sou a Bina no sentido passional, de sorrir muito ou chorar pra valer; minha vida é assim, repleta de grandes alegrias e grandes tristezas. Nós éramos parecidas porque éramos, as duas, extremamente românticas e sentimentais, sem meio-termo, sorrio com a mesma facilidade com que choro.

156

A cantina da Dona Bina, a Tavola de Michele, era bem italiana, em verde e vermelho, tudo pendurado, tinha umas massas maravilhosas de verdade e não só para o telespectador ver e ficar com água na boca. Um conjunto de música italiana sempre se apresentava na cantina, a gente cantava *Funiculi Funiculá*. Como toda boa *mamma* italiana, uma mãe loba, a Bina cuidava com o maior carinho dos três filhos repressores: Mário Gomes, que era o queridinho, jogador de futebol, Luca; Paulo Betti e Paulinho Guarnieri. Angelina Muniz fazia a minha filha, nós éramos parecidíssimas, as duas de olhos rasgados, cabelos negros e brilhantes. E tinha a minha nora, que eu implicava, Lucélia Santos, eu não queria saber dela, apelidei a Lucélia Santos de minúscula – a Rosinha, Rosamaria Murtinho, eu chamava de fantasmagórica, depois de certo tempo já comecei a brincar com o texto. Uma vez, eu e Lucélia tínhamos uma cena em

São Cristóvão, fazia um calor desgraçado e eu regando as plantas com esguicho, ela era minha vizinha, aí começamos a esguichar água uma na outra, foi ótimo, refrescou.

Tinha também o Bertazzo, que quem fazia era Nuno Leal Maia; ele era muito louco, muito safado, amigo dos filhos da Bina e mantinha um romance secreto com ela, até que aparece o Oliva, papel do Walmor Chagas, que era um homem lindo, de cabelos brancos de algodão. Sempre amei trabalhar com ele, fizemos juntos três ou quatro novelas que valeram por 30 - outro ator que amo é Raul Cortez, que nós perdemos. Foi por causa de *Teresa*, que foi o meu primeiro sucesso, que Walmor começou, fora do texto: *Eu te conheço, de algum lugar*. Quando a Bina resolveu namorar o Oliva e o Bertazzo, o telespectador começou a opinar. Luiz Carlos Arutim também estava no elenco, era um dos nossos vizinhos, Gianfrancesco Guarnieri, fazia o Jamil, um homem rico que toda noite ia tocar na cantina da dona Bina. As duas filhas do Oliva eram Maria Zilda e Marieta Severo, amo as duas de coração, e tinha Cristina Pereira. Era um elenco tão gostoso e uma delícia trabalhar no Jardim Botânico, o Projac ainda não existia. Foi uma fase muito positiva, eu estava bem na minha vida pessoal e sentimental, estava tranqüila, meu

filho também estava feliz da vida. Lembro de estar gravando e ver Mário Gomes com o Daniel no colo, Paulo Betti brincando com ele. Às vezes, colocavam o Daniel sentado lá na cantina, ele ficava ali todo feliz, apareceu muito na novela, nas cenas da cantina. Nunca tinha sentido um trabalho de televisão repercutir tanto – a Bina me deu o prêmio de melhor atriz de 1984. Uma vez, eu estava em um hotel em São Bernardo do Campo, quando chegaram duas excursões com trezentas crianças, uma de Niterói e outra de Curitiba. As monitoras não conseguiam controlar a meninada, até *fiu fiu* fizeram para mim.

- 158 Desses tempos de Rio, lembro de um *réveillon* na casa de um cabeleireiro chamado José Antonio, meu filho também foi, era em uma cobertura tríplice de Copacabana, com bateria da Mangueira, duzentos convidados, uma festa linda. Só que comi alguma coisa que me fez mal, passei a noite toda vomitando, a cabeça zonga. E no dia 1º de janeiro, eu e Walmor Chagas tínhamos que estar na ilha do Boni em Angra dos Reis, todo ano ele convidava um casal de atores que fazia sucesso para ir até lá. Eu tinha que ir de qualquer jeito, só que, ao pegar o helicóptero, fiquei mais tonta ainda, passei muito mal, mas não contei para ninguém. O passeio foi lindo, tinha um desfile de barcos.

Então, participamos de um júri para escolher os iates mais bem decorados, eu estava tão zonha que Daniel é que deu notas por mim.

Na época de *Vereda Tropical*, me ligavam muito chamando para fazer comerciais. Eu não manjava muito daquela coisa, nunca sei o que cobrar, ou cobro muito ou cobro pouco, mas no último dia de gravação da novela, sete meses depois que a novela tinha começado, fui fazer um comercial para a Casas Pernambucanas. Passei a noite toda gravando, estava tão nervosa com aquilo, cansada, mas foi bom porque com o dinheiro comprei um carro, apesar de que o comercial foi para o ar e eu nem vi.

159

Aí, meu contrato terminou, eu estava na maior felicidade, vim para São Paulo, viajei um pouco e fiquei esperando por um novo chamado da TV Globo que não acontecia. Eu já estava parada há quatro meses quando o SBT me convidou para fazer a novela *Uma Esperança no Ar*. O dinheiro estava curto, a Globo não tinha me oferecido um contrato, então, aceitei e quando Silvio de Abreu soube, me deu uma bronca, queria que eu rompesse o contrato. Expliquei a situação a ele e ao Manuel Martins, que é uma pessoa que eu adoro, mas, por causa disso, Silvio de Abreu nunca mais me convidou para trabalhar, acabamos nos afastando. O Silvio não entendeu

esse meu momento: eu estava sozinha no mundo, com um filho pequeno para criar e minha história de amor estava chegando ao fim. São Paulo ainda era meu porto seguro, eu tinha casa, amigos, e não estava em condições de alterar tudo naquela ocasião – quando fui chamada para fazer *Hipertensão* sim, um ano depois, me mudei para o Rio. Se a Globo tivesse me feito uma proposta mais objetiva, é lógico que eu ia, mas isso não aconteceu.

160

Aí, quando fui à estréia do *Bibi In Concert*, no teatro do Shopping Frei Caneca, é o teatro mais bonito de São Paulo, eis que vejo Silvio de Abreu, depois de 21 anos. Ele estava ali na minha frente, de costas, e me deu uma saudade... Então fui cutucá-lo. Quando ele se virou e deu de cara comigo, eu grudada nele, falou um *Geórgia* que veio da alma e me deu um abraço enorme.

O convite da Globo para eu entrar em *Hipertensão* chegou em 1986. Ivani Ribeiro era a autora, essa novela foi feita na Tupi com outro nome, e a direção era do Wolf Maya, que na época eu considerava meu amigo porque já tinha feito teatro com ele, a peça do Flávio Rangel. Ele me dizia: *Puxa vida, não vejo a hora de chegar naquela Globo e arrasar como diretor, como ator, como isso, como aquilo*. E fiquei muito feliz com aquele objetivo, com aquela meta dele, cada vez que

o encontrava, eu perguntava: *Como é que vão as coisas, já soube que você está na Globo...* Ou seja, acompanhava de longe a carreira dele, só amigo é que faz isso, acompanha, torce. Mas ele é mau-caráter mesmo, uma pessoa muito rude, metido a gênio, espero que ache o seu caminho. Quando eu o encontrei em *Hipertensão*, que ele dirigia, ele me tratou maravilhosamente bem. Mas quando nos reencontramos mais tarde, sei lá o que deu nesse homem, ele nem me dirigia direito, de propósito... Uma vez, teve um ataque comigo, me chamou de vadia, essa não vou perdoar nunca...

Em *Hipertensão* eu fazia uma peste de uma mulher, a Donana, que era muito rica, uma mulher ditatorial, poderosa, que tratava todo mundo com nariz pra cima, era um papel central, maravilhoso. A novela se passava em uma cidade de interior, meu filho era o Taumaturgo Ferreira, Déborah Evelyn fazia a minha filha, Stênio Garcia era um índio, eu tinha uma raiva tremenda daquele índio, e tinha Paulo Gracindo, Cláudio Correa e Castro, que eu já conhecia da Tupi, Ary Fontoura.

Tudo bem, maravilhoso, mas aí aconteceu um negócio esquisito, o figurino que eles tinham imaginado não ficou bom em mim, tiveram que refazer. E na minha primeira cena eu estava

aflita; afinal, ia trabalhar pela primeira vez com Paulo Gracindo, que era meu ídolo, e, quando entrei em cena, riram de mim. Até hoje não sei o que aconteceu. Eu falei num tom muito alto, ou a roupa estava ruim, só sei que pintou pavor, insegurança brava, nunca comentei isso com ninguém, até hoje não sei por que eles riram. Não me senti ajudada ali. No estúdio, não que eu faça de propósito, isso não faço, mas eu me largo, tanto é que invento muito, mudo de lugar, não sei trabalhar com câmera parada, não sei, não sou técnica e nunca me chamaram a atenção por causa disso. Na Tupi as câmeras faziam um balé, o ator podia até dar as costas, na Globo não, é tudo ali, as câmeras pegam tudo.

Com outra atriz que eu gosto muito até, Eloísa Mafalda, aconteceu um mal-entendido. Não sei por que, um dia ela me virou a cara e eu não tinha feito nada e eu trabalhava com ela o tempo inteiro. Não nos falamos mais, até hoje não entendi o que houve. Foi muito desagradável porque na novela eu brigava muito com ela, xingava até, porque eu fazia a ruim, e ficava aflita porque parecia que estava falando aquilo de verdade. Não trato mal as pessoas, de jeito nenhum, e não gosto quando algum colega, ou mesmo amigo, faz isso. Trato muito bem porque, se não fossem eles, eu não seria Geórgia Gomide.

Quando me tratam mal, posso estar sofrendo, mas perdôo.

Nessa época, fiz muita amizade com Lúcia Alves, ela estava separada, tinha uma filha com a idade do Daniel, então, uma das poucas coisas que eu fazia era ir jantar com ela e os meninos em um restaurante japonês. Tomávamos umas biritas, as crianças acabavam dormindo ali e a gente se acabava no papo.

Por causa das novelas da Globo, eu e Osmar Prado fomos para Portugal para sermos homenageados, adoro o trabalho dele, era a primeira vez que ele ia para a Europa. Ele chorava e me emocionei por estar ali, participando de coisas assim muito íntimas. O Osmar estava viajando com a mulher e eu com o meu filho, Daniel estava com dez anos, ficamos uma semana lá, foi lindo, desfilamos de carro alegórico, o Daniel achando tudo maravilhoso, os portugueses são incríveis... Nunca vou esquecer de um almoço que nos ofereceram em uma quinta, com tudo que se possa imaginar de comida e bebida, era uma mesa enorme, aquela sala imensa de palácio, a dona da casa é que cozinhava, eles trocaram os pratos doze vezes, doze!

Depois de *Hipertensão*, voltei para a Globo para trabalhar em *Mico Preto*, foi quando me mudei

para o Rio com o Daniel, fomos morar no Posto Seis. Eu estava em São Paulo, na casa do meu compadre, era véspera do carnaval e, já que a cidade estava vazia, eu tinha saído com o Daniel para ele dirigir, o ensinei a dirigir com treze anos. Quando voltei, recebi o recado de que a Globo tinha ligado me chamando para fazer *Mico Preto*, eu ia interpretar a mãe da Glorinha Pires, Herotildes. Era muito boa essa novela, escrita pelo Marcilio Moraes, Leonor Basseres e Euclides Marinho, com direção do Dênis Carvalho, que eu já conhecia da Tupi e adoro, e da Denise Saraceni.

164 O protagonista de *Mico Preto* era o Tatá, Luís Gustavo, que fazia o noivo da atriz principal, Glória Pires. Herotildes era uma mulher suburbana ambiciosa, inescrupulosa e sem caráter, louca de pedra, muito brega e de nível baixíssimo, capaz das maiores canalhices para que a filha, Sarita, subisse na vida. Fizemos uma cena muito bonita, aquela famosa cena do chuveiro, do filme *Psicose*, do Hitchcock, o Wilker me matando. Eu era muito louca, tinha seqüestrado o meu neto, um bebê, e queria de resgate não sei quantos dólares. Então, naquela cena, tomei o maior banho da minha vida, com água quente e tudo, três horas de trabalho e fui assassinada pelo Wilker. Com um detalhe: acabei fazendo a

cena do banho sem roupa. Acontece que tinham me dado um maiô cor da pele e fomos ensaiando a cena sem a cortina, eu caindo para cá, para lá, três horas filmando para dois minutos de cena. Só que aquele maiô estava me incomodando, eu não estava me sentindo na personagem, a roupa estava errada, eu devia estar pelada. Então, pedi licença ao Dênis Carvalho e abaixei o maiô, fiquei com os seios de fora, o estúdio foi esvaziado. Eu tinha feito uma cena de nu em um filme, *Chão Bruto*, as pessoas não tiravam a roupa com tanta facilidade, tirar a roupa não era tão natural. Glória Pires estava assistindo à cena o tempo todo, eu nem sabia, e, quando terminei, desceu e foi me ver no estúdio. Eu estava cansada, claro, e ela me disse: *Estou te esperando para levar você para a minha casa, jantar lá, dormir lá*. Olha que doçura, que Deus a abençoe. Tomei meu uísque com ela, ela fez um jantarzinho para mim, só não dormi lá porque não queria incomodar tanto.

165

Em *Despedida de Solteiro*, como eu estava contratada pela casa, tive uma participação apenas, fazia uma cartomante, é comum pegarem uma atriz com nome para uma participação. *Anos Rebeldes* foi muito bom, gostei muito do texto, que é do Gilberto Braga, é um dos maiores autores, inclusive me mandou depois um cartão-postal de

Mônaco, muito simpático, agradecendo a participação. Tinha Malu Mader, Cássio Gabus Mendes, Cláudia Abreu, que fazia uma terrorista, a direção era do Denis Carvalho. Eu fazia Zuleica, uma daquelas fofoqueiras da alta sociedade, ela era contra o comunismo, tínhamos muitas cenas de praia com aqueles maiôs antigos de *Miss Brasil*, eu estava bem de corpo ainda, era aquela mulherada conversando. Era um papel pequeno mas adorei fazer.

166

Quando me perguntam como é trabalhar com jovens – não é o caso da Glorinha, que já é uma atriz feita, e da Cláudia Abreu, com quem trabalhei em *Hipertensão*, foi o primeiro trabalho dela na Globo e eu a assassinei, eu não, a Donana – digo que tanto faz a idade, o duro é trabalhar com gente que não sabe das coisas. Respeito porque todo mundo tem um começo, também tive. A Cláudia Abreu é ótima, uma senhora atriz, deu um baile em *Celebridade*, só não levou todos os prêmios porque disputava com Malu Mader, que é linda, uma pessoa maravilhosa, tem um tipo físico maravilhoso, é doce mas ao mesmo tempo sabe fazer personagens mais sérios. Fomos ver a estréia da minissérie na casa dela, o Gilberto Braga, quando me encontrou, disse: *Geórgia, estou te devendo um papel*. Estou esperando esse papel que ele ainda não me deu.

Fiz também na Globo a novela *Quatro Por Quatro* e depois voltei para fazer *Uga Uga*, em que eu era a governanta da casa de um milionário que vivia em cadeira de rodas, papel do Lima Duarte, há pouco recebi um dinheirinho de direitos autorais. Fiz ainda a minissérie *O Quinto dos Infernos* e em 2005, *Malhação*.

Fui fazer *Malhação* sem muito preparo. Peguei um avião, cheguei lá e me arrumaram, me vestiram e me soltaram. Eu conhecia bem a minha história, era isso que interessava, mas não tinha decorado direito o roteiro, não por falta de estudo, mas porque foi a primeira vez que decorei meu papel usando o gravador. Mas a única hora em que eles me chamaram a atenção foi uma vez que eu estava esquecendo de falar italianado, o resto eu sabia perfeitamente. E eles me deixaram tão à vontade, tão à vontade que realmente me soltei.

A *mamma* Francesca de *Malhação* era uma Bina que esquecia o italiano e o papel do meu filho era do Charles Paraventi, o professor Afrânio, que depois me ligou falando coisas muito bonitas. Paulo Betti fazia um médico bem frio, tivemos uma única cena juntos, aproveitei e mandei recado para os médicos quando ele dizia para a Francesca: *A senhora não tem nada*. Então, logo de cara já coloquei um caco na minha fala e

chamei-o de antipático, porque ele estava sendo antipático com a *mamma* Francesca. Ele deu um sorrisinho como se dissesse: *velha louca...*

Em outra cena, eu tinha que dar uma pasta para o meu filho. Virei e não dei na mão do Charles, foi muito engraçado, ficou aquele joguinho do *Escravos de Jó, tira, põe, deixa ficar*, mas só eu, ele e Deus soubemos daquilo.

*Malhação* representa o começo de muita gente na TV Globo, é uma escola, embora muita gente esteja lá faz tempo. Quando fui trabalhar com os jovens, vi que me respeitavam como alguém que sabe um pouco mais. Tinha cenas em que eu atropelava os garotos, falava outros textos, eles não estão acostumados com isso, mas é bom para aprenderem, estão ali para aprender trabalhando com outras pessoas, não se aprende observando, só se aprende fazendo mesmo.

A gente percebe quando o ator jovem é bom, você vê quando ele vai longe. Aconteceu quando eu fazia uma novela no SBT com o Edson Celulari. Ele me deu uma carona, nós viemos conversando, ele sempre foi muito educado. Olhei para ele e falei que logo ele estaria na Globo. Uma vez, falei para Marcelo Novaes, gosto dele, é muito querido: *Você vai ter que mudar uma coisinha, não se aborreça comigo, é que se você não*

*mudar o seu tom de voz, vai atrapalhar a personalidade do personagem, e tal... Ele escutou sério e percebi que tentou mudar, fiquei feliz com isso porque ele aceitou. Mas tem pessoas que você não pode falar nada, tem que ter a sensibilidade de saber que é melhor não abrir a boca. Uma vez, falei alguma coisa para um ator e parecia que eu tinha jogado uma bomba na cabeça dele, ele me respondeu: *Para mim é melhor assim, eu gosto*. Fiquei sem graça. Mas também já fizeram isso comigo e não aceitei, então... Porque o ator parece louça chinesa, casca de ovo, é muito delicado...*

Um de meus mais recentes trabalhos na TV Globo foi um episódio do Linha Direta, programa policial. Rodamos *O Castelinho da Rua Apa*, eu no papel da amante do criminoso, uma quatrocentona que relembra o fato que aconteceu realmente em São Paulo. Trabalhei com aquela menina, Bianca Comparato, muito boa atriz, e fui recebida muito bem na emissora, como sempre. Também gravei um episódio de *A Diarista*, pra variar no papel de uma italiana maluca. Gostei, foi muito legal.



*Bonita e fotogênica*

## Capítulo XI

### Tempos de *Glamour*

*Eu gostava do glamour que envolvia a vida de artista porque, tanto nos tempos da TV Tupi quanto depois, as artistas se arrumavam para serem vistas, admiradas, dar autógrafos.*

Quando fui entrevistada pela Luciana Gimenez, ela me perguntou do que eu sentia falta. Respon-di que do *glamour*, vivi esses tempos. Eu ganhava bem na televisão, gastava muito em roupas, jóias, peles, jogava dinheiro fora mesmo. Tive um carro Karmann Ghia que fazia o maior sucesso. Mesmo assim, juntei dinheiro e acabei comprando meu primeiro apartamento no Itaim, pequenininho, que primeiro aluguei e depois vendi. Foi numa ocasião em que fiquei sem dinheiro, numa época em que minha mãe já tinha morrido e eu estava sozinha com meu filho. Tive que vender inclusive um quadro do meu tio Gomide, choro a perda daquele quadro até hoje.

Nos meus tempos de estrela eu era meio escandalosa no sentido de pôr tudo para fora, era muito *over*. Às vezes eu adoto ares de estrela mesmo porque o público não gosta que o ator seja igual a ele. Houve uma fase na minha vida em que eu estava muito deslumbrada, achando

que era ótima, tudo maravilha. Todo artista tem um momento em que o estrelismo sobe à cabeça, comigo também aconteceu.

Uma das boas memórias que tenho dessa fase de muita grana foi quando viajei com a Vivian para a Europa, rimos muito com as nossas aventuras e os nossos foras. Visitávamos uma exposição em Firenze quando nos mostraram um quadro do pintor Pedro Américo, morto em sei lá que data. Eu fiquei assustada: *Como? Ele morreu? E a seleção de futebol, como vai ficar?* Eu tinha confundido o Pedro Américo com o massagista Mário Américo, vejam que fora... Visitando o Louvre, junto à *Monalisa*, pegamos uns fones de ouvido, escolhi o idioma alemão e a Vivian, o inglês. Fizemos caras e bocas, cada uma de um lado, impressionadas com tanta beleza, e quando chegamos ao hotel é que descobrimos que nenhuma de nós tinha entendido nada da narração porque os equipamentos não estavam perfeitos. Vivian e eu somos amigas até hoje, ela diz que eu dou muitas mancadas e é verdade mesmo. Como ela está morando em Santos, de vez em quando vou para a casa dela e rimos muito, e brincamos de cantar *Trem das Onze* em alemão...

Na Europa, viajamos de avião, trem, carro, arranjamos uns namorados, posso contar agora

porque o namorado que eu tinha deixado no Brasil infelizmente já morreu, sempre fui namoradeira... Conheci na Europa o Helmut, um inglês, professor de matemática que também trabalhava com turismo, saímos juntos, dançamos *Singin' in the Rain* na rua, estava chovendo, tenho até hoje uma carta apaixonada que ele me escreveu, mas em que confessava não poder dar continuidade àquela noite maravilhosa por já ser comprometido.

A pior experiência nessa viagem foi uma passada de mão na minha bunda, foi horrível, tomei um susto... Era época da minissaia, mas como as minissaias brasileiras eram no meio da coxa, eu estava decente – em Paris, mostravam tudo. Estávamos saindo do metrô e só ouço um *toc, toc, toc, toc* sinistro atrás da gente. O corredor estava vazio, a gente não olhava para trás – na verdade, não gosto de ninguém andando atrás de mim na rua, quando acontece isso, paro, arrumo o sapato, disfarço. Como o homem se aproximava eu achei que íamos ser estupradas, uma cena de filme começou a passar na minha cabeça, estava apavorada. E ele veio mesmo com a mão cheia e me pegou forte, larguei um *puta que pariu* que fez eco, a impressão que tive é que Paris inteira ouviu o palavrão. Eu tremia muito, saímos correndo, ele se assustou com o meu grito



*Posando ao natural*

e correu para o outro lado, foi muito perigoso. Voltei dessa viagem com uma bagagem imensa, comprei muita coisa para mim e para vender. Londres tinha umas coisas fantásticas, era a época dos Beatles, as lojas eram maravilhosas, lá e em Paris nós fomos a muitos teatros, vimos também a noite pesada.

Estive várias vezes na Europa, me encantei com a Suíça, que é um verdadeiro jardim, com Capri, na Itália – quando entrei na Gruta Azzurra com o mar naquele tom de azul-turquesa, confesso que quase morri de emoção, toda aquela Costa Malfitana maravilhosa, ah Firenze, Veneza... Quando completei 70 anos, meu filho me deu de presente mais uma viagem para a Europa, fizemos o Leste Europeu, uma beleza. Festejei meu aniversário, em Paris.

175

Outra viagem muito bonita que fiz foi para Machu Picchu. Havia toque de recolher no Peru, foi uma loucura, eu nunca tinha passado por uma situação tão séria e desagradável; tivemos que sair correndo. Nessa época, como ainda não existia helicóptero para Machu Picchu, fomos de trem, horas e horas de viagem, paramos praticamente na nascente do Rio Amazonas. Quando a gente ama, tudo é bonito e como eu estava com meu grande amor, foi uma viagem inesquecível.

Com ele e o Daniel estive nos Estados Unidos. Uma tarde, levei meu filho para assistir ao filme *Tubarão Dois* em Nova York e quando fomos comer *donuts* num bar de esquina, levei um susto enorme por causa de um negro com quase três metros de altura que começou a reclamar porque me sentei do lado dele. Fiquei apavorada, não conseguia sair dali, até que ele foi embora.

Estive também no Chile com um amigo, o Carlos, que tinha família lá, fiquei hospedada na casa deles com o Daniel, foi uma viagem muito interessante. Embora a família do Carlos morasse no Chile, nunca tinha visto neve, imagina que coisa, vivendo nos Andes, então, alugamos um carro e fomos todos juntos até o Valle Nevado, onde pegamos uma nevasca terrível, não estavam nem esquiando... Levamos vinho em embalagem tipo caixas de leite e nos divertimos muito. Peguei um trenó com o Daniel, eu num nervoso naquela imensidão...

Com Laura Cardoso, fiz uma viagem logo que entrei na TV Tupi, em início de carreira, viajamos de navio – era o *Augustus*, não dá para esquecer – mas de terceira classe, não tínhamos grana para mais. Fomos a Bariloche e Buenos Aires, nos divertimos muito, éramos muito malucas.

## Capítulo XII

### Teatro: Desafio Eterno

*A coisa mais incrível é você sair de um palco aplaudida, ovacionada... Estou sentindo falta de fazer teatro bom, um trabalho que me acrescente...*

A repercussão que tive em televisão nunca se comparou com a do teatro, não dei sorte com os trabalhos que fiz. Ainda sinto buracos na minha formação de atriz que não preenchi com tudo que aprendi ou deixei de aprender, tenho uma necessidade tremenda de criar. Tive essa experiência dentro da televisão com os teleteatros, as peças que a gente fazia toda semana tinham textos maravilhosos, tanto nacionais como estrangeiros; a gente levava aquilo muito a sério, era uma escola. Isso, no entanto, não aconteceu com o teatro, talvez, porque eu dominasse mesmo mais as câmeras de televisão ou porque, no caso do teatro, não estivesse no lugar certo na hora certa.

177

Assim que terminou *Vereda Tropical*, na Globo, como estava sem subir a um palco há seis anos, quis aproveitar o sucesso da novela para fazer teatro e montar *A Rosa Tatuada*, mas não deu.

Quando Silvio de Abreu sugeriu *A Vinda do Messias*, encarei fazer o monólogo do Timochenko

Wehbi não por egocentrismo, mas como um desafio. Foi minha primeira experiência em produção e não pretendo repetir, foi uma roubada. Não sou uma mulher de negócios, não sei me vender, não sei cobrar. Essa peça tinha sido encenada pela Berta Zemel alguns anos antes, ela foi premiada por esse trabalho, e quando entrei, mudamos o título para *Cheiro de Homem*.

178

Eu tinha lido o texto, achado ótimo, então, comecei a estudar, eram duas horas de encenação. Tratava-se de uma tragicomédia sobre os devaneios de uma mulher, Rosa Aparecida dos Santos, sozinha no mundo, solteirona e fogaosa que conversa sozinha e espera a chegada de um homem maravilhoso, o Messias. Aquela quarentona mal-amada, costureira, sem grandes atrativos, mas com uma gama de emoções muito forte, era muito diferente da Bina, justamente para que eu pudesse me exercitar, eu queria me sentir desafiada. Contratamos até uma bailarina do Balé Stagium para cuidar da minha expressão corporal.

Durante a produção do espetáculo, começaram a aparecer os problemas e entre os parceiros a coisa não andava nada bem, o Timochenko até se propôs a assumir a direção. Apresentamos a peça no Teatro da Paz, em São Paulo, como um teste, e mesmo quando excursionamos por dez

idades do Estado, percebemos que as pessoas queriam muito me ver – eu estava no auge do sucesso da Bina – tanto que iam para a porta do hotel ou do teatro, mas não iam assistir à peça. Não foi um espetáculo bem-sucedido, nem uma temporada bem-sucedida nem mesmo em São Paulo, quando fomos para o Teatro Hilton e fui muito bem tratada. Então, paguei a minha parte das dívidas, deixei tudo em ordem e tiramos a peça de cartaz.

A peça seguinte foi *Adiós Geralda*, gostei muito mas, em termos de pagamento, foi uma loucura... Era um musical, eu cantava e dançava no palco, me preparei bem antes. Nós tínhamos aula de música, eu não cantava, mas, como já tinha cantado em algumas peças, eles achavam que eu ia me sair bem. Cantei *El Día Que Me Quieras*, é muita coragem, e foi muito engraçado porque várias vezes me aplaudiram, imagina, uma música cantada pelos maiores cantores do mundo... Dançar, como eu sempre tive jeito, fazia numa boa. Eu estava tão feliz fazendo aquele trabalho... A direção era do Odavlas Petti, foi um ótimo diretor, eu gostava demais dele. Era uma história verdadeira, triste, de uma prostituta. No elenco estavam Maria Clara Fernandes, Ana Luiza Lacombe, Décio Pinto, Carlos Martins, Ricardo Peixoto e Neusa Maria Faro.

Na cena final, eu descia a escada dançando e cantando, majestosa, um vestido maravilhoso, sapatos do Fernando Pires. Até que numa das sessões, eu continuei andando, não vi que o palco tinha terminado, dei uma virada na ponta do palco, fiz uma pirueta e desabei entre o palco e a platéia. O Daniel devia ter uns 15 anos na época e não tinha ido ao teatro aquela noite, estava estudando, mas eu continuava gritando: *Quero meu filho, eu vou morrer! Pelo amor de Deus!* E o pessoal batendo palmas, achando que era uma cena da peça, aquilo foi uma loucura e até cair a ficha, demorou, os atores ali parados. Uma amiga minha, que estava sentada no balcão, percebeu que eu ia cair, mas não podia fazer nada. Acho que de tanto que eu falava para o Daniel proteger a cabeça no caso de algum tombo, fiz a mesma coisa, consciente ou inconscientemente. Alguém me salvou, só pode ter sido meu anjo da guarda, Deus, sei lá o quê, porque, na verdade, eu poderia ter caído em cima da platéia, machucado não só a mim mas os espectadores. Nessa noite, me levaram para o hospital, tiraram radiografia, foi num fim de semana, e na quarta-feira seguinte eu já estava fazendo a peça de atadura.

Outro tombo, bem mais leve e que até hoje me tiram o sarro, foi o que levei na Rua da Praia, em Porto Alegre, durante a temporada de O

*Vison Voador*. Viajamos pelo Brasil inteiro com a peça, era a Marly Marley, que também produzia, Luís Carlos Arutin, Elizabeth Gasper, Yara Grey, Benjamin Cattan, Hugo Gross. É a historia de um casaco que o marido compra para a amante e que vai parar em outros lugares. Eu fazia uma secretária, um senhor papel. Depois, fiz outra produção da Marly Marley, *Um Estranho Casal*, com ela e Débora Duarte, gosto da Débora desde pequena como atriz e pessoa.

Então, uma noite, a Gasper, a Yara e eu saímos do teatro, íamos jantar em algum lugar e quando íamos atravessando a Rua da Praia, de braço dado, levei uma trucidada e carreguei as duas para o chão. Nós nos divertíamos muito as três juntas, fazíamos compras, essa viagem foi uma delícia por causa disso. Em outra ocasião, pegamos um táxi, era um fusca, a Yara e a Gasper entraram atrás e como na frente não tinha banco, não percebi e acabei sentando no chão, caí de bunda. Elas riam, o motorista ria, eu ria. Também levei um tombo bem no meio do espetáculo, só que levantei rápido, as pessoas até se assustam com a minha rapidez nessas horas. Caí de uma escada, fiz *tun-tun*, levantei e continuei falando, como se nada tivesse acontecido. Marlene Dietrich já caiu do palco, Bibi Ferreira também; então, eu também tenho esse hábito.

Todo mundo acha que comédia dá trabalho, que é difícil fazer rir, e é muito difícil sim, mas solto a fera e pronto, não sinto tanta dificuldade não. O mais importante na comédia é você estar agregada com os outros, ter o mesmo *timing*, você solta uma bobagem qualquer e a pessoa pega no ar e continua. No teatro, fiz mais comédias, o elenco se diverte, mas não me sinto realizada. Para fazer comédia, a gente estuda, faz, mas não tem esse negócio de laboratório.

182 Fiz uma peça da Agatha Christie, que adoro. *Labirinto*, com Vera Nunes, Marlene Santos, o produtor era o Paulinho Rafante e o diretor, Dionísio Amadi. Fizemos uma coletânea da Agatha Christie, achei a idéia muito boa. Era a história de um crime que é descoberto no meio de uma festa de noivado, todos os convidados são investigados. Recebi elogios unânimes da crítica por esse trabalho.

Logo depois, me convidaram para entrar no elenco de *Investigação na Classe Dominante*, uma peça policial muito boa, americana, adaptada e dirigida por Flávio Rangel com cenário de Flávio Phebo. Foi o espetáculo de maior duração do ano, começou carreira no Teatro Maria Della Costa e depois foi para o Auditório Augusta, foi vista por mais de 65 mil pessoas. Foi um trabalho maravilhoso, diferente, uma coisa nova, eu enca-

rava quase como que uma aula, os atores eram todos meus amigos, eu adorava trabalhar com eles. João José Pompeu, com essa peça, recebeu o prêmio Molière de melhor ator; tinha Luiz Serra, Rildo Gonçalves, eu e ele somos muito amigos, éramos os queridinhos do Benjamin Cattan na Tupi. Eu fazia a mãe do Wolf Maia e o Rildo era meu marido. Apresentamos a peça no Teatro Municipal de Santo André, depois estivemos em Santos. Nessa época, minha mãe estava muito doente e quando eu deixava o palco ia ligar para ela, um terror. Ninguém imagina que, nessas horas, o ator tem que cronometrar o tempo: eu saía do palco, ia para o telefone e voltava.

*Marido, Matriz e Filial*, do Sérgio Jockyman, foi apresentada em São Paulo com sucesso, durante dois anos, e depois excursionou por 36 cidades, fiz algumas praças. No elenco estavam Cazarré e Ivete Bonfá, ele, muito simpático, morreu daquela forma estúpida no Rio, de uma bala perdida. A Bonfá, coitadinha, morreu ao fazer uma lipoaspiração, que loucura.

Uma das peças que mais gostei de fazer foi *Tudo no Escuro*, com Jô Soares atuando e dirigindo, trabalhei com Maria Isabel de Lisandra, Marina Freire, uma grande atriz que já faleceu, Luís Carlos Arutin, que também se foi. Era um texto muito engraçado, gostoso, de um autor inglês,

Peter Shaferm. Fez muito sucesso. Era a primeira vez que ele e Otelo Zeloni, que também já se foi, faziam teatro juntos. Aliás, os dois se digladiavam em cena mostrando o seu melhor, era uma aula para o elenco.

184 Outra experiência boa foi ter sido dirigida por Bia Lessa em uma peça chamada *Futebol*, que apresentamos no Sesi, o cenário era um campo de futebol, havia uma luz especial. O texto era complicadíssimo e a montagem e a história eram muito interessantes. Até Zeca Camargo estava no elenco, aquele bonitão do *Fantástico*, acho que foi a única peça que ele fez e aparecia em um nu frontal, eu nunca olhei, juro. Quase morri durante um ensaio ao fazer uma cena de suicídio, eu pulava de um muro para o mar, os rapazes ficavam esperando para me segurar. Só que a primeira vez que pulei, pulei com tudo, dei uma cambalhota no ar sem querer porque sou flexível, parecia mulher de circo, até hoje não entendo como fiz aquilo, me atirei em pé, os rapazes me seguraram, mas fiquei com muito medo, porque era muito alto.

Quando Bia Lessa me telefonou, eu pensei: - *Nossa, eis um diretor bom para trabalhar, que maravilha*. Ela é uma diretora arrojada, com uma forma de trabalhar muito interessante porque retira de você tudo aquilo que você sabe fazer e

constrói uma coisa nova, intrigante. No começo, eu nem sabia o que ia fazer no palco, ficava aflita porque não entendia muito bem o que estava fazendo porque ela manda ensaiar como você de fato faria e depois altera tudo, aprendi que ela queria tirar todos os vícios dos atores. Ali sim, ela faz a gente pensar, é um laboratório, uma forma diferente de a gente fazer. É uma experiência que eu bem que gostaria de repetir, gostaria muito de trabalhar novamente com ela.

Ainda não me sinto realizada no palco. Gosto de trabalhar com um bom texto, com uma boa direção, depois é que entra o ator, ponho o ator em terceiro lugar porque se ele não tiver a capacidade de entender aquele texto bom, e contar com um diretor que dirija, dirija mesmo e não fique só na marcação, ele não rende. Sei que, para fazer teatro, preciso de um bom diretor como aconteceu quando fiz figuração no TBC, com Jô Soares, Bia Lessa, Odavlas Petti, todos bons. Os meus personagens podem ser putas, assassinas, pode ser uma mulher maravilhosa, uma matriarca, uma freira, pode ser o que for que faço com verdade, com transparência, sou aquele personagem, mesmo que não me saia bem.

Conheci Luís Gasparetto, aquele homem maravilhoso que é psicólogo, metafísico, quando fui fazer os cursos dele, *Vida e Consciência*. Ele

começou a trabalhar a minha cabeça para me livrar do pânico e ficamos amigos. Foi quando resolvi montar com ele uma peça que chamava-se *Sete Mulheres em Mim*, ele como psicólogo e eu fazendo sete mulheres, a minha vida estava lá, ou quase toda. Era um monólogo em que essas mulheres falavam da vida profissional, da carreira, dos amores, de coisas engraçadas e ele analisava junto com o público, na verdade, eram as nossas sessões. Foi uma experiência fantástica e que valeu a pena até mesmo em termos financeiros; o teatro dele lotava. Fizemos isso três ou quatro meses, quando começou a diminuir o público, ele tirou de cartaz. Na estréia, levei outro tombo, porque puseram um canhão de luz na minha cara, fui andar e cai, fiz a peça inteira sentindo o sangue correndo pelas pernas.

Viajei pelo Brasil com a peça *De Artista e Louco, Todo Mundo Tem um Pouco* e acho verdadeira essa afirmação. Não é que o ator tenha que ser mais ou menos louco, ele já é, porque, se não for, está faltando alguma coisa, muito certinho ele não pode ser, nem pensar. Eu fazia a mãe do Gerson Brenner e trabalhamos muito, fizemos uma viagem louquíssima, ganhamos pouco. A direção era do Sandro Chaim. E depois teve *Quem Computa Ação, Computa Confusão*, que foi no Rio, era um besteirol muito engraçado,

com José Augusto Branco e Rogério Cardoso, um maravilhoso comediante. Marcou a estréia da Denise Fraga, gostei de trabalhar com ela, a direção era do Atílio Riccó.

Uma experiência maravilhosa foi trabalhar com Abelardo Figueiredo, que era o homem da noite, um *gentleman*, nos míni-shows que ele fazia no Beco por volta de 72, 73, eram uns quadros sobre televisão, cinema, cabaré. Eu conhecia o Beco de freqüentar e estava numa fase péssima, tinha acabado um namoro e o convite caiu do céu. Eu cantava, dançava e dizia um monólogo, lembro de um chamado *Aplausos*.

Muita gente se surpreendeu quando fui trabalhar no Beco, uma experiência espetacular que muito acrescentou à minha carreira, era uma possibilidade de ouro ter uma experiência no mundo mais fascinante do teatro, o musical. Eu estava perfeitamente à vontade, diziam que o Beco tinha sorte por ter me contratado e o público paulista por poder me ver de perto e aplaudir. Realmente, conquistei uma platéia completamente diferente e quem me conhecia das novelas se assustou quando me viu ali, concretizando o sonho de ser vedete depois de onze anos de trabalho sério. Eu aparecia desabando em plumas, quase sem mostrar as pernas, usando roupas finíssimas, sutuosas, descia uma escadaria, foi tão bom... Eu me



*Estrela de musicais no Beco*



Beco: *Nova experiência*

achava a tal, você se acha mesmo. Trabalhei com Alcione, o conjunto Os Clevers, a dupla Jane e Herondy, Aizita Nascimento. A crítica elogiou meu trabalho, meu desempenho foi uma surpresa, não imaginavam que eu ia me adaptar tão bem a esse gênero, diziam que eu dava um show de simpatia e vontade artística.

190 Aí, quando chegou o *réveillon* no Beco, eu muito triste porque tinha brigado para sempre com meu namorado, minha família ausente, o Jô Soares e a Teresa Austregésilo, que era mulher dele, convidaram a mim e à atriz Léa Camargo, uma amiga, para a mesa em que estavam. Eu já tinha feito teatro com Jô, mas não tinha muita intimidade com ele não, e eu e a Léa já estávamos meio de fogo. Ela pegou uma garrafa de *champanhe* francesa da mesa e jogou em cima de mim, foi chato, ficou aquele constrangimento, o Jô sempre muito elegante. Depois, como eu estava descalça, ao dançar acabei pisando num caco de vidro e fui parar no pronto-socorro, levei pontos. Ou seja, uma temporada tão boa, um comportamento tão maravilhoso e acabou naquele clima horroroso, tenho vergonha até hoje daquele *réveillon*...

Por causa dos shows do Beco, fui fazer com o Abelardo Figueiredo um evento para o lançamento do carro Chevette da GM, eram mais

de 60 artistas, estavam Ronald Golias, Renato Consorte, Consuelo Leandro, Aizita Nascimento, Vera Fischer, Pepita Rodrigues, Eliana Pittman, uma gente maravilhosa! Era muito bonito.

Há pouco tempo, tentei com meu filho levantar uma produção, montei um escritório, queria produzir *A Malvada*. A direção seria da Bibi Ferreira, já tinha falado com ela, entramos na Lei Rouanet, mas não dá para fazer nada sem dinheiro e as despesas começaram a crescer, eu tinha empregado duas pessoas, até o dia que falei: *Chega de gastar um dinheiro que não tenho...*

Meu forte não é o palco, mas todas as vezes que fiz teatro, trabalhei com gente boa, ótima. Só que agora estou precisando, e é com muita sinceridade que falo isso, de um bom papel no teatro, com atores bons, de primeira. Quero estudar o meu papel, ir aos ensaios, tenho uma saudade disso... Gostaria ainda de ter a chance de fazer alguma coisa realista, profunda, que mexa com a alma da pessoa, que ela se veja em mim, que saia chorando e ao mesmo tempo pense: *Puxa vida, esse personagem me ensinou isso*. Nunca fiz uma coisa dessas no teatro. Fiz algumas coisas que as pessoas até consideram boas, mas não cheguei lá.



## Capítulo XIII

### Boas Lembranças do Cinema

*Fiz alguns filmes durante a minha carreira, alguns muito bons e outros nem tanto. Fui fã de Clark Gable, Rock Hudson, Gregory Peck, dos filmes da Atlântida e da Vera Cruz.*

Gosto muito de fazer cinema, adoro, muito embora não freqüente o pessoal que faz cinema. Não conheço muita gente desse meio, acho que mudou muito; além disso, hoje prefiro ver filmes pela televisão, sentada na minha poltrona favorita.

193

Quando adolescente, adorava as chanchadas da Atlântida que ia ver no Cine Paulista na Rua Augusta ou no Cine Majestic, era uma delícia, eu ia ao cinema com o Paulo Moreira Lima, meu namorado. Tinha os seriados do Charlie Chan, que até hoje são reverenciados. Peguei também os filmes da Vera Cruz, não me esqueço de *Terra é Sempre Terra*, *O Caiçara*, *Tico Tico no Fubá*, *Sinhá Moça*, eu amava aqueles filmes tão bem-feitos, o trabalho de Carlos Manga, Eliane Lage, Fada Santoro, Marisa Prado, Mário Sérgio, Anselmo Duarte, Tônia Carrero. Amava Mazzaropi, os filmes dele e também o Cantinflas. Aliás, uma vez, na cidade de Mérida, no Golfo do México,

eu e meu grande amor fomos comer manga com pimenta no meio da rua, uma delícia, e depois ver um filme do Cantinflas, rimos muito, era muito divertido. O cinema era tão ruim que começamos a ver o filme sentados no lado esquerdo da platéia e acabamos no lado direito por causa das pulgas...

O primeiro filme em que atuei foi *Noites Quentes de Copacabana*, em 1963, um filme muito ruim que fizemos com uns alemães, tinha Eva Wilma, John Herbert, Luís Gustavo, um monte de gente de televisão, fiz amizades. *A Longa Noite dos Reencarnados*, que também chamam de *O Médiun*, era um filme espírita tratado de maneira muito séria, em que todos nós - Ewerton de Castro, Jussara Freire, Paulinho Figueiredo e eu – fazíamos dois papéis cada um. Eu fazia a amante do Ewerton. Foi nesse filme que esbarrei num cavalo e pedi desculpas, só eu pra fazer uma coisa desse tipo... É que estávamos em uma locação bem perto do Butantã, fazia um frio danado e, para nos aquecermos um pouco, tomávamos uns goles de conhaque. Devo ter passado dos limites e quando esbarrei no cavalo que fazia parte do elenco, me desculpei.

Um filme muito bonito foi *Corisco, o Diabo Loiro*, com tanta gente que já se foi: Milton Ribeiro, Leila Diniz, Dionísio Azevedo. Aliás, na locação, tive



*Com Paulo Figueiredo*

a oportunidade de dormir na mesma cama com a Leila Diniz, uma mulher que teve uma presença muito grande e forte neste mundo e que, infelizmente, foi-se tão cedo. Fiquei embasbacada porque sempre fui admiradora dela, eu deitava na cama e pensava: *Meu Deus, essa criatura tão amada por todos bem aqui, dormindo ao meu lado...* O filme era produzido pelo Aníbal Massaini, dirigido pelo Carlos Coimbra e quem fazia o Corisco era Maurício do Valle. Eu interpretava a mulher do Antonio Pitanga e quando meu marido saía com o pessoal para a luta, tinha um romance com o John Herbert. Pitanga, quando volta, acaba me matando a pauladas, eu amarrada. Fiquei lá gravando a noite toda, ele batendo em mim, de tanto apanhar meu vestido rasgava e aparecia um dos meus seios. Meus Deus, quanto trabalho eu dei por causa disso, não queria mostrar seio nenhum. Lembro de um senhor que era meu fã e que queria ficar vendo uma das minhas cenas de longe. Eu deixei, mas não naquela em que eu ficava nua. Fui aplaudida em uma cena de cangaço que estávamos rodando e ganhei um prêmio pelo filme.

*Super Fêmea* tinha na direção Aníbal Massaini Neto e a protagonista era Vera Fischer, ela e Perry Salles, que também estava no filme, já namoravam. No elenco estavam ainda Older

# CORISCO

## *o diabo loiro*

EASTMANCOLOR



**MAURICIO DO VALLE • LEILA DINIZ • MILTON RIBEIRO**

**JOHN HERBERT • GEORGIA GOMIDE • DIONISIO AZEVEDO**

Turbio Ruiz • Maracy Mello • Antonio Pitanga • Jofre Soares  
Roberto Ferreira • Tony Vieira • Eduardo Abas • Laura Cardoso



Produção

**Aníbal Massaini Neto**

Direção

**Carlos Coimbra**

Em Corisco, o *Diabo Loiro*



Com Walter Stuart, fiz também um filme de terror do José Mojica Marins, *Exorcismo Negro*, Wanda Kosmos fazia uma bruxa. O Mojica tem um vozeirão e fiquei arrasada em uma das cenas porque ele me olhava e gargalhava, eu sem saber qual era a graça, até que entendi que era por causa do meu olho que estava vesgo. Como sou estrábica, quando estou nervosa ou insegura, o olho às vezes me trai. Ele é um cavalheiro, apesar daquele tipo todo, daquelas unhas, tudo que se imagina dele é errado. Temos planos de trabalhar novamente juntos.

Em *Chão Bruto*, vivi uma mulher sem medo chamada Shaika, foi um trabalho muito válido, muito gratificante, tinha Nuno Leal Melo, Mauricio do Valle. Era um personagem tirado do dia a dia, uma mulher forte, que tinha um objetivo e lutava contra tudo para alcançá-lo. Dionísio Azevedo, que dirigia o filme, me consultou a respeito de uma cena de nudez, a gente não tira de letra não, é complicado, ainda bem que nunca fui convidada para posar nua... Foi no ano em que eu tinha tido o Daniel, Dionísio Azevedo quis olhar meu corpo antes para ver se estava bem, apareci na frente dele com um roupão, ele me olhou como se fosse um médico, e a cena acabou sendo feita com muita propriedade, Nuno Leal Maia de certa forma escondia a minha nudez.

Com Renato Aragão e os Trapalhões, fiz *Os Trapalhões na Terra dos Monstros*, nunca andei tanto de helicóptero na minha vida como dessa vez, era um aparelho da Força Aérea, a gente andava de porta aberta. Só sei que eu estava voando umas quatro horas e com uma vontade louca de fazer xixi, tiveram que parar na Pedra da Gávea. Eu fazia a mãe da Angélica, era casada com Benjamin Cattan, meu amigão, lembro de uma cena que eu corria atrás dos Trapalhões dando vassourada neles. Foi muito gostoso trabalhar com eles quatro, Renato Aragão começou na Tupi, é uma pessoa que admiro muito, gosto demais dele.

200

Depois de um hiato de alguns anos sem fazer cinema, voltei ao meio em um curta chamado *Fuga e Cativoiro*, a convite de Daniel Baldi. Gostei da experiência porque os curta-metragens foram ganhando mais espaço e mais público, estão disponíveis hoje até em locadoras.



*Curta-metragem Fuga e Cativoiro, com Nicole Puzzi*



*No curta-metragem Fuga e Cativoiro,  
dirigida por Daniel Baldi*

## Capítulo XIV

### A Vida pelo meu Ponto de Vista

*Hoje, o único lugar que me dá pânico é consultório de oftalmologista, porque já ouvi tanta barbaridade, coisas terríveis.. Mas não estou ceguinha não...*

Um problema sério que me acompanha desde pequena e que só descobri quando tinha 18 anos, quer dizer, antes de entrar para a televisão, e que foi piorando com a idade, é o da minha visão. Tenho um trauma muito grande no nervo óptico e a retina e a mácula estão muito atingidas, embora minha visão periférica seja perfeita, tanto é que me viro bem, ando pela casa. Só não consigo ler, e para decorar meus textos, uso gravador. Focou certo, eu enxergo um pedaço aqui, um pedaço ali. Minha mãe é que me dizia: *Não entendo essa sua falta de visão, porque tem coisas que você vê, que ninguém enxerga, só você!* Escolhendo fotos para este livro, até me surpreendi ao identificar pessoas. Porque tem horas que estou tão bem focada numa coisa que vejo tudo, até uma pulga...

Já consultei dezenas de especialistas, meu caso foi examinado em Campinas, na Suíça. O primeiro médico que consultei me mandou ficar

trancada em um quarto escuro e me proibiu de trabalhar, de praticar qualquer esporte, eu que era esportista. Outro, professor-doutor, já com bastante idade, me falou com muita ironia que eu deveria comprar uma bengala branca. Imagina, eu não tinha nem 30 anos, acho que ele não ia com a minha cara, porque era a primeira consulta que eu tinha com ele, um rinoceronte. Vou a todos os médicos que me indicam, não recuso nenhuma indicação de amigos, mas a resposta é sempre a mesma. Agora estou pensando em célula tronco, um médico me deixou esperançosa, disse que a medicina está muito evoluída.

204

Descobri que estava com problema de visão quando fui tirar carta de motorista e não passei por causa da vista, mas só que eu dirigia com meu pai desde os 15 anos. Que me perdoe o diretor do Detran na época, mas comprei minha carta, aliás, não precisei comprar, um amigo me arranjou.

Dirigi muitos anos sem nenhum problema, só parei, não por causa da visão, mas quando tive pânico. Só bati o carro uma vez e por causa de cansaço, quando saía da Tupi, uma noite. Eu não podia dirigir à noite, mas como morava mais ou menos perto do Sumaré, na Vila Madalena, arriscava. Eu tinha um Karmann Ghia na época, aquele carrinho de dois lugares, e um dia saí

da gravação tão cansada que bati num carro parado... Daí em diante, eu sempre relaxava uns quinze minutos para poder sair, nada de sair correndo que nem uma doida. Porque você sai de uma gravação realmente exausta, você empresta o seu corpo, sua alma, sua vida para um personagem e tem que estar esperta para milhares de coisas. Então, quando bati naquele carro parado, desci do meu carro, pulei no colo do outro motorista e falei na orelha dele: *Pelo amor de Deus, pago tudo, não tenho carta, por favor, não chama a polícia.* Dirigi a vida toda sem carta e fazia cada peripécia por causa disso... Por exemplo, quando eu via uma *blitz*, antes de eles me pararem eu parava e perguntava para os guardas: *Mas o que é que está acontecendo?* Como eu era muito conhecida naquela época, estava no auge, os guardas eram legais, aliás, que fique claro que eu não queria fazê-los de bobos não, é coisa de artista maluca mesmo. O duro naquela noite em que bati o carro foi que o motorista acabou indo até a minha casa, meu namorado estava lá, o admirador nada de querer ir embora, meu namorado ficou louco da vida. O cara ficou um pouco fã demais para o meu gosto...

205

Outra ocasião, fui buscar meu filho no Porto Seguro e uma amiga me pediu carona até Moema.



*Beleza na maturidade*

Na volta, pegamos uma chuva incrível, eu não enxergava nada ali na Avenida República do Líbano. Não tive outra alternativa: passei a direção do carro para o Daniel que, aos 13 anos, já dirigia muito bem e chegamos todos sãos e salvos em casa. O episódio mais engraçado envolvendo carro talvez tenha sido uma ocasião em que Cauby Peixoto foi assistir a uma peça em que eu trabalhava e quando fomos jantar, Cauby Peixoto e eu, o Daniel é que assumiu a direção – ele tinha, então, 15 anos. Quando chegamos em casa, ele me disse: *Mãe, enquanto eu dirigia, a única coisa que me vinha na cabeça era uma manchete de jornal, em letras garrafais: ADOLESCENTE AO VOLANTE MATA CAUBY PEIXOTO.*

207

Não me considero uma deficiente física e nem acho que isso possa atrapalhar meu trabalho, ou de algum diretor ou de algum colega, porque a minha visão periférica é ótima, então, sei exatamente onde me posicionar. Sempre fiz televisão e teatro numa boa, até teleteatros ao vivo, mas às vezes estou no estúdio, fico na frente da câmera e não percebo. Então, fazem uma gozação comigo, *vamos deixar a Geórgia sair de cima da câmera e tal...* Sempre levei isso na brincadeira, porque muitos atores passavam por mim mudando a voz só para fazer gozação, principalmente os homens. Tato Gabus Mendes

sempre muda a voz quando passa por mim, mas Paulo Goulart se anuncia quando chega perto: *Paulo Goulart chegando...*

Trato esse assunto com muito humor, porque uma das vantagens de não enxergar bem é não ver cara feia... E tenho até um repertório de coisas engraçadas para contar por causa desse problema. Teve uma vez que fiz um sanduíche de guardanapo, achando que estava colocando fatias de queijo no meio das duas fatias de pão. Quando dei a primeira mordida é que percebi. Em outra, eu já famosa, joguei cinzas no patê durante uma festa em Parati, meu padrinho Marino Gouveia, que era *marchand* e fora cantor de rádio, tinha uma casa lá, ao lado da pousada do Paulo Autran, que eu freqüentava muito. Nessa festa, ele me chamou de lado e disse: *Elfinha, por favor, não me ponha mais cinza de cigarros no patê...*

208

Tina, filha da Bibi Ferreira, jura que já me viu conversando com um extintor de incêndio no SBT, durante as gravações da novela *Uma Esperança no Ar*, não sei não se é gozação dela. Quando eu trabalhava em *As Divinas e Maravilhosas* na Tupi, quando o Kito Junqueira entrou na sala e estendeu a mão para me cumprimentar, eu estendi a minha e cumprimentei a gravata dele. A cena foi para o ar assim mesmo...

Durante um baile de carnaval no Quitandinha, muito sofisticado, eu com uma roupa branca maravilhosa, com penachos, entrei no banheiro para retocar a maquiagem e acabei pedindo licença a mim mesma para passar. Explico melhor: eu tinha esquecido de como era minha fantasia e quando entrei no banheiro, me deparei com uma mulher que não saía da minha frente. Eu tentava de um lado, de outro, muito educada, pedia licença, e quando me dei conta, estava era contracenando com a minha própria imagem no espelho...

Mas, no geral, as pessoas me respeitam muito e às vezes querem me ajudar tanto que quase que me carregam. Agora, sempre tem um cretino, e Wolf Maia foi de uma maldade... Eu sou uma mulher educada, uma senhora, e ouvi dele grossuras sem tamanho, inclusive palavrões. Sem mais nem menos, na ilha de gravação, ele me disse: *Você é uma vadia!* Gente, eu fiquei sem fala, não consegui responder nada.

Uma coisa ruim dessa história da minha visão é que todo mundo me acha um poço de antipatia porque, se a pessoa não está no foco, não enxergo direito. Um que reclamou que eu não cumprimentava foi Antonio Fagundes, imagina a loucura. Ele diz que, desde os tempos da Tupi, passava por mim no corredor e eu não cumprimentava. Devo

ter feito isso com muita gente porque eu metia o nariz para cima e andava correndo por aqueles corredores. Depois, aprendi a dizer bom-dia, boa-tarde, boa-noite para todo mundo.

Para decorar cenas, mandei meu filho comprar um gravador com pouco botão. Aliás, foi uma epopéia, ele foi comprar esse gravador lá na Bolívia, tem cabimento? Então, o Daniel ou minha nora gravam o texto para eu decorar. Foi assim quando atuei em alguns episódios de *Malhação*, na Globo, meu filho fazia todos os papéis e minha nora fazia o meu. Ele falava assim: *Amanhã você vai gravar a cena tal, tal, tal, essa é a primeira nessa situação, na Rede Globo de Televisão*. Não é lindo? Ele fica feliz quando eu estou trabalhando.

210

Celular, por exemplo, que eu também acho um horror, eu já não estava querendo mais. Meu filho exigiu para poder me achar; então, quando preciso chamar alguém, peço para a primeira pessoa, conhecida ou desconhecida, ligar e pronto. Atender, eu atendo, se bem que estou na base de: *Fala mais alto, que péssima dicção você tem, que horror...*

Acho que o pânico é a doença do momento, todo mundo tem, seja qual for a idade. Eu tive há mais de 20 anos, mas não sabia o que era, pensava

que ia morrer, tinha medo de tudo, não ia até a esquina a pé, sozinha. Uma vez, estava indo para o cabeleireiro no Sumaré, dirigindo, e de repente me deu o treco, eu chamava de treco, parei de dirigir naquele dia por causa disso. Nem os médicos entendiam o que era, eles diziam que era *stress*. Agora, com o tratamento que fiz, estou ótima, mas até achar o médico certo, demorou. Foi o Dr. Luís Altenfelder da Silva quem fez o diagnóstico certo e me curou, tomo remédios, é claro.

Fora isso, me alimento direitinho, como bem – comida boa quem fazia era minha mãe, ai que saudades. Eu detesto cozinhar, já fiz algumas experiências quando era mocinha, mas há muito tempo não quero nem ouvir falar. Às vezes, encontro meus admiradores na rua e eles me dizem que estou linda, é bom escutar isso, até porque acho que para a minha idade eu estou bem.

Politicamente, nunca fui de liderar protestos, nunca me envolvi mais profundamente em movimento nenhum, mas estou *atenada* com o que se passa à minha volta e vou atrás para saber, conhecer, observo, ouço tudo e mais alguma coisa. Tenho medo da violência, da falta de segurança, temo por meu filho e minha nora. E confesso que está difícil engolir o que se vê por aí ainda mais porque acredito em ética, honra,



*O olhar enigmático*

moral, honestidade, acredito no poder da palavra e me sinto revoltada com a pouca vergonha da nossa política, com as mentiras descabidas que vão sendo espalhadas.

Sei que tenho um milhão de defeitos, mas uma das minhas qualidades é não saber mentir. Eu posso omitir, é claro, mas mentir não porque a mentira tem perna curta, a verdade é muito mais importante que a dúvida, é impossível a gente viver na dúvida.

Antigamente eu tinha meus rompantes, hoje não tenho mais, sou por demais paciente até, fico sofrendo num canto, engulo o que não é para engolir. Hoje tenho outra visão da vida. Não quero ter ataques de estrelismo, criar caso, quero que todos fiquem satisfeitos, estou mais solta que antigamente. Só continuo tendo uma irritação: dar autógrafo em guardanapo, porque rasga, some em minutos.



*Geórgia com o filho Daniel e a nora Flávia*

## Capítulo XV

### Daniel, o Amor Maior

*A coisa mais maravilhosa que me aconteceu foi a gravidez, foi a grande guinada da minha vida. O que tenho de mais importante na vida é Daniel, meu filho...*

Minha história de amor com o pai do Daniel começou junto ao mar, embaixo de um céu lindo, uma noite com muitas estrelas. Numa das noites que se sucederam, tão mágicas quanto aquela, eu ao lado dele olhando o céu, vi uma estrela cadente. Meu pedido: um filho. Logo depois veio a resposta: eu estava grávida. E tinha certeza que seria um homem.

Eu estava com 37 anos e, nessa idade, filho não é mais uma ilusão, a gente sabe muito bem o que está fazendo, tem mais experiência, mais vivência. Sempre tive muita liberdade, era uma mulher independente naquela época; podia fazer o que quisesse, até hoje posso, tenho direito a tudo. Os erros que cometi na minha vida já foram perdoados, ou eu não teria tido a chance de ter ao meu lado um ser tão abençoado quanto o Daniel.

Confesso que fiquei com medo quando engravidei. E também assustada porque teria que dar

a notícia para minha mãe, que morava comigo. Esperei duas semanas e uma noite, quando cheguei em casa depois do trabalho na Tupi, disse a ela: *Tenho que falar com você.* Minha voz já nem saía. E ela: *O que está acontecendo? Alguma desgraça?* Porque de vez em quando tenho essas inseguranças, me dá um nó na cabeça. Eu só dizia: *Não consigo falar, não consigo falar.* Foi quando ela me perguntou: *Você está grávida?* Que alívio, porque eu devia estar me imaginando com doze anos quando já tinha 37. Tomamos *champanhe*, brindamos, foi lindo.

216

Quando estava com quatro meses de gravidez, fui para a Disney e a primeira coisa que tive vontade foi de andar de carrossel, na verdade eu já estava levando meu filho para brincar quando ele não tinha nem nascido. Foi a época mais linda da minha vida, isso eu posso jurar. Fui ajudada de todos os lados, recebi amor de todas as pessoas, de todo mundo.

Meu filho foi ansiosamente esperado por muitos anos e veio na hora certa. Não senti nenhum enjojo, nenhum desejo, só uma coceira no bumbum, no último mês, devo ter sentado sobre algum bichinho na praia, tem cabimento isso? Vivi intensamente as emoções de gestante, desde a arrumação das roupinhas até a compra do berço, a expectativa de menino ou menina, dei entre-

vistas quando estava grávida. Quando o médico colocou o aparelho sonar na minha barriga de três meses de gestação, foi uma emoção única. Marcamos uma cesariana por causa da minha idade e, naquela manhã, fui fazer as unhas, o cabelo, só dava eu naquele salão de beleza de tanta felicidade. Voltei para casa, minha mãe me preparou uma comidinha leve, e lá fomos nós e mais a Wilma Abrão, minha amiga, para o hospital. Imagina, eu ria até na maca, foi um acontecimento, bati papo com todos na sala de parto, até cigarro eu pedi pro meu médico, Dr. Augusto João Viervo, só fiquei assustada com o efeito da anestesia.

217

Inovei na hora de ter meu filho, porque minha mãe e vários artistas foram assistir à minha cesariana. Cleyde Yaconis, Léa Camargo, Edna Souza Aranha, Wilma Abrão e João Eduardo Lagos, que são os padrinhos do Daniel, todos acompanharam meu trabalho de parto no hospital através de uma espécie de aquário. Coloquei um gravador na sala de parto para captar todas as minhas emoções e a conversa dos médicos e enfermeiros que me assistiam e quando Daniel nasceu, no dia 24 de abril de 1976, às 20h55, com 3.430 gramas e 49 centímetros fiquei ainda mais emocionada ao olhar para os meus colegas que se abraçaram e festejaram o nascimento do bebê. Exultei de

alegria quando ouvi que era um menino, era o que eu queria. Foi um momento mágico, um ser sair da sua barriga, um ser de Deus que coloca outro ser no mundo e este vai fazer a mesma coisa no futuro e assim vai.

O grande amor da minha vida me deixou um filho maravilhoso, o Daniel, sei lá se mereci um filho assim, só tenho que agradecer a Deus essa graça, Ele que me conhece mais do que ninguém deve saber o que faz. Não é fácil falar do meu filho, do que ele me trouxe de amor, de felicidade.

218 Com o nascimento do Daniel, me senti completamente realizada como mulher. Minha vida virou do avesso e a responsabilidade de ser mãe reformulou alguns dos meus conceitos e atitudes, inclusive o meu deslumbramento, não me deslumbrei nunca mais. Nem minha mãe acreditava que eu pudesse ser tão boa mãe porque, mesmo errando, sei que acertei. Posso ter gênio forte como muitas pessoas acham ou sempre acharam, mas hoje em dia já não sou assim. Sou uma pessoa que vibra muito com tudo, com todas as coisas, embora às vezes me sinto travada na liberação das minhas mais fortes emoções, como as que envolvem minha relação com meu filho.

*Vereda Tropical* foi a primeira constatação que o Daniel teve do meu sucesso, ele sentia a repercussão do meu trabalho na novela nas sextas-feiras, quando eu ia buscá-lo na porta do Colégio Porto Seguro, o assédio da garotada era uma loucura. Ele ficava feliz, acho que pensou que a vida inteira ia ser assim. Quando ia ao Rio de Janeiro, até participava da novela. Até hoje Daniel lida muito bem com isso, conversa muito comigo, me dá mil dicas, ele me diz: *Mãe, mudou muito tudo, você tem que ir atrás, fazer e acontecer. Você não pode ficar enfiada aqui dentro de casa.* Ele é duro comigo, não me deixa cair, desanimar, me dá broncas. E quando me vê no teatro, tem medo, fica tão nervoso, até treme.

219

Numa fase muito difícil da minha vida, quando terminou meu romance com o pai dele e minha mãe tinha morrido, peguei o Daniel pela mão, ele com dez anos, e nos mudamos para o Rio de Janeiro, eu já trabalhava na TV Globo. Foi uma mudança assustadora para nós dois, que sempre vivemos em São Paulo. Na verdade, esse ano em que fiz *Hipertensão* foi difícil e quando chegou o Natal, eu estava muito triste, insegura, vivia abatida. Minha separação sentimental depois de 12 anos tinha sido muito dolorida, fui abandonada, aquilo me doeu muito na alma, e quando chegou o Natal, eu não tinha para onde ir. Vi que

a Maria Zilda olhou para mim do carro, quando saíamos da Globo, parecia que ia falar alguma coisa, acho que senti a minha solidão.

Então, fui para o hotel com o Daniel, comprei uma toalha bonita, um enfeite de Natal qualquer, uma garrafa de uísque, salgadinhos, um panetone e comecei a chorar, e chorava e chorava, o Daniel vendo aquela tristeza toda, quer coisa pior que um Natal desses? Aí, meu filho, que já estava preocupado comigo, pegou uma escova, começou a escovar meu cabelo comprido e disse: *Fica calma mãe, pode chorar. Está vendo aquela estrelinha lá? Conta para ela tudo que está fazendo mal a você e que você está guardando dentro do seu coração. Quer chorar, chora, mas conta, joga fora tudo que é ruim que está aí dentro.* E foi o que eu fiz. Existe coisa mais linda? Pelo amor de Deus, não existe, uma situação tão ruim que se transformou no momento mais bonito do mundo. Aí, ele ligou para a Tina Ferreira, que nunca me abandonou, e ela e o marido foram nos buscar no hotel em Copacabana para passar o Natal com eles na casa da Bibi.

Daniel é de uma sensibilidade incrível, já era um companheiro aos dez anos e a vida toda vai ser. Não passou pela fase do *aborrescente*, na adolescência foi muito forte sem nem mesmo entender

porque tinha que ser forte. Ou será que entendia? Amadureceu antes do tempo, até mesmo porque nunca teve um pai presente – não me casei com o pai dele, sou mãe solteira, fui mãe e pai dele. Hoje é um homem casado que está construindo sua própria vida. Minha nora é nutricionista, tem um bom emprego, e Daniel também está muito bem. Meu filho é um rapaz inteligentíssimo, sociável, gosta de trabalhar, sabe de tudo que acontece no mundo, viaja demais, lê e estuda muito, vai a palestras.

Agradeço a Deus todos os momentos da minha vida por ter merecido ter um filho tão bom. Quando não estou trabalhando, ele é que me sustenta. Desde quando estudava, estava terminando a faculdade, não gastava com viagens, namoradas ou roupas, a preocupação dele era colocar tudo que ganhava dentro de casa para que não me faltasse nada, para que eu tivesse sempre o melhor. Teve um tempo que, para sustentar a casa, não comprava um terno, ele que sempre foi um moço elegante, que gosta de terno e gravata, bons perfumes. Sei que o que ele faz por mim é com prazer, com amor. Desde cedo, é ele quem controla as nossas despesas, administra a casa, aliás, é formado em Administração de Empresas. Quando estou trabalhando, coloco tudo nas mãos dele. E quando

estou parada, ele é que me dá um dinheiro para as minhas coisas.

Hoje, vivo a realidade de todas as mães que viram os filhos ganhando o mundo e se sentem sós. E fico no aguardo dos netos que virão com meu sangue e com os quais construirei uma nova relação. Preciso brincar com eles, levá-los ao clube, arrumar as roupinhas e a tralha deles, montar carrinho, pegar mamadeira, suquinho, preciso ser, como dizem, mãe duas vezes, reviver toda a emoção que senti com Daniel nascendo e crescendo, dar a eles o amor que sempre existiu e existirá.

## Epílogo

O trabalho me faz muito bem, fico mais alegre quando estou em ação, me cuido mais, fico mais vaidosa... Sempre tive muita sorte porque a carreira de artista é superinstável, hoje pode estar muito bem e amanhã estar numa fase muito negra. Essas duas fases eu já passei.

O amor é muito importante na minha vida, invejo aqueles casais bem velhinhos que ainda andam de mãos dadas, queria um amor desses para mim.

Sou hoje uma pessoa centrada e com vontade de viver sem pressa, e de maneira madura, todos os bons momentos e também aqueles difíceis.



Geórgia Gomide



## Cronologia

### Televisão

#### 2006

- *Linha Direta* – episódio *O Castelinho da Rua Apa*, roteiro de Charles Peixoto

Direção: Edson Erdmann

TV Globo

*A Globo sempre me trata muito bem...*

#### 2005

- *Malhação* – série de Ricardo Hofstitter, Emanuel Jacobina, Miguel Paiva, Charles Peixoto e outros

Direção: Mário Márcio Bandarra, Roberto Talma e outros

TV Globo

*Trabalhar com jovens é sempre bom...*

#### 2002

- *O Quinto dos Infernos* – minissérie de Carlos Lombardi, colaboração de Margareth Boury e Tiago Santiago

Direção: Alexandre Avancini, Wolf Maya, Edgar Miranda e Marco Rodrigo

TV Globo

*Acho que quem foi pro quinto dos infernos fui eu...*

## 2001

- *O Direito de Nascer* – novela de Azis Bajur e Jaime Camargo, adaptação da radionovela de Félix Cagnet

Direção: Roberto Talma, José Paulo Vallone e Ulisses Aristides

SBT - co-produção: JPO

*Gostaria de ter participado mais...*

## 2000

- *Uga Uga* – novela de Carlos Lombardi e colaboração de Margareth Boury e Tiago Santiago

Direção: Alexandre Avancini, João Camargo, Ary Coslov e Wolf Maya

TV Globo

*Nada a declarar...*

## 1999

- *Tiro & Queda* – novela de Vivian de Oliveira, Yves Dumont e Luiz Carlos Fusco

Direção: Jacques Lagoa, Rodolfo Lilot e José Paulo Vallone.

TV Record - co-produção: JPO

*Quantas loucuras com o Eri Johnson...*

- *Louca Paixão* – novela de Paulo Cabral, Yves Dumont e Liliane Viveiros, adaptação da 1ª novela diária da televisão brasileira: *2-5499 Ocupado* (TV Excelsior), de Alberto Migré

Direção: Jacques Lagoa, Rodolfo Lilot e José Paulo Vallone

TV Record - co-produção: JPO

*Amei...*

### **1997**

• *Por Amor e Ódio* – minissérie de Vivian de Oliveira

Direção: Attílio Riccó

TV Record - co-produção: Igreja Universal do Reino de Deus

*Legal...*

### **1996**

• *Irmã Catarina* – minissérie de Geraldo Vietri, do original de Peter Orglmeister

Direção: Attílio Riccó

CNT Gazeta - produção: Associação do Senhor Jesus

*Uma história muito bonita...*

### **1995**

• *Tocaia Grande* – novela de Walter George Durst, Marcos Lazarini, Duca Rachid e Mário Teixeira, inspirado na obra de Jorge Amado

Direção: João Alcântara e Jacques Lagoa

Direção-geral: Régis Cardoso e Walter Avancini

TV Manchete - co-produção: Bloch Som & Imagem

*Muita desgraça e muita sacanagem...*

## 1994

- *Quatro por Quatro* – novela de Carlos Lombardi, Maurício Arruda e colaboração de Ronaldo Santos  
Direção: Alexandre Avancini, Maurício Farias, Luís Henrique Rios e Ricardo Waddington  
TV Globo  
*Um barato...*

## 1992

- *Anos Rebeldes* – minissérie de Gilberto Braga, Ângela Carneiro, Ricardo Linhares e Sérgio Marques, inspirada nas obras *O Ano que não Acabou*, de Zuenir Ventura, e *Os Carbonários*, de Alfredo Sirkis  
Direção: Dênis Carvalho, Silvio Tendler e Ivan Zetel  
TV Globo  
*Uma participação especial marcante...*

- *Despedida de Solteiro* – novela de Walter Negrão, Margareth Boury, Rose Calza, Ângela Carneiro  
Direção: Reynaldo Boury, Cláudio Cavalcanti e Carlos Manga Jr.  
TV Globo  
*Não lembro...*

## 1990

- *Mico Preto* – novela de Leonor Basséres, Dulce Brassane, Euclides Marinho e Marcílio Moares  
Direção: Dênis Carvalho e Denise Saraceni

TV Globo

*Trabalhar com a Glória Pires só me deu prazer.  
Que saudades...*

**1988**

• *Olho por Olho* – novela de José Loureiro, com argumento de Wilson Aguiar Filho

Direção: Ary Coslov, Tânia Lamarca, Atílio Riccó e Marcos Schechtman

TV Manchete

*Um papel marcante e uma experiência fantástica...*

**1986**

• *Hipertensão* – novela de Ivani Ribeiro

Direção: Marcelo Barreto, Carlos Magalhães, Wolf Maya e Atílio Riccó

TV Globo

*Adorei, merecia um Vale a Pena Ver de Novo...*

**1985**

• *Uma Esperança no Ar* – novela de Amilton Monteiro, Ismael Fernandes, Dulce Santucci e Crayton Sarzy

Direção: Jardel Mello

SBT

*Uma bosta...*

**1984**

• *Vereda Tropical* – novela de Carlos Lombardi com supervisão de texto de Silvio de Abreu

Direção: Guel Arraes e Jorge Fernando

TV Globo

*A Bina foi um presentão.*

## 1982

• *Nem Rebeldes, Nem Fiéis* – telerromance de Renata Pallotini, adaptada de história de Ondina Ferreira

TV Cultura

*Sou mais espectadora da TV Cultura...*

• *Renúncia* – novela de Geraldo Vietri

Direção: Geraldo Vietri

TV Bandeirantes

230 *Foi uma pena tirarem do ar essa bela novela...*

## 1979

• *As Gaivotas* – novela de Jorge Andrade

Direção: Antônio Abujamra e Henrique Martins

TV Tupi

*Foi uma honra fazer um personagem de Jorge Andrade...*

## 1978

• *Aritana* – novela de Ivani Ribeiro

Direção: Edison Braga, Álvaro Fugulin, Luiz Gallon, Atílio Riccó e Antonino Seabra

TV Tupi

*Sempre gostei de trabalhar com a Cleyde Yaconis...*

### **1977**

- *Éramos Seis* – novela de Silvio de Abreu e Rubens Ewald Filho, adaptação do romance de Maria José Dupré

Direção: Atilio Riccó

TV Tupi

*Fui desafiada e fiz uma Clotilde linda...*

### **1975**

- *Ovelha Negra* – novela de Walter Negrão e Chico de Assis

Direção: Henrique Martins

TV Tupi

*A novela era muito boa e a turma também...*

### **1973**

- *As Divinas... e Maravilhosas* – novela de Vicente Sesso

Direção: Oswaldo Loureiro e Henrique Martins

TV Tupi

*Minhas homenagens ao José Lewgoy...*

### **1972**

- *Manequim* – teleteatro de Henrique Pongetti

Direção: Benjamin Cattán

TV Tupi

*A volta do teleteatro...*

- *A Revolta dos Anjos* – novela de Carmem da Silva

Direção: Henrique Martins

TV Tupi

*Passou totalmente despercebido...*

- *Signo de Esperança* – novela de Marcos Rey

Direção: Carlos Zara

TV Tupi

*Um trabalho muito gostoso...*

### **1971**

- *A Fábrica* – novela de Geraldo Vietri

Direção: Geraldo Vietri

TV Tupi

*Êta gênio difícil do Vietri...*

### **1970**

- 232 • *As Pupilas do Senhor Reitor* – novela de Lauro

César Muniz, inspirada na obra de Júlio Diniz

Direção: Dionísio Azevedo

TV Record

*Já me sinto perdoada...*

- *Pimpinela Escarlata* – teleteatro

Direção: Walter Avancini

TV Record

*Bons tempos com o Avancini...*

### **1970**

- *Viva Zapata* – teleteatro

Direção: Walter Avancini

TV Record

*A TV Record chegava com garra...*

## 1969

- *Algemas de Ouro* – novela de Benedito Ruy Barbosa e Dulce Santucci

Direção: Dionísio Azevedo e Régis Cardoso

TV Record

*Amor eterno pelo Dionísio Azevedo*

## 1968

- *A Última Testemunha* – novela de Benedito Ruy Barbosa

Direção: Walter Avancini

TV Record

*Gosto muito do autor...*

## 1967

- *Estrelas no Chão* – novela de Jordão Amaral (pseudônimo de Lauro César Muniz)

Direção: Wanda Kosmos

TV Tupi

*Não lembro de detalhes...*

- *O Tempo e o Vento* – novela de Teixeira Filho, inspirada na obra homônima de Érico Veríssimo

Direção: Dionísio Azevedo

TV Excelsior

*O melhor e mais importante papel da minha vida...*

## 1966

- *Redenção* – novela de Raimundo Lopes

Direção: Reynaldo Boury  
Direção-geral: Waldemar de Moares  
TV Excelsior

*Uma novela que me deu muitos problemas...*

• 1965

***O Preço de uma Vida*** – novela de Talma de Oliveira, do original de Félix Caignet

Direção: Henrique Martins

TV Tupi

*Entreí com o bonde andando e não saí mais...*

• *A Outra* – novela de Walter George Durst

Direção: Geraldo Vietri

234 TV Tupi

*O sucesso continua com Walmor Chagas...*

• *Teresa* – novela de Walter George Durst

Direção: Geraldo Vietri

TV Tupi

*O grande sucesso...*

**1964**

• *Gutierritos, o Drama dos Humildes* – novela de Walter George Durst, adaptado de original de Estela Calderón

Direção: Wanda Kosmos e Henrique Martins

TV Tupi

*Deu-me muita sorte...*

- *O Sorriso de Helena* – novela de Walter George Durst

Direção: Henrique Martins

TV Tupi

*Não lembro nem do meu papel...*

- *Calúnia* – TV de Vanguarda

Direção: Benjamin Cattán

TV Tupi

*Meu primeiro beijo homossexual...*

- *A Gata* – novela de Ivani Ribeiro

Direção: Geraldo Vietri

TV Tupi

*Sucesso 20 anos depois...*

235

- *Bodas de Sangue* – TV de Vanguarda

Direção: Henrique Martins

TV Tupi

*Eu fazia a noiva...*

- *Moral e Concordata* – TV de Vanguarda

Direção: Benjamin Cattán

TV Tupi

*Repeti na TV muito do que a Maria Della Costa fez no teatro...*

## **1963**

- *Senhorita Júlia* – TV de Vanguarda

Direção: Benjamin Cattán

TV Tupi

*A experiência do videoteipe...*

- *Gimba – TV de Vanguarda*

Direção: Benjamin Cattan

TV Tupi

*Lembro até hoje do berro de dor que dei...*

- *Klaus, o Loiro – novela de Geraldo Vietri.*

Direção: Geraldo Vietri

TV Tupi

*Passou despercebido...*

- *Moulin Rouge, A Vida de Toulouse Lautrec – novela de Geraldo Vietri*

Direção: Geraldo Vietri

TV Tupi

*Contato com o trabalho de um grande ator, Percy Ayres...*

## **1962**

- *Thérèse Raquin – TV de Vanguarda*

Direção: Benjamin Cattan

TV Tupi

*Admiração pelo Cattan, meu amigão...*

- *Os Filhos de Eduardo – Grande Teatro Tupi*

Direção: Wanda Kosmos

TV Tupi

*Eu é que tinha que pagar para estar ali...*

## Cinema

### 1989

• *Os Trapalhões na Terra dos Monstros* – de Paulo Andrade, Renato Aragão e Mauro Wilson

Direção: Flávio Migliaccio

*Que sorte trabalhar com os quatro...*

### 1983

• *O Médiun ou A Longa Noite dos Reencarnados* – de Cassiano Esteves, argumento de Paulo Figueiredo

Direção: Paulo Figueiredo

*O Paulo Figueiredo é um amor...*

### 1981

• *Sexo, sua Única Arma* – de Geraldo Vietri

Direção: Geraldo Vietri

*Sabe que não me lembro?*

237

### 1976

• *Chão Bruto* – de Dionísio Azevedo, da história de Hernani Donato

Direção: Dionísio Azevedo

*Que belo parceiro é o Nuno Leal Maia...*

### 1975

• *O Sexo Mora ao Lado* – de Ody Fraga, Luiz Castellini e Fauzi Mansur

Direção: Ody Fraga

*Médio...*

## 1974

- *O Exorcismo Negro* – de José Mojica Marins (Zé do Caixão), Rubens Francisco Luchetti e Adriano Stuart

Direção: José Mojica Marins

*Temos planos de trabalhar juntos novamente...*

## 1973

- *A Super Fêmea* - de Lauro César Muniz, Anibal Massaini Neto, Alexandre Pires e Adriano Stuart

Direção: Anibal Massaini Neto

*Gostei muito...*

238

## 1969

- *Corisco, o Diabo Loiro* – de Carlos Coimbra, da história de Antônio Amaury de Oliveira.

Direção: Carlos Coimbra

*Adorei...*

## 1965

- *Quatro Brasileiros em Paris* – de Geraldo Vietri

Direção: Geraldo Vietri

*Mais uma loucura do Vietri...*

## 1963

- *Noites Quentes de Copacabana* – de Rubert Lansen, da história de Gerhard Overhoff

Direção: Horst Hächler

*Uma merda...*

## Teatro

- *A Hora Marcada*

Direção: Evaristo Ribeiro

Esporte Clube Pinheiros

- *O Caso dos Dez Negrinhos* – texto de Agatha Christie

Direção: Evaristo Ribeiro

Esporte Clube Pinheiros

- *Uma Mulher do Outro Mundo* – texto de Noel Coward

Direção : Evaristo Ribeiro

Esporte Clube Pinheiros

- *Circo Bim Bam Bum*

Direção: Jorge Ovalle

Teatro Brasileiro de Comédia

- *Cheiro de Homem* – baseada no texto *A Vinda do Messias*, monólogo de Timochenko Wehbi

Direção: Timochenko Wehbi

- *Adiós Geralda* – musical com texto de Mah Lully

Direção: Odavlas Petti

- *O Vison Voador* – texto de Ray Cooney e John Chapman

Direção: Marly Marley

- *Labirinto* – texto de Agatha Christie

Direção : Dionísio Amadi

- *Investigação na Classe Dominante* - texto de J.B. Priestley

Direção: Flávio Rangel

- *Marido, Matriz e Filial* – texto de Sérgio Jockyman

Direção : Older Cazarré

- *Tudo no Escuro* – texto de Peter Shaferm

Direção: Jô Soares

- *Futebol* – texto de Marcos Renaux

Direção: Bia Lessa

240

- *Sete Mulheres em Mim* – monólogo

Direção: Luis Gasparetto

- *De Artista e Louco, Todo Mundo Tem um Pouco* – texto de Ronaldo Ciambri

Direção: Sandro Chaim

- *Quem Programa Ação, Computa Confusão* – texto de Antony Marriot e Bob Grant

Direção: Atílio Riccó

## **Prêmios**

Troféu Roquette-Pinto, como Revelação de Atriz  
(TV Tupi)

Cinco Troféus Imprensa de Melhor Atriz

Prêmio Governador do Estado de São Paulo



## Índice

### Índice

Apresentação - Hubert Alquéres	5
Dedicatória	11
Desafiando Limites para ser Feliz de Verdade	19
Vida em Família	25
A Energia da Mãe	41
A Doçura do Pai	53
Um Irmão de Verdade	59
Miss Elfriede	65
De Telefonista a Atriz	77
Tempos de Glória na TV Tupi	85
Novas Experiências	123
As Mancadas Profissionais	137
Ascensão na TV Globo	145
Tempos de Glamour	171
Teatro: Desafio Eterno	177
Boas Lembranças do Cinema	193
A Vida pelo meu Ponto de Vista	203
Daniel, o Amor Maior	215
Epílogo	223
Cronologia	225

## **Crédito das Fotografias**

Carlos Niederecker 39

Ernesto Mandowsky 83, 88

A. S. Prieto 98

Francisco R. Fº 99

A presente obra conta com diversas fotos, grande parte de autoria identificada e, desta forma, devidamente creditada. Contudo, a despeito dos enormes esforços de pesquisa empreendidos, uma parte das fotografias ora disponibilizadas não é de autoria conhecida de seus organizadores, fazendo parte do acervo pessoal do biografado. Qualquer informação neste sentido será bem-vinda, por meio de contato com a editora desta obra ([livros@imprensaoficial.com.br](mailto:livros@imprensaoficial.com.br)/ Grande São Paulo SAC 11 5013 5108 | 5109 / Demais localidades 0800 0123 401), para que a autoria das fotografias porventura identificadas seja devidamente creditada.

## **Coleção Aplauso**

### **Série Cinema Brasil**

#### ***Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma***

Alain Fresnot

#### ***O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias***

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

#### ***Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro***

Luiz Carlos Merten

#### ***Ary Fernandes – Sua Fascinante História***

Antônio Leão da Silva Neto

#### ***Batismo de Sangue***

Roteiro de Helvécio Ratton e Dani Patarra

#### ***Bens Confiscados***

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

#### ***Braz Chediak – Fragmentos de uma vida***

Sérgio Rodrigo Reis

#### ***Cabra-Cega***

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

#### ***O Caçador de Diamantes***

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

#### ***Carlos Coimbra – Um Homem Raro***

Luiz Carlos Merten

#### ***Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver***

Marcelo Lyra

#### ***A Cartomante***

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

#### ***Casa de Meninas***

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

***O Caso dos Irmãos Naves***

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

***O Céu de Suely***

Roteiro de Maurício Zacharias, Karim Aïnouz e Felipe Bragança

***Chega de Saudade***

Roteiro de Luiz Bolognesi

***Cidade dos Homens***

Roteiro de Paulo Morelli e Elena Soárez

***Como Fazer um Filme de Amor***

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

***Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade***

Org. Luiz Carlos Merten

***Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de Invenção: Os Anos do São Paulo Shimbun***

Org. Alessandro Gamo

***Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão – Analisando Cinema: Críticas de LG***

Org. Aurora Miranda Leão

***Críticas de Rubem Biáfora – A Coragem de Ser***

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

***De Passagem***

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

***Desmundo***

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

***Djalma Limongi Batista – Livre Pensador***

Marcel Nadale

***Dogma Feijoadá: O Cinema Negro Brasileiro***

Jeferson De

***Dois Córregos***

Roteiro de Carlos Reichenbach

***A Dona da História***

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

***Os 12 Trabalhos***

Roteiro de Claudio Yosida e Ricardo Elias

***Estômago***

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

***Fernando Meirelles – Biografia Prematura***

Maria do Rosário Caetano

***Fim da Linha***

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboard de Fabio Moon e Gabriel Bá

***Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil***

Luiz Zanin Oricchio

***Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo***

Luiz Zanin Oricchio

***Helvécio Rattón – O Cinema Além das Montanhas***

Pablo Villaça

***O Homem que Virou Suco***

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

***João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias***

Maria do Rosário Caetano

***Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera***

Carlos Alberto Mattos

***José Carlos Burle – Drama na Chanchada***

Máximo Barro

***Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção***

Renata Fortes e João Batista de Andrade

***Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema***

Alfredo Sternheim

***Maurice Capovilla – A Imagem Crítica***

Carlos Alberto Mattos

***Não por Acaso***

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski e Eugênio Puppó

***Narradores de Javé***

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

***Onde Andará Dulce Veiga***

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

***Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela***

Rogério Menezes

***Quanto Vale ou É por Quilo***

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

***Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar***

Rodrigo Capella

***Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente***

Neusa Barbosa

***O Signo da Cidade***

Roteiro de Bruna Lombardi

***Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto***

Rosane Pavam

***Viva-Voz***

Roteiro de Márcio Alemão

***Zuzu Angel***

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

**Série Crônicas**

***Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças***

Maria Lúcia Dahl

**Série Cinema**

***Bastidores – Um Outro Lado do Cinema***

Elaine Guerini

## **Série Ciência & Tecnologia**

### ***Cinema Digital – Um Novo Começo?***

Luiz Gonzaga Assis de Luca

## **Série Dança**

### ***Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal***

Sérgio Rodrigo Reis

## **Série Teatro Brasil**

### ***Alcides Nogueira – Alma de Cetim***

Tuna Dwek

### ***Antenor Pimenta – Circo e Poesia***

Danielle Pimenta

### ***Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral***

Alberto Guzik

### ***Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício***

Org. Carmelinda Guimarães

### ***Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão***

Org. José Simões de Almeida Júnior

### ***João Bethencourt – O Locatário da Comédia***

Rodrigo Murat

### ***Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher***

Eliana Pace

### ***Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílabas***

Adélia Nicolete

### ***Maurice Vaneau – Artista Múltiplo***

Leila Corrêa

### ***Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem***

Rita Ribeiro Guimarães

### ***Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC***

Nydia Licia

*O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso – Pólvora e Poesia*

Alcides Nogueira

*O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um teatro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro*

Ivam Cabral

*O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma*

Noemi Marinho

*Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar*

Neyde Veneziano

*O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista – O Fingidor – A Terra Prometida*

Samir Yazbek

*Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas em Cena*

Ariane Porto

### **Série Perfil**

*Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo*

Tania Carvalho

*Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros*

Rogério Menezes

*Bete Mendes – O Cão e a Rosa*

Rogério Menezes

*Betty Faria – Rebelde por Natureza*

Tania Carvalho

*Carla Camurati – Luz Natural*

Carlos Alberto Mattos

*Cleyde Yaconis – Dama Discreta*

Vilmar Ledesma

***David Cardoso – Persistência e Paixão***

Alfredo Sternheim

***Denise Del Vecchio – Memórias da Lua***

Tuna Dwek

***Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida***

Maria Leticia

***Etty Fraser – Virada Pra Lua***

Vilmar Ledesma

***Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar***

Sérgio Roveri

***Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema***

Maria Angela de Jesus

***Ilka Soares – A Bela da Tela***

Wagner de Assis

***Irene Ravache – Caçadora de Emoções***

Tania Carvalho

***Irene Stefania – Arte e Psicoterapia***

Germano Pereira

***John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida***

Neusa Barbosa

***José Dumont – Do Cordel às Telas***

Klecius Henrique

***Leonardo Villar – Garra e Paixão***

Nydia Licia

***Lília Cabral – Descobrimo Lília Cabral***

Analu Ribeiro

***Marcos Caruso – Um Obstinado***

Eliana Rocha

***Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária***

Tuna Dwek

***Marisa Prado – A Estrela, o Mistério***

Luiz Carlos Lisboa

***Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão***

Vilmar Ledesma

***Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família***

Elaine Guerrini

***Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras***

Sara Lopes

***Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador***

Teté Ribeiro

***Paulo José – Memórias Substantivas***

Tania Carvalho

***Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado***

Tania Carvalho

***Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto***

Wagner de Assis

***Renata Fronzi – Chorar de Rir***

Wagner de Assis

***Renato Borghi – Borghi em Revista***

Élcio Nogueira Seixas

***Renato Consorte – Contestador por Índole***

Eliana Pace

***Rolando Boldrin – Palco Brasil***

Ieda de Abreu

***Rosamaria Murtinho – Simples Magia***

Tania Carvalho

***Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro***

Nydia Licia

***Ruth de Souza – Estrela Negra***

Maria Ângela de Jesus

***Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema***

Máximo Barro

***Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes***

Nilu Lebert

***Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte***

Vilmar Ledesma

***Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro***

Sonia Maria Dorce Armonia

***Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodrigueana?***

Maria Thereza Vargas

***Suely Franco – A Alegria de Representar***

Alfredo Sternheim

***Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra***

Sérgio Roveri

***Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza***

Tania Carvalho

***Vera Holtz – O Gosto da Vera***

Analu Ribeiro

***Walderez de Barros – Voz e Silêncios***

Rogério Menezes

***Zezé Motta – Muito Prazer***

Rodrigo Murat

## **Especial**

***Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso***

Wagner de Assis

***Beatriz Segall – Além das Aparências***

Nilu Lebert

***Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos***

Tania Carvalho

***Cinema da Boca – Dicionário de Diretores***

Alfredo Sternheim

***Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira***

Antonio Gilberto

***Eva Todor – O Teatro de Minha Vida***

Maria Angela de Jesus

***Eva Wilma – Arte e Vida***

Edla van Steen

***Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do  
Maior Sucesso da Televisão Brasileira***

Álvaro Moya

***Lembranças de Hollywood***

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

***Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida***

Warde Marx

***Ney Latorraca – Uma Celebração***

Tania Carvalho

***Raul Cortez – Sem Medo de se Expor***

Nydia Licia

***Rede Manchete – Aconteceu, Virou História***

Elmo Francfort

***Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte***

Nydia Licia

***TV Tupi – Uma Linda História de Amor***

Vida Alves

***Victor Berbara – O Homem das Mil Faces***

Tania Carvalho



Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m<sup>2</sup>

Papel capa: Triplex 250 g/m<sup>2</sup>

Número de páginas: 260

Editoração, CTP, impressão e acabamento:  
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

### **Coleção Aplauso Série Perfil**

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Felipe Goulart
Assistente	Edson Silvério Lemos
Editoração	Fernanda Buccelli
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Wilson Ryoji Imoto

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

---

Pace, Eliana

Geórgia Gomide : Uma atriz brasileira / Eliana Pace – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

260p. : il. – (Coleção aplauso. Série perfil / Coordenador geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 978-85-7060-639-6

1. Atores e atrizes cinematográficos – Brasil – Biografia  
2. Atores e atrizes de teatro – Brasil – Biografia 3. Atores e atrizes de televisão – Brasil - Biografia . 4. Gomide, Geórgia, 1937 I. Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Série.

CDD 791.092

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Atores brasileiros : Biografia 791.092

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional  
(Lei nº 10.994, de 14/12/2004)

Direitos reservados e protegidos pela lei 9610/98

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo  
Rua da Mooca, 1921 Mooca  
03103-902 São Paulo SP  
[www.imprensaoficial.com.br/livraria](http://www.imprensaoficial.com.br/livraria)  
[livros@imprensaoficial.com.br](mailto:livros@imprensaoficial.com.br)  
Grande São Paulo SAC 11 5013 5108 | 5109  
Demais localidades 0800 0123 401

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site  
[www.imprensaoficial.com.br/livraria](http://www.imprensaoficial.com.br/livraria)

editoração, ctp, impressão e acabamento

**imprensaoficial**

Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP  
Fones: 2799-9800 - 0800 0123401  
[www.imprensaoficial.com.br](http://www.imprensaoficial.com.br)

Elfriede Helène Gomide Witecy, vinda de tradicional família quatrocentona por parte de mãe, é uma mulher discreta, reservada e insegura. Geórgia Gomide, a atriz sensual, exuberante, glamourosa e de tantos sucessos, iniciou sua carreira quando foi eleita "A Mais Bela Esportista". Se tivesse concorrido a Miss São Paulo, talvez tivesse uma vida diferente da escolhida após convite para atuar, feito por Cassiano Gabus Mendes, na época diretor artístico da TV Tupi.

Foi assim que Geórgia estreou em 1962. E embora tenha trabalhado em praticamente todas as emissoras de televisão, foi na TV Tupi que seu nome transformou-se em sinônimo de talento. Fez 26 trabalhos na emissora, entre novelas e teleteatros, que se somam a mais sete novelas na TV Globo, sete na TV Record e duas na TV Excelsior. Atuou ainda na teledramaturgia do SBT e da TV Manchete. Dignas de elogios foram suas atuações nas novelas *Teresa*, *Gimba* e *O Preço de Uma Vida*, da TV Tupi; *Vereda Tropical*, na TV Globo, na qual fez sucesso como Dona Bina; *O Tempo e o Vento*, na TV Excelsior, onde interpretou Ana Terra, papel que mais marcou sua vida. Por conta de seus trabalhos na televisão, recebeu o Troféu Roquette Pinto, como Atriz Revelação, cinco Troféus Imprensa de Melhor Atriz e o Prêmio Governador do Estado de São Paulo. A atriz contabiliza ainda 15 espetáculos teatrais e dez filmes, com destaque para *Corisco*, *o Diabo Loiro*, e *Chão Bruto*. Quem relata a história de Geórgia Gomide é a jornalista e escritora Eliana Pace, também autora, nesta coleção, das biografias de Renato Consorte – *Contestador por Índole*; Leilah Assumpção – *A Consciência da Mulher*; e Vera Nunes – *Raro Talento*.

Mais um lançamento da **Coleção Aplauso**, da **Imprensa Oficial do Estado**, em seu trabalho de resgate e preservação da memória cultural brasileira.



ISBN 978-85-7060-639-6



9 788570 606396